SHOW
BIZZ

Ano 15 • nº 171 • Janeiro 2001 • R$ 5,90

U2
Banda nega volta às raízes

Rock In Rio
Entrevistas exclusivas com R.E.M., Beck, Queens Of The Stone Age, Silverchair, Rob Halford e Deftones

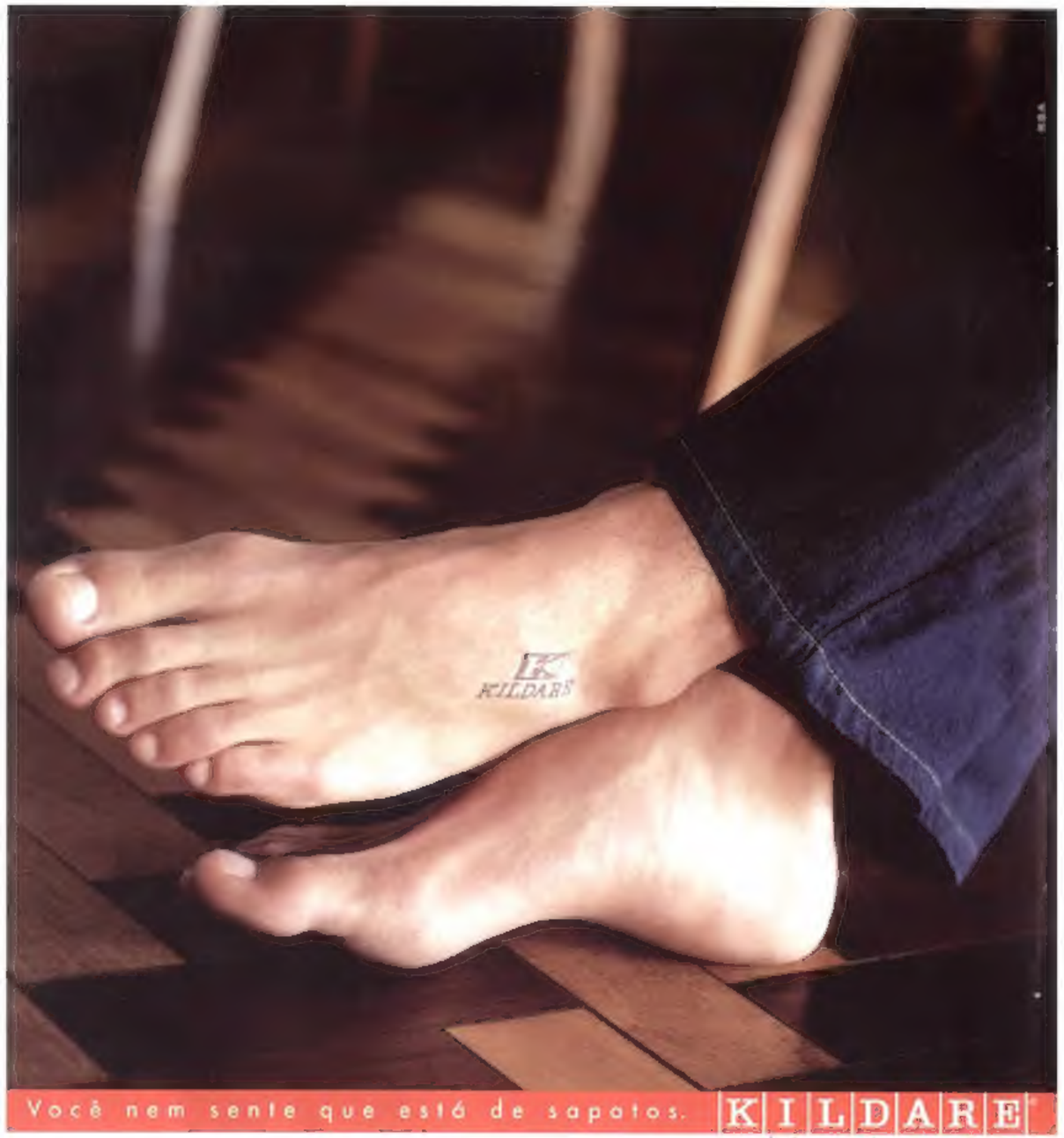
Nada pode parar um cara sagaz e cascudo

D2
Planet Hemp

o artista do ano

E mais: Radiohead, Mundo Livre S/A, Madonna e os melhores de 2000

Blur: uma década de pop • A pirataria oficial do **Pearl Jam**



BARULHO

4 Excluídos do Rock In Rio, Bad Religion, Sérgio Britto

7 Cabra Cega
Mark Knopfler, ex-Dire Straits

9 Que Fim Levou
Augusto Licks, ex-Engenheiros Do Hawaii

10 Até Quando Esperar
Vic Chesnutt, Jimi Tenor

12 Palco
O Rappa, Bidê Ou Balde

ESTE MÊS

14 Melhores de 2000
Conheça os agraciados por BIZZ

26 Independente Futebol Clube
Chegou a vez dos alternativos mostrarem seu valor

32 U2
Tudo o que eles querem deixar para trás é o passado

36 Blur
O baixista Alex James entrega a assassina do britpop

40 Queens Of The Stone Age
Nicotina, valium, vicodan, marijuana, ecstasy e álcool

44 Beck
Ameaçou, ameaçou, mas agora o homem vem

46 Silverchair
Os australianos não vêem a hora de alucinar (n)o Rio

48 Rob Halford
Tem gay no metal – e o que há de mau nisso?

50 R.E.M
Stipe, Mills e Buck finalmente entre nós

53 Deftones
Os brothers de Max que botam pra pular

54 Pearl Jam
Piratas oficiais para fãs desesperados

DISCOFAGIA

57 Limp Bizkit, Caetano Veloso, PJ Harvey

66 Importe-se
At The Drive-In, Johnny Cash

68 Os 10 mais...
Para invadir a praia

70 Minha Coleção
Wander Wildner e seus xodós

72 Discoteca Básica
Dreamtime, de Tom Verlaine

82 Detalhes
Jimmy Page flerta com o cranulhão

Capa: Marcos Hermes

O ano de 2001 mal despontou no horizonte e já conseguiu garantir lugar entre aqueles inesquecíveis para os envolvidos com música. Rock In Rio, eis o motivo.

Só um molusco surdo pode torcer contra. Para roqueiros, gravadoras, produtoras, imprensa, enfim, todo mundo neste país que respira, comercializa ou divulga música, maldizer o evento equivale a dar um tiro no pé. Do sucesso dele depende um universo. Lança-se mais discos, rolam mais turnês por aqui, vende-se mais CDs (e revistas especializadas). Sem contar os nomes escalados, que, no mínimo, farão a alegria dos fãs. Seis dos 21 artistas internacionais que se apresentarão no palco principal falaram com exclusividade para o nosso correspondente em Los Angeles, Daniel Oliveira: Queens Of The Stone Age, R.E.M, Beck, Silverchair, Rob Halford e Deftones. Pô, e ainda por cima é no Rio e em janeiro... Não dá para perder. Pense bem: você ali, perambulando pela Cidade do Rock, com sua BIZZ na mão.

As entrevistas com as bandas que tocarão dentro de alguns minutos foram devoradas com avidez. Mas nossa primeira edição do terceiro milênio (ué, não foi em janeiro passado?) lhe reserva outros refrescos. Enquanto aguarda o início do próximo show, confira a relação dos melhores de 2000. Comente, revolte-se, confirme – e lamente a ausência no Rock In Rio da maioria das bandas escolhidas. Mas nem só de listas e festivais vive o aficionado por som. Ele quer ídolos também. OK. Então pule para a reportagem sobre a passagem do U2 pelo Brasil, o balanço nos dez anos de carreira do Blur ou a radiografia dos 25 discos duplos ao vivo que o Pearl Jam acabou de lançar. Só não se empolgue muito, pois a banda já está em cima do palco tirando seus primeiros acordes. E o rock não pode esperar.

Tchau e bênção,

Emerson Gasperin

O que rolou enquanto trabalhávamos para fazer o rock prosperar

PARADA DA REDAÇÃO

***Exile On Main Street*, Rolling Stones**
Sem pretensão de fazer canções radiofônicas, eles vieram com essa preciosidade. Pintou para a emoção na editoria de arte da revista.

***Doces, Refrescos...*, Video Hits**
O disco demo da banda gaúcha nos inspirou a convidar seu vocalista para ilustrar as páginas 4 e 5 deste mês. Diego Medina é o homem.

National, National Duo paulistano que escreve crônicas sobre o underground da cidade utilizando bases musicais do esquizofrênico Wesley Willis. "Farinha" e "Paulo Belo" são de se mijar de rir.

***Xtrmntr*, Primal Scream** Tivemos de tirar a prova. Não passou. Saiu há pouco e já soa datado. O disco que mais foi citado e menos foi ouvido em 2000. Que saudade de "get your rocks off, get your rocks off, honey"...

Mesa de trabalho de Marcelo D2

Medina entre Falcão e Louro, do Rappa: no começo, tudo era festa

Embaraços de família

Acompanhe, passo a passo, a novela que tirou seis bandas nacionais do Rock In Rio

A relação entre a organização do Rock In Rio e as seis bandas nacionais que deixaram o festival pode ser comparada a um casamento. Com pitadas de folhetim. Tem de tudo – acusações de traição, promessas não cumpridas, mensagens misteriosas. Os personagens da novela são: no papel da esposa aviltada, os empresários Alexandre Lobato e Cristine Nicolai (O Rappa), Fernando Furtado (Skank), Ricardo Queiroz (Raimundos), Leninha Brandão (Cidade Negra), Marcos Barros e Jorge Valbuena (Charlie Brown Jr.) e Ricardo Chantilly (Jota Quest). Como o marido abandonado, Roberto Medina (idealizador da festa). Os coadjuvantes: Roberta Medina (coordenadora do festival), Jeferson Bandeira e Marisa Menezes (da Novamente, empresa responsável pela contratação do cast nacional).

1º capítulo 20/8/2000

São anunciadas as primeiras atrações do festival: Red Hot Chili Peppers e O Rappa. "Quando foi assinado o contrato nos garantiram que iríamos tocar à noite. Diziam que éramos maravilhosos. Apalavraram que não seríamos prejudicados", conta a empresária da banda carioca.

2º capítulo 24/10/2000

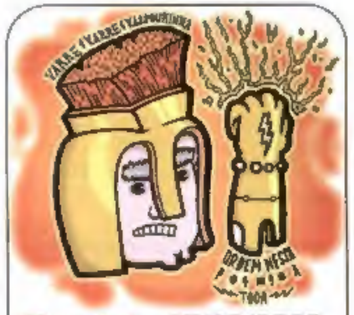
Depois de dois meses de festas, sorrisos, beijos, abraços, verdadeira lua de mel, a relação começou a findar. Já no primeiro encontro para discutir a produção do show (sentaram-se à mesa Lobato e Cristine, Roberta Medina e Bandeira e Marisa, da Novamente, além de Morris Hughes, diretor de palco, e Cesar Castanho, produtor do Rock In Rio), as divergências afloraram. A grade de horário oferecida tinha o Rappa abrindo o Palco Mundo às 18 horas, no último dia do festival. Aí o bicho pegou. Sentindo-se traídos, os empresários ameaçaram cair fora, uma tentativa de pressionar a organização.

3º capítulo 25/10/2000

Os jornais dão como certa a reeleição de Luiz Paulo Conde, a essa altura dez pontos percentuais à frente de César Maia e faltando só quatro dias para a eleição. No jornal *O Globo*, outra notícia chama a atenção: a saída do Rappa do Rock In Rio. Espanto geral. Para Cristine, empresária da banda, essa foi a forma encontrada pela Artplan para intimidar os artistas nacionais. Na mesma noite, nos bastidores da festa de 24 anos da rádio Jovem Pan FM, no Credicard Hall, em São Paulo, os empresários se reuniram e selaram a sorte de seus contratados no festival. Enquanto alguns de seus artistas se apresentavam (Skank, Jota Quest, Capital Inicial, Paralamas, Falcão, Ivete Sangalo, Lulu Santos), eles discutiam o ocorrido no dia anterior. "Se não cumpriram o prometido com o Rappa, porque não podem fazer o mesmo com a gente?", perguntou Ricardo Queiroz (Raimundos). Decidiram, então, enviar uma lista de condições para Roberto Medina como exigência para continuarem no evento.

4º capítulo 26/10/2000

As reivindicações dos empresários chegaram ao conhecimento de Roberto Medina por meio de um e-mail enviado por Queiroz naquela tarde. Quais eram:
– Novos interlocutores, ou seja, a saída dos caras da Novamente (acusados de serem arrogantes, atitude que, claro, é negada) e contato direto com o pessoal da Artplan.
– Reunião de produção com todas as bandas juntas. Pressão de lá, pressão de cá.
– A volta do Rappa em horário a partir das 19h50.
– A definição da noite do Cidade Negra.



5º capítulo 27/10/2000

Roberto Medina, o marido ausente, marca uma reunião para o dia 30 (uma segunda-feira), às 14 horas no escritório do rock, na Barra da Tijuca. O pontífice do festival dá sinais de que vai tomar as rédeas do caso.

6º capítulo 29/10/2000

Enquanto aguardam ansiosos pelo encontro, mas já com a decisão tomada, os empresários assistem à vitória surpreendente de Cesar Maia.

7º capítulo 30/10/2000

Antes mesmo da fatídica reunião, uma outra nota misteriosa invade as redações. Em solidariedade ao Rappa, mais cinco bandas cancelam a participação no Rock In Rio (Jota Quest, Skank, Raimundos, Cidade Negra e Charlie Brown Jr.). No escritório, Roberta Medina (seu pai não apareceu), Hughes, Castanho e Bandeira (ficou cinco minutos) recebem os empresários e ficam sabendo da decisão tomada. Depois de dois meses de união, o casamento estava desfeito.

A organização do festival deu ainda um prazo de 15 dias para resolver o caso. Os dias foram passando, o tesão esfriando e tudo continuou do mesmo jeito – com as bandas cancelando sua participação. Historicamente, quando o evento põe no mesmo palco os conterrâneos e os gringos, estes sempre são beneficiados.

É difícil prever até que ponto o imbróglio abalou os alicerces do festival. Para o empresário Eriberto Monteiro, há mais de trinta anos na praça, os grupos "desertores" não perderam nada. "Pela posição que ocupam no mercado, a participação ou não no Rock In Rio não deve ter maiores conseqüências em suas carreiras", afirma. Também vale lembrar que qualquer um dos artistas desistentes costuma receber, por show, o dobro do valor oferecido pela Artplan (20 mil reais).

Como em muitos casamentos desfeitos, esse também poderia ter suas pendências resolvidas com uma boa conversa e um pouco de compreensão por parte dos pombinhos. Fica para a próxima.

Guilherme A. Hungria

FRASES

"Jimi Hendrix apresentou-se às 9 horas em Woodstock e fez um show histórico."
Jeferson Bandeira, da Novamente

"O festival não perdeu nada. Saíram grandes bandas, entraram outras."
Roberta Medina, coordenadora do Rock In Rio

"Quem é Papa Roach? E Deftones?"
Leninha Brandão, empresária do Cidade Negra

"O que houve foi uma falha de comunicação."
Roberta Medina

"Cada banda terá sua própria mesa de som."
Jeferson Bandeira

"Todo mundo tem de abrir mão um pouquinho."
Idem

"O contrato das bandas nacionais é uma tradução do internacional."
Idem

"Até os dias dos shows, talvez mais bandas saiam."
Leninha Brandão

"Saímos por solidariedade."
Jorge Valbuena, empresário do Charlie Brown Jr.

"Ninguém precisa do Rock In Rio para sobreviver."
Ricardo Queiroz, empresário dos Raimundos

"Eles não achavam que teríamos a audácia."
Idem

"O Medina nos disse que o Rappa tinha tudo a ver com a idéia do festival por um mundo melhor."
Cristine Nicolai, empresária do Rappa

"Não forneço conteúdo para essa revista."
Ricardo Chantilly

Punk politicamente correto

"O estereótipo do desordeiro imbecil vandalizando, destruindo, roubando, brigando ou discutindo alguma causa sem embasamento não é mais punk do que a imagem carinha-bonitamente-vazia do popstar de hoje", filosofa Greg Graffin, a cabeça pensante do **Bad Religion**, no site oficial da banda (www.badreligion.com). Ele mantém a mesma ideologia, apesar de *The New America*, último álbum do grupo, ter sido considerado pela crítica como um dos mais comerciais que a banda já fez. Hoje, com 35 anos, o vocalista garante que se sente tão motivado a liderar o Bad Religion quanto no início da carreira, quando ainda era um moleque de 15 anos. Doutor em biologia e louco por um discurso politicamente correto, Greg falou com BIZZ por telefone e se mostrou preocupado com a banalidade na música, mas mostrou-se animado com a maior exposição do punk na mídia. Shows por aqui, talvez em março ou abril.

Para Greg, Offspring e Green Day são pop demais

O que você acha das bandas do cenário punk americano atual, como Green Day, Offspring, Blink-182?
Hoje é tudo muito mais comercial, previsível. Apesar dessas bandas provarem o quão popular pode ser o punk e chamar a atenção da mídia para o gênero, não trouxeram nada de novo para o estilo. Acho que o futuro delas é o pop rock mesmo.

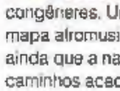
Sua banda não caminha para a mesma direção? E o discurso punk, ainda existe?
As pessoas precisam tomar cuidado ao rotularem algo de pop. O Bad Religion sempre teve a sensibilidade pop que, originalmente, nasceu com o estilo punk, e sempre nos preocupamos com a autenticidade. Acho que talvez as novas bandas tenham ficado bloqueadas pelo excesso de popularidade. Parece que, quando você se torna muito popular, não precisa mais se interessar por nada.

Você acha que hoje o Bad Religion tem o mesmo tipo de fã de anos atrás?
O perfil do fã é o mesmo. Atraímos pessoas em busca de algo mais profundo, de algum tipo de sabedoria, ou que sugira novos caminhos, novas formas de se alcançar essa sabedoria. Não, realmente, não atraímos esse público pop que só quer sair e dançar e não pensa em mais nada. Sempre houve uma porção muito pequena de pessoas que procura profundidade. Alguns dos nossos fãs crescem com o Bad Religion, outros nos conhecem só nos últimos anos.
Fabiana Batistela

Mundo Livre S/A

Exemplares que tocam em sua estante

***A Trama Dos Tambores*, Goli Guerreiro (Editora 34)**
Eis a chance para descobrir como nasceu o samba-reggae, base da música baiana que foi exportada *ad nauseum* para o resto do Brasil. Para elucidar a trama, a pesquisadora parte do fim do século 19, vai à Jamaica, África e aos Estados Unidos e chega à explosão do É O Tchan, Carlinhos Brown e congêneres. Uma verdadeira viagem pelo mapa afromusical-percussivo de Salvador, ainda que a narrativa às vezes enverede por caminhos acadêmicos demais.



***Charles Bukowski – Vida E Loucuras De Um Velho Safado*, Howard Sounes (Conrad Livros)**
Bukowski foi o escritor mais rock'n'roll que já existiu. Bebia em quantidades industriais, sempre foi um desajustado social e, em seus livros, retratou com extrema ironia toda a sociedade americana, dos pseudomodernos universitários às criaturas que perambulavam pelo submundo. Nada escapava de sua pena ferina, sobretudo porque ele próprio vivia na lama que atribuía a seus personagens. Tome um Engov antes de ler essa biografia.

Zé Kéti, Nei Lopes (Relume Dumará)
Mais um volume da série *Perfis Do Rio*, desta vez dedicado ao sambista falecido em 1999. Além de revelar que o compositor de "Máscara Negra" foi também concessionário de uma linha de barcas e dono de uma construtora, o autor aproveita esta breve biografia para dar uma geral no universo dos subúrbios cariocas dos anos 40 para cá. De quebra, inclui um vocabulário do samba nos tempos de Zé Kéti, com muitas palavras que até hoje povoam os papos da malandragem.

***Palestina – Uma Nação Ocupada*, Joe Sacco (Conrad Livros)**
Nunca foi tão fácil virar uma autoridade no imbróglio entre Israel e Palestina: basta conferir essa reportagem em quadrinhos. Para realizá-la, o autor passou dois meses no Oriente Médio coletando histórias nas ruas, nos hospitais, nas escolas e nas casas dos refugiados. Velhos, crianças, torturadores e torturados dão sua visão do conflito e Sacco trata de transportá-las para o papel, de um jeito muito mais real do que qualquer reportagem da CNN.

***Jovem Guarda – Em Ritmo De Aventura*, Marcelo Fróes (Editora 34)**
Já se disse que o movimento liderado por Roberto Carlos, Erasmo e Wanderléa foi a primeira incursão brasileira pelo rock'n'roll, por ocasião do lançamento do magistral livro *No Embalo Da Jovem Guarda*, do Ricardo Pugialli. Como fonte de informação, a obra de Fróes não deixa a desejar, com datas de lançamento e discografias. Como literatura é que o bicho pega, pois a disposição de tantos dados torna a leitura maçante, sem ritmo. Vale para consulta.

Lou Reed, no Brasil, revoltado com a péssima repercussão de seu último álbum na imprensa

"Eu me interesso pelas pessoas e todos sabem que os críticos não são gente."

A cara do cara caído

Tradicionalmente, discos-solo têm a função de mostrar um "outro lado" do autor. Em geral, são o canal para que ele exponha diferentes influências, conceitos que não se encaixam em sua banda. Ou para dar vazão a todo seu fluxo criativo, que pode andar meio sem espaço. No caso de **Sérgio Britto** e seu *A Minha Cara*, a segunda opção seria mais apropriada, já que nos Titãs todos compõem e, ultimamente, acústicos e covers têm emparrado toda uma suposta produção para as gavetas.

Mas Sérgio prefere a primeira justificativa. Ele explica que há pelo menos cinco anos queria lançar um disco-solo, no qual pudesse cuidar de cada detalhe. "Não componho pensando se vai ser para os Titãs ou não, mas há músicas nesse disco que não caberiam na banda, como 'Pensamento #2', só com piano e voz", cita. Apesar disso, as 13 canções não soam estranhas a quem está acostumado com seu trabalho no grupo. "Não quis expandir tanto para que tivesse uma unidade, uma cara."

Satisfeito com o resultado, o artista não descarta repetir a experiência. "É um bom hábito. O ideal é conciliar as duas carreiras. E nem é difícil, porque ninguém, até hoje, vendeu ou fez algo tão memorável nas carreiras-solo como nos Titãs."
Fabiana de Carvalho

A gente bota um som, eles falam o que acham do negócio

CABRACEGA

Mark Knopfler

Em passagem pelo Brasil para divulgar seu álbum-solo – *Sailing To Philadelfia* –, ele foi logo adiantando não conhecer nomes de bandas e que raramente ouve coisas frescas. Também prometeu uma turnê pelo país em abril próximo e, claro, falou sobre sua ex-banda. "Realmente não sei por que os Dire Straits nunca tocaram no Brasil. Talvez, no começo de nossa carreira, os custos para se apresentar aqui tornava inviável a nossa vinda. Mas agora as coisas clarearam e aqui estou." E, para alívio de seus fãs, Mark garantiu que vai continuar tocando músicas dos Straits em sua futura turnê. "É maravilhoso poder ver as pessoas se lembrando o quanto uma música de vinte anos atrás como 'Romeo & Juliet' significou tanto para elas", disse. O escocês, de 51 anos, iniciou sua carreira como jornalista e adorou a idéia de poder ouvir novos sons, mas retrucou: "Fiz isso aos 20 anos, quando ainda era um bebê (*risos*)".

"Stuck In A Moment You Can't Get Out Of", U2 "(*Depois de quase dois minutos*) Você pode me dizer o que é ou tenho de descobrir?
De qualquer jeito, soa-me como uma banda muito sincera, a melodia e a guitarra são OK. (*Pensa mais um pouco*) Como eu disse, não sei nada sobre bandas (*risos*). (*O repórter revela que se trata do novo U2*)
E realmente uma grande surpresa! (*Volta a pôr o fone no ouvido*) Olha, eu não tenho nada contra a fase eletrônica deles, mas, nessa música, eles soam realmente como uma banda de verdade. Muito bom."

"The Boy With A Arab Strap", Belle & Sebastian "(*Escuta por quase dois minutos também*) É um típico cara inglês nos vocais. Esses falsetes me lembram do estilo de cantar do Ray Davis, do Kinks. A sonoridade é meio frouxa, pouco forte. (*O repórter revela que a banda é de seu país, a Escócia*) Essa flauta... É uma banda tipicamente doce, muito bonitinha, para se ficar dançando e pulando (*risos*). (*Depois de saber o que é*) Já tinha escutado uma canção deles, mas não gosto muito desse tipo de som... É um típico caso de grupo 'lolinho'."

"Lo-Fi Dream", Nação Zumbi "(*Antes de completar um minuto, tira o fone*) É muito bom. Parece ser uma banda fazendo um som muito relevante para os tempos atuais, mas com raízes. (*Volta a colocar o fone e depois de 20 segundos*) Eles sabem o que estão fazendo, é realmente ótimo. Gostaria de levar um desses comigo. Qual é mesmo o nome? Tem muito ritmo, uma ótima percussão e bons músicos."

"Buffalo Springfield Again", Neil Young "(*Sorri várias vezes*) Este aqui é o Nail Young. É muito legal ele fazer uma canção sobre tudo que aconteceu, mas também não deixa de ser meio gozado. Apesar disso, é muito prazeroso ver ele escrever sobre isso e estar pouco se lixando para o que os outros vão pensar... Ele apenas adora tocar. Escreve sobre o que vem à sua cabeça... É ótimo."

"Natural Blues", Moby "(*Depois de 30 segundos*) Sei o que vai vir, samples em todo álbum, recheados de muitos loops. Gosto de música eletrônica, é legal. É engraçado ouvir esse tipo de álbum porque eu também tenho um projeto de dança escocesa no qual usei muitos loops de bateria. Esses samples aqui são de músicas antigas, originais. (*Fica sabendo que é Moby*) Ele está bem famoso agora, mas não é o tipo de música que ouço em casa. O grande negócio é que, se esse tipo de música fizer as pessoas procurarem por coisas antigas, música de raiz mesmo, ele já cumpriu o seu papel."
Marco Bezzi

Ele ficou amarradão na Nação Zumbi

Um álbum para cada ocasião

Uma idéia simples, um resultado óbvio, um livro legal. *Listen To This! – Leading Musicians Recommend Their Favorite Artists And Records* (Hyperion Press) reúne entrevistas com mais de cem artistas pop que mostram aos editores Alan Reder e John Baxter o melhor de suas coleções de discos. Os nomes vão de John Lee Hooker a Lou Barlow, passando por George Martin, Herbie Hancock, Moby, Gilberto Gil e Chuck D. Compare os favoritos de Thurston Moore, do Sonic Youth, com o que ele falou que anda ouvindo, durante a estada de sua banda no Brasil.

No livro *Listen To This*

***Their Satanic Majesties Request*, Rolling Stones**
"Esse disco me metia medo."

***Grand Funk Railroad*, Grand Funk Railroad** "Eu escutava discos quando meus pais saíam de noite e costumava ouvir muito esse. Tem uma música que começa com um bebê chorando e aquilo me pirava."

***Killer*, Alice Cooper** "Amo o estilo de composição, a aproximação, o senso de humor e o mistério completo. Aquele som que ele procurava e sua dinâmica realmente me afetaram."

***Stooges*, Stooges** "Iggy Pop sabia que o mercado o achava uma piada, mas que havia pessoas – como eu – que entendiam perfeitamente o que ele estava fazendo."

***Ege Bamyasi*, Can** "Foi o disco mais importante para mim quando eu tinha 16, 17 anos – ao lado do primeiro dos Stooges."

***Velvet Underground*, Velvet Underground** "É genial como esses álbuns que nunca venderam muito – como os do Velvet e dos Stooges – tornaram-se as obras mais importantes do fim do século 20. É uma forma de justiça artística."

***Paranoid Time*, Minutemen** "Era impressionante. Não parecia mais nada."

***Damaged*, Black Flag** "Lembro que era realmente atonal e inaudível da primeira vez. É um bom documento daquele período. Os arranjos, as guitarras, as letras e o jeito que Henry Rollins canta... Fenomenal!"

No Brasil

"Ultimamente, estamos bem ligados na música underground brasileira. O primeiro disco do **Edu Lobo**, coisas do começo da carreira de **Gal Costa**, **Gilberto Gil**, trabalhos mais antigos. Isso porque gostamos de coisas obscuras em geral. Jim O'Rourke (praticamente o "quinto" integrante do Sonic Youth) é quem nos orienta e nos dá muita coisa boa dos anos 60 e 70. É muito difícil conseguir esse tipo de música nos Estados Unidos, mas temos tentado pesquisar e nos informar. Comprei muita coisa aqui: Gal Costa, **Caetano**... Os últimos 20 álbuns que adquiri foram de artistas brasileiros. Peguei também um disco de **Jay-Z**. Eu gosto de seus álbuns. São muito bons."

Os verdadeiros gangstas

"Fique doidão e escute a nossa canção": com essa mensagem, o movimento do tráfico de drogas do Rio de Janeiro distribuiu como brinde CDs intitulados *Proibidão Do Funk*. Os discos eram destinados aos clientes dos pontos-de-venda, mas não demoraram a cair na boca do povo. No início, bastava uma volta por um bom camelódromo no centro da cidade para se achar mais de dez discos do "gênero", por volta de 5 reais cada.

As letras recheadas de gírias próprias do tráfico falam sobre como se comportar na favela, saudade do "chefe do morro" preso, como liquidar com um X9 (espião, dedo-duro), as armas preferidas, as drogas, quem já morreu e, acima de tudo, o Comando Vermelho contra o Terceiro Comando – facções rivais do crime organizado no Rio.

Hoje, não é tão fácil assim conseguir esses discos no comércio informal. Ao se andar pelas ruas do Centro, dá para identificar um camelô de CD pelo funk, que é a música mais tocada nas barracas. Nelas, alguns discos trazem "Proibidão" escrito na capa, apesar de não terem nada da barra-pesada do original, a ponto de o vendedor afirmar: "Eu só tenho 'proibidão' liberado!". É comum também ouvir o famoso "não vi, não ouvi, não sei de nada". O que não chega a ser problema para quem tem internet. Além do Napster (é só teclar "proibidão" em "title" que o menu lota), os sites www.infolink.com.br/~micha/funkadao, www.geocities.com/hpbre/mp3funk.htm e www.osbravos.hpg.com.br/proibidao.html dão uma mostra básica do que se trata.
Patrícia Rocha

Algumas pérolas do cancioneiro carioca

"Eu queria um G3/E vários pentes/Pra botar a chapa quente/E os X9 pra correr/ Sampaio aê/lá no Enganho Novo /É nós que manda/Nosso bonde é CV/Vai lá que você vai ver" ("Eu Queria Um G3")

"Alemão tu passa mal porque o Comando é Vermelho, vermelho/(...) Na onda da madrugada o bonde já tá formado/ Bruninho no pó de cinco, na boca seu baseado/Duquinha no pó de dez, com o seu fuzil na mão" ("Comando Vermelho")

"Papai, quanto tá o pó/Fala baixo meu filho/10 mil/Fala baixo meu filho/Papai, quanto tá o pó" ("Quanto Tá O Pó")

"Mas se tu tá de mancada/Você vai virar raiz/Peixe morre pela boca/Vacilão pelo nariz" ("O Gato É Preto E A Chapa É quente")

Rebeca: atitude e posicionamento feminino nas letras

Boa garota má

O termo novidade há muito virou clichê na pós-modernidade (outro lugar-comum) nossa de cada dia, é verdade, mas é um substantivo feminino que faz sentido para designar **Rebeca Matta**. Eleita a artista revelação de 1999 pela Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA) com sua estréia, *Tantas Coisas*, a baiana volta ainda mais inspirada com *Garotas Boas Vão Pro Céu, Garotas Más Vão Pra Qualquer Lugar*, lançado pelo selo paulista Lua Discos. Produzido por André T, um carinha que saca muito de "tratamentos eletrônicos", o álbum aprimora o mix de rock, pop industrial e MPB (ritmos nordestinos e releituras de clássicos) que faz a cabeça bonita e esrilosa da moça. "Os shows começaram naturalmente a ficar mais pesados. Nos ensaios, passamos a experimentar mais guitarras, mais sujeiras, mais graves. Eu sentia que assim podia me expressar melhor", afirma a artista.

Como uma boa garota má que se amarra em Tricky, Massive Attack, Lobão, Tom Zé, Moby, PJ Harvey, Chico Science, Otto e Radiohead ("*Kid A* é belíssimo"), Rebeca não se acanha em mostrar atitude e posicionamento feminino nas letras. "Eu tenho tudo que me tem e que todos têm/ E que tem o todo que tem tudo o mais/ E é assim que é, contrariado ou expandido/É no meu caso eu sou mulher/ Toda garota tem xoxota e tem muito amor pra dar", canta na faixa-título, que deve chocar ouvidos mais pudicos.

A que lugar ela quer chegar com sua música? "Desejo passear entre o visto e o imprevisto, entre o que pode fazer bem e o que pode fazer mal, entre viver o que se pode e a cada dia querer mais. Não tenho planos mercadológicos ou carreiristas. Quero continuar indo em frente, desde que seja algo intenso", diz. E intensidade é o que não falta em seu novo disco.
Hagamenon Britto

Figuras que já deram autógrafos e hoje vão em paz à padaria da esquina

QUE FIM LEVOU

Augusto Licks

"Depois do sinal, deixe recado ou mande o sinal de fax. Send fax or leave message after the bip." O recado na secretária eletrônica foi tudo o que se conseguiu arrancar de Augusto Licks nos últimos meses, durante as inúmeras tentativas de contatar o ex-guitarrista dos Engenheiros do Hawaii. Fora da banda desde o fim de 1993, após o lançamento do acústico *Filmes De Guerra, Canções De Amor*, Licks foi o homem das seis cordas que – com Humberto Gessinger e o baterista Carlos Maltz (hoje, "um místico") – levou os Engenheiros ao ponto de maior sucesso da carreira até hoje, o disco *O Papa É Pop*, de 1990. "Augusto sempre me fala que cansou dessas funções de mídia, mundo pop. Ele ficou ressabiado", diz em bom gauchês um amigo próximo.
Licks saiu dos Engenheiros após um grande imbróglio envolvendo o registro do nome da banda, uma história até hoje mal contada e que, pelo visto, ele não parece muito disposto a esclarecer. Passou uma temporada de três meses viajando pelos Estados Unidos e Europa e voltou para o Rio de Janeiro, sua sede desde que entrou na banda e gravou o segundo disco, "o da capa amarela" (1987). Musicalmente, desde sua saída, o guitarrista não se envolveu em nenhum outro projeto público nem lançou material novo. Segundo um parente (ele é o mais novo de sete irmãos, mas, até onde se sabe, não é lobisomem), Licks tem tocado guitarra e escrito músicas em casa. Mas seu tempo para isso certamente se reduziu nos últimos meses, graças ao nascimento da primeira filha de um casamento realizado em 1999.
Com mais de 40 anos, Licks anda um pouco mais próximo de sua profissão original, a de jornalista. Ele chegou a ser editor de esportes em uma rádio AM de Porto Alegre antes da vida pública, e hoje tem escrito sobre futebol para um site carioca. Assim como no mundo real, no virtual também está difícil localizá-lo: nenhum dos principais portais de busca do país encontra seu nome.
Alieson Avila

Guitarrista agora atua na área de esportes

ATÉ QUANDO ESPERAR

Maravilhas que as gravadoras tapuias ignoram

Vic Chesnutt

Letras instigantes e instrumental simples fazem a cabeça do cantor da Geórgia – e de seus ilustres fãs

Maldito, cult, underground. Essas palavras quase sempre são usadas para mascarar artistas que possuem pouco ou nenhum talento. De vez em nunca, o alvo desses adjetivos é de fato genial, mas nada consegue livrá-lo da sina de desgraçado. A saga do americano Vic Chesnutt só pode ser explicada desse jeito. Ele, que ficou paraplégico aos 18 anos, vítima de um acidente de carro, não passa de um desconhecido – algo muito estranho para um compositor que teve seus dois primeiros álbuns produzidos por Michael Stipe, do R.E.M., e ganhou um tributo em 1996, com Garbage, Madonna, Live, Smashing Pumpkins e Sparklehorse tocando suas canções. A adoração que o cantor e violonista da Geórgia suscita é justificada pela sua capacidade de escrever letras fantásticas e histórias ora trágicas e diretas, ora extremamente irônicas. Quase sempre, o instrumental vai pela simplicidade do folk e do country, ressaltando a voz cortante de Chesnutt. Muitos dos ilustres fãs babam por *Drunk*, terceiro item de sua discografia, pois nele se encontram "Kick My Ass", "Supernatural" e "Dodge", exemplos de como o amor pode ser visto de forma bizarra e do que álcool, LSD e maconha fazem com a mente de um músico. *Drunk* só se apequena quando comparado a *The Salesman And Bernadette*, que tem a superbanda Lambchop fazendo cama para os devaneios do artista. Seu último registro é *Merriment*, de 2000, ano em que iniciou uma turnê ao lado da cantora Kristin Hersh.

José Flavio Júnior

Influenciados por:
Bob Dylan, Randy Newman, Emmylou Harris, Tom Waits

Disco essencial:
The Salesman And Bernadette (1998)

Jimi Tenor

Dois takes do dândi: posando e em ação

Jimi Tenor começou a mexer com música em festivais para televisão, com bandas (Himo e Pallosalam) que protagonizaram o nascimento da cena pop finlandesa, durante os anos 80. Na metade da década, fundou seu próprio grupo, o Shamans, onde misturava a tensão hermética do pós-punk com o experimentalismo industrial, cuja marca registrada eram enormes tambores de óleo usados como percussão. Até que, depois de três discos e quase surdo, mudou-se para Nova York, onde arranjaria um emprego de fotógrafo do Empire State, retratando turistas ao lado de uma réplica de King Kong. Foi aí que o dândi descobriu seu traquejo para agradar às pessoas e – por que não? – ser pop. Lançou um disco encharcado de lounge chamado *Sähkömies*, onde despejava suas segundas intenções sexuais ao exclamar um soul pesado com hormônios em profusão e altas doses de eletrônica. Um hit em uma Love Parade ("Take Me Baby", em 1994) e começava a lenta e paciente ascensão mundial do maior (senão o único) representante do pop finlandês que se tem notícia. Os discos seguintes (*Europa*, de 1995, *Intervision*, de 1996, e *Organism*, de 1999) apenas consolidariam sua fama de Barry White em negativo, fazendo funks lentos e cafajestes suarem de paixão, cobertos por um minimalismo robótico. Tais atributos o levaram a ser contratado pela gravadora Säkho (casa da renascença eletrônica finlandesa, de grupos com Pan Sonic e Ø). Neste ano entrou em outra onda, ao abraçar jazz de vanguarda (Ornette Coleman, Sun Ra, Stan Kenton) e clássicos da história da música cinematográfica (como Lalo Schinfrim, Bernard Herrmann e Ennio Morricone) ao lado de uma orquestra polonesa de trocentos integrantes, no extraordinário *Out Of Nowhere*, um dos melhores discos de 2000.

Alexandre Matias

Influenciados por:
Isaac Hayes, Barry White, Curtis Mayfield, Burt Bacharach

Disco essencial:
Intervision (1996)

Stamp Rockwear

CAMISETAS OFICIAIS
ESTAMPAS DE ALTA QUALIDADE

RECEBA PELO CORREIO
PAGUE AO RETIRAR

TEL: 0**11 6979 7344
FAX: 0**11 6979 5456
stamp@uol.com.br

R$ 17,00 + FRETE

REGATA FEMININA

R$ 15,00 + FRETE

COLEÇÃO SPECTRUM

R$ 14,00 + FRETE

ENVIE O SEU PEDIDO POR CARTA, FAX OU E-MAIL PARA A STAMP
RUA HELIODORA, 321 CEP 02022-051 SÃO PAULO,SP

PREENCHA NOME, ENDEREÇO, REFERÊNCIA E TAMANHO P.M.G.

O FRETE SERÁ PAGO PELO CLIENTE.
O VALOR VARIA DE ACÔRDO COM O PESO DA MERCADORIA E LOCAL.

VOCÊ RECEBERÁ UM AVISO DO CORREIO PARA RETIRAR SEU PEDIDO NA AGÊNCIA MAIS PRÓXIMA DE SUA CASA.

ACEITAMOS TROCA EM CASO DE DEFEITO E TAMANHO.

DESCONTO PARA REVENDEDORES

REF	TAM	REF	TAM	REF	TAM

NOME:
END:
CEP: CID: EST:
TEL: ASSINATURA:

BIZZ /JANEIRO/2001

PALCO

Falcão em performance emocionada no primeiro show sem Yuka

Também morre quem atira

O Rappa
Forum – Curitiba 22/11

"Saudações ao Yuka. O malandro está vivo e isso é o que importa." Nem bem soam os primeiros acordes e Falcão aproveita para dar logo o seu recado, antes mesmo de cantar o primeiro verso. Na camiseta preta do vocalista, o nome do companheiro em maiúsculas brancas.

O show em Curitiba não é apenas mais uma apresentação do Rappa na cidade onde eles tocam freqüentemente desde o início de sua trajetória. Esta noite é especial. Parece uma nova estréia, pois é a primeira performance com uma baixa na formação – e, de maneira mais estúpida, impossível. Duas semanas antes, o baterista e letrista Marcelo Yuka fora alvejado por assaltantes durante uma falsa blitz na zona norte do Rio de Janeiro.

Depois de todo o estresse emocional vivido nos dias anteriores, O Rappa chegara à capital paranaense em clima de tensão. Segundo informações da assessoria de imprensa da casa, quase todos os pedidos de entrevista haviam sido negados. As poucas declarações evitavam falar do assunto Yuka. Para o telejornal local do meio-dia, o grupo concordara em ir a uma favela da cidade a fim de conhecer trabalhos artísticos e sociais da região. Apesar dos pedidos insistentes da repórter, Falcão, o guitarrista Xandão, o tecladista Marcelo Lobato e o baixista Lauro Farias só quebraram o silêncio para cantar uma música da banda.

No show, o repertório (quase o mesmo da turnê que roda o país desde o ano passado: o grosso do celebrado *LadoB LadoA*, mais alguns destaques pinçados dos dois anteriores) ficou em segundo plano. Afinal, os músicos estavam visivelmente emocionados pela ausência do colega e todo o esforço para tocar o barco adiante foi um pedido do próprio Yuka. A música "Tribunal de Rua" acabou descartada. "Esta, só quando ele voltar", explicou Falcão. Xandão também não se agüentou. "É difícil porque esta é a primeira vez em oito anos que a gente toca sem ele."

A responsabilidade maior, entretanto, está nas mãos de Lobato. O multi-homem dos botõezinhos e teclas pretas e brancas agora precisa se desdobrar no kit de bateria – para ocupar a vaga nos teclados, foi convocado o irmão de Lobato, Marcos, ligado aos bastidores do grupo. E o "novo" baterista se saiu muito bem, a julgar pelo pouco tempo de adaptação.

O grupo abriu espaço no palco para um grafiteiro e convidou para uma participação especial os rappers do grupo FMA, que haviam conhecido horas antes no link do telejornal. Mas o momento mais tocante da noite foi o hit "Minha Alma". A música parece estar mais lenta. Soa mais melancólica. E o verso "Às vezes eu falo com a vida/Às vezes é ela quem diz/Qual a paz que eu não quero conservar para tentar ser feliz", infelizmente, mais irônico...

Abonico R. Smith

A opinião de quem estava lá

IMPRESSÕES

Paulo César Wersal
20 anos, estudante
"Apóio plenamente os projetos e atitudes da banda. Acho Yuka uma pessoa bem legal."

Marina Prestes Miessa
19 anos, estudante
"Gosto muito do clipe de 'O Que Sobrou Do Céu', porque aquelas cenas realmente acontecem com muita gente em todos os lugares."

Só o rock é sobre amor

Bidê Ou Balde
Liquid – Porto Alegre, 30/11

É importante que o leitor da BIZZ saiba que está pintando por aí uma leva de grupos que vieram para salvar o rock nacional. E por mais que o mercado seja burro, por mais que as gravadoras sejam piores ainda, a revolução há de acontecer.

Com muito atraso e desorganização, o disco de estréia da Bidê Ou Balde, uma das bandas da nova safra, finalmente será lançado em todo o Brasil. No Sul, *Se Sexo É O Que Importa, Só O Rock É Sobre Amor!* está nas lojas desde novembro do ano passado e "E Por Que Não?" já é hit nas rádios da região. No país chamado Rio Grande do Sul, mais especificamente, a banda faz uma média de três apresentações por semana – não raro para platéias acima de 2 mil pessoas.

Sob tais condições, o septeto gaudério fez o show oficial de lançamento do disco numa danceteria farofa de Porto Alegre. A idéia era colocar o povo do rock num ambiente de "playboy". Lembra do titulo da matéria com eles na edição de junho de 2000? Mania de fazer tudo diferente. Apenas uma das 12 canções do CD ficou de fora do set list (a chiclete "Melissa" e a balada "Eu Te Amo Lucinda" são as melhores), que incluiu versões de "Private Idaho" (B-52's), "Cut Your Hair" (Pavement) e Lucy In The Sky With Diamonds (Beatles). Talvez, somando as qualidades das três bandas homenageadas, dê para se ter uma idéia de qual é o som da Bidê. Um pop rock de amor, de humor, de inteligência e de atitude. Teve um tal de Mutantes que fez isso...

Além das melodias do guitarrista Rafael Rossatto beirarem a perfeição, o grupo possui um vocalista que quase se mata em cima do palco e é dono de um carisma gigantesco, Carlinhos. Com ele, canta Vivi, a garota mais charmosa e simpática a fazer parte de uma banda no rock brasileiro em todos os tempos. Kátia também canta e toca escaleta e teclado (com uma mão só, pois segura o cigarro com a outra). No charme de cada integrante residem indicadores de sucesso.

Depois de "E Por Que Não?", originalmente uma música sobre incesto (todos os presentes sabiam a letra), e "K7" encerrarem a apresentação, o imprevisível Carlinhos berrou algumas vezes a palavra "revolução". Se fizermos um balanço do rock nacional popular da última década, teremos Raimundos, que gerou Charlie Brown Jr., que gerou Tihuana, que gerou O Surto. Então, chegou a hora de engrossar o grito do gaúcho. As coisas vão mudar por aqui.

José Flávio Júnior

Carlinhos, Vivi, André e Sá fazendo a festa – no detalhe, a bela vocalista

Melhores de 2000

Teve de tudo: telefonemas de rockstars preteridos ameaçando a Redação com retaliações físicas, cartas misteriosas com barulhos suspeitos, malas pretas, votos impugnados. Entre mortos e feridos, veja quem fez a diferença no ano que passou

O limiar de um novo tempo para a humanidade, no qual os justos prevalecerão e os bons serão maioria. Tecnologia para todos, desde um reles PC em casa ligado na internet até o acesso ao mais avançado tratamento na cura de uma doença. Prosperidade econômica aliada ao desenvolvimento social, superávits na balança comercial, crescimento monstruoso das empresas ponto-com. O ano 2000 passou e não aconteceu nada do que esotéricos, cientistas e consultores esperavam. E ainda perdeu a única glória que lhe restava: marcar o início do terceiro milênio. AGORA é que começou, decreta o Big Brother. Então tá.

A música não fugiu à regra, sendo regida pela imprevisibilidade que imperou nesses últimos 365 dias. Ninguém vislumbrou a dor de cabeça que o Napster daria às grandes gravadoras e sua posterior parceria com uma delas. Nem o mais afiado oráculo afirmaria que uma das únicas cabeças da cena brasileira, Marcelo Yuka, seria vítima da violência urbana que o Rappa tanto denuncia. Estrelas cujo sucesso artístico e comercial era dado como certo naufragaram no limbo criativo e nas baixas vendagens. Boybands e artistas reacionários dominaram as paradas, contrariando o mínimo senso do ridículo.

Mas a reversão das expectativas acabou trazendo coisas positivas também. Planet Hemp e Radiohead, por exemplo, surpreenderam fãs, mídia e mercado com seus discos. Caras novas, ou não tão novas assim, mas cujo talento ainda não foi reconhecido pela manada, disputaram com medalhões a primazia de estar no topo da lista – e ganharam. Alternativos descobriram que é possível sobreviver à margem do esquema e até ameaçá-lo. Talvez, para chegarmos à sabedoria que os crentes apregoavam ser dominante no planeta a partir de 31 de dezembro de 1999, seja necessário antes passar por uma espécie de purificação, por uma "zerada" nos padrões vigentes. Vai ver, a tal da Era de Aquário já esteja aí e a gente nem percebeu.

Artista do ano
Nacional

Marcelo D2

Anos de desserviços prestados pela crítica criaram para o jovem a imagem de que ser irreverente na música é bancar o engraçadinho ou vomitar palavrões, quando na maioria das vezes o humor (duvidoso) ou a boca suja escondem apenas uma veneração bovina às estruturas. Marcelo D2 é irreverente no sentido lato da palavra. Destemido, desobediente, desaforado. Em uma palavra: sagaz. Em um verso: "Ninguém leva o meu pensamento em vão, ninguém tira o microfone da minha mão". Em um desafeto: Caetano Veloso, que queria briga por causa das opiniões pouco lisonjeiras do rapaz acerca dele. Em uma frase: "Nem estou mais tão maconheiro, boto a erva no disco mais para contrariar, para encher o saco", confessa, enquanto testa o que o computador pode fazer com os registros de uma música.

Ele está sentado em frente à mesa de som, no segundo andar de uma edificação antiga, no topo de uma ladeira no bairro de Laranjeiras, no Rio. É ali que funciona a Casa do Caralho, o estúdio do Planet Hemp e, até bem pouco tempo, o lugar onde o rapper morava. À sua direita, duas pickups, um mixer e um sampler fornecem as bases que depois serão alteradas por ele no programa Pro-Tools. No chão, o disco de ouro recebido pelas mais de 100 mil cópias vendidas de *Usuário*, primeiro álbum da banda. Na parede, entre pôsteres padrão borracharia e recordações dos chegados, uma foto com o grupo acompanhado de Tiazinha, Feiticeira e das extintas Hzetes. "Foi nos bastidores de um programa aí, não lembro qual. Saca o que eu tenho na cabeça: o boné de um PM que era fã da gente", aponta. "Isso é que é troféu de carreira."

A cada declaração, vai ficando claro que D2 não estava mentindo quando batizou seu trabalho-solo, em 1998, de *Eu Tiro É Onda*. O cara é um tirador de onda nato. Chama para dar um bico pela janela. Avista-se o telhado do escritório da banda e, na parede acima, que separa a construção do terreno vizinho, um gigantesco "Planet Hemp" grafitado "em 3-D", faz questão de ressaltar. Ao lado, escoradas em outra parede, três caixas-d'água pintadas de preto ostentam as iniciais M, D e 2 em branco. Ele ri e sabe por quê. Porque só rindo, mesmo, da perseguição que o grupo vem sofrendo a partir do momento em que os delegados resolveram ser os astros.

"Sei o que faço e não me embaraço, se me deixar falar, vou causar estardalhaço", rima D2 na profissão de fé "É Isso Que Eu Tenho No Sangue". É verdade

Aos 33 anos, pai de um filho de 9, D2 tem a garra de quem costuma achar graça nas adversidades. Pela primeira vez desde 1996, fez a barba. "Anteontem fui a Brasília depor naquele processo que ainda está rolando", justifica. "Juiz gosta de cara limpa, né?", pisca, deixando no ar o duplo significado que a expressão encerra. "Preciso me livrar de uma vez desse rolo com a Justiça." O que você queria, com uma banda chamada Planeta Maconha e com várias músicas dedicadas às qualidades da maldita? "O problema é que fica todo mundo pensando que eu fumo o dia inteiro. Um dia, a gente estava num bar, numa cidade do interior, esperando a hora do show, quando chegou um moleque: 'Aí D2, tô com uma massa aqui, vamos queimar?'. Falei: 'Não, tô sossegado com minha cervejinha'. E ele: 'Ah, qualé? Pra cima de mim?'. Para você ver a idéia errada desse pessoal."

Mas não é por causa disso que a cannabis vai sumir dos discos da banda. A profissão de fé "É Isso Que Eu Tenho No Sangue" dá o tom: "Pensou que eu não ia falar de maconha? Que vergonha". A música faz parte de *A Invasão Do Sagaz Homem Fumaça* (olha ela aí de novo), terceiro álbum do Planet Hemp, o primeiro depois que um inferno astral de prisões e repressão se abateu sobre o grupo. "Inferno astral?", espanta-se D2. "Porra, estamos com um estúdio próprio, tocando onde deixam a gente tocar, pagando nossas contas" – e com uma coleção de uns 5 mil vinis, dos clássicos de jazz da Blue Note, passando por sambistas das antigas e rap underground, esqueceu de dizer. "Me proibindo ou não, estou fazendo e vivendo de música. Se amanhã a Sony (*gravadora da banda*) nos dispensar, vou continuar nessa."

Parte desse jogo de cintura vem da decisão de tramar toda a divulgação do trabalho à moda antiga, sem tevê e com o site da banda fora do ar. "Na televisão não iam permitir que a gente aparecesse. E somos totalmente relapsos com a internet", despreza. Sobrando o palco, beleza. Além disso, não vale a pena ficar guardando mágoa e alimentando úlceras com gente ou coisas que não merecem. A receita é revelada em "Stab", uma das pedradas do último álbum: "Revolução eu vou fazer de maneira diferente, tiro o ódio do coração e tento usar mais a mente". Assim, D2 pega o microfone e vai falando o que quiser. Roda na mão dos *hômi* e vai falando o que quiser. E ninguém consegue cortar a sua onda.

Emerson Gasperin

Maconha? "Até nem estou fumando tanto, boto no disco mais para contrariar, para encher o saco

A banda fez o que quis e acabou nas mais importantes publicações de música da paróquia

Artista do ano *Internacional*

Radiohead

O que o Radiohead conseguiu fazer com mídia e fãs de rock no ano que passou foi algo espetacular. Destaque em todos os veículos de comunicação – mesmo avesso a entrevistas e promoções –, ofuscou o brilho do lançamento do U2, congelou o mundo para lhe entregar um álbum frio, sem refrãos memoráveis nem histórias de amor ou riffs de guitarras assoviáveis. Pior: *Kid A* levará anos para ser compreendido e muita gente tentará copiá-lo sem atingir êxito. Todo o esquema foi proposital. A idéia era complicar ao máximo, dar coceira na cabeça da platéia. Entraram numa viagem claustrofóbica e irônica de onde é difícil imaginar como e quando sairão. Até a home page da banda é de tétrica navegação. Ela é cheia de bifurcações e provocações – a área dedicada ao comércio de produtos com a marca Radiohead leva o nome de "desperdício".

O momento não poderia ser mais propício a toda essa onda. *OK Computer*, o terceiro disco, deixou o grupo numa posição confortável. Respeito entre os pares e boas vendas foram fundamentais para que a EMI patrocinasse a estocada de Yorke, Ed O'Brien, Colin Greenwood, Jonny Greenwood e Phil Selway. Foram horas e horas em estúdio, gastando dinheiro, perdendo material, gravando jams, gastando dinheiro, duelando com seus próprios egos, descartando melodias fáceis e gastando dinheiro. Colaram o resultado da aventura, escolhendo os retalhos mais experimentais, e entregaram aos executivos. "É o seguinte: não gravaremos clipes, não lançaremos single promocional, não queremos fotos nem letras no encarte e só faremos shows com a nossa própria estrutura" – deve ter sido mais ou menos esse o papo da banda com seus patrões.

A operação parece ter sido lucrativa. Até a EMI brasileira comemorou – foram comercializadas 10 mil cópias de *Kid A* só na primeira semana de loja. E o Radiohead ficou feliz, com seu disquinho sincero, esquizofrênico e genial. Deve continuar vendendo bem conforme as pessoas forem descobrindo seus encantos escondidos. Um dia, alguém vai pegar qualquer desses filmes da Disney e descobrir que existe sincronismo entre ele e *Kid A*. Ao menos, vai ter gente retirando a parte da caixinha do CD onde o disco vai preso para achar o segundo encarte que tem ali atrás (a edição nacional saiu sem isso).

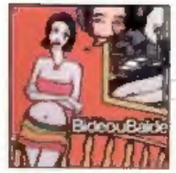
Quem ousou pensar em jogada de marketing, quem inventou teorias diminutivas para justificar a não compreensão do álbum tem alta chance de ter errado em cheio. O Radiohead é um grupo no qual ainda dá para se confiar. É possível enxergar honestidade em seus atos e isso comove. Melhor aproveitar agora. Porque, um dia, eles vão fazer o que o U2 faz hoje. Mágica, como tudo nessa vida, não é para sempre.

José Flávio Júnior

Discos do ano
Nacional

Por Pouco
Mundo Livre S/A
Não venha com essa de "Deus escreve certo por linhas tortas", conformismo ante a cegueira e falta de vontade de querer saber como as coisas realmente são. A verdade é clara porque é a realidade em que estamos inseridos. Observarmos a distância, é isso que pede Fred 04, para que possamos ter uma idéia do quadro geral. Assim, ele e seu grupo passam o lado B do *Jornal Nacional* em ditas canções pop. "Pop" como conceito gregário, mas samba espiritualmente, indo do samba-rock ("Mexe-Mexe") à bossa nova ("Meu Esquema"), passando pelo rock de breque ("Por Pouco") e por um "samblues" primitivo ("Loirinha Americana"). Brasileiro e radical, o grupo aproveita a quantidade de personas musicais e assuntos para letras e dá um panorama da sua própria importância nos anos 90. Com isso, fazem não seu melhor álbum – o troféu continua com *Carnaval Na Obra*, de 1998 –, mas seu disco-base, célula-mãe que servirá de referência a qualquer próximo trabalho da banda.

A Invasão Do Sagaz Homem Fumaça
Planet Hemp
Ao fundir rock, hip-hop e samba, a gangue liderada por D2 acabou forjando um rap com cara e jeito de Brasil, agregando o humor e o suingue que andam em extinção na matriz americana. Timbres finíssimos ("Stab"), funks intergalácticos ("12 Com Dezoito") e a malandragem de berço ("Contexto") dominam o cenário, onde não faltam a "sabedoria de quem não precisa resolver mais no tiro" e, claro, citações à erva. Para guardar e mostrar aos netos.



Se Sexo É O Que Importa, Só O Rock É Sobre Amor
Bidê Ou Balde
Nelson Rodrigues vivia dizendo que sem paixão não se chupa nem um chicabom. Pois é a voracidade, o tesão, a alegria de cantar rocks sobre o amor que faz da estréia dessa gauchada algo tão querido. Refrãos pegajosos, chala-lás, melodias assobiáveis e letras deliciosas vão de brinde. Entre os pontos altos, "(Eu Te Amo) Lucinda", "Me Envergonha", "Vamos Para Uma Excursão" e a chiclete "Melissa", homenagem a uma das gurias mais lindas de Porto Alegre.

Carteira Nacional De Apaixonado
Frank Jorge
Compositor perfeccionista e arranjador genial, o multiinstrumentista Frank Jorge (ex-Cascavelettes, Graforréia Xilarmônica e Cowboys Espirituais) lançou-se solo com "o" disco romântico de 2000, reverenciando uma linhagem da música brasileira que começa em Roberto Carlos e passa por Fábio Jr., Léo Jaime e Paulo Ricardo. Canções de amor honestas que vêm enterrar de vez a ironia nefasta dos anos 90, pois um pouco de talento não faz mal a ninguém.

Rádio S.Amb.A.
Nação Zumbi
Nação Zumbi sem Chico Science? Xiii.... *Rádio S.Amb.A.* enterra qualquer tipo de pensamento bobo como esse, confirmando a vocação da trupe do Recife para fomentar um groove que, infelizmente, deve continuar tendo muito mais moral lá fora do que na terrinha. Batuque onipresente, colagens bem sacadas e as costumeiras texturas de guitarra povoam o álbum, arrancando as tripas do samba só para ver que som que dava e mantendo a tradição dos caranguejos de nunca procurar a solução mais óbvia.

Samba Raro
Max de Castro
Todo mundo que apareceu nos anos 90 tinha de ser "brasileiro" e "moderno" ao mesmo tempo. Max de Castro esperou a década acabar para lançar seu primeiro disco, apavorando a concorrência com uma música extremamente relaxada, harmonicamente rica e de fazer qualquer clubber de cabelo verde envelhecer uns oito anos. Em vez de reunir artistas, agregou samba com a soul music e eletrônica. Deve ter dado um trabalhão fazer *Samba Raro*, um álbum cheio de opções, mas é uma moleza ouvi-lo.

Maquinarama
Skank
O disco que o Skank *precisava* fazer. Para recuperar a credibilidade, para expandir seus limites musicais, para explorar novas sonoridades, para provar que a sua geração pode ir além de covers de "Vinte E Poucos Anos". E para mostrar que o artesanato pop não é para quem quer. Ou, traduzindo: um Skank fazendo um disco "difícil", repleto de referências e com poucos refrãos deixa a rapaziada mais feliz do que um Jota Quest cometendo um trabalho fácil, extremamente fácil. Há esperança.

O futuro do bom pop rock nacional fala bah e toma chimarrão. A magistral combinação de Jovem Guarda com música cubana do mestre Frank Jorge, as cores bonitas da Bidê Ou Balde e o psicodelismo açucarado da Video Hits são indicadores do que pode acontecer em 2001. O primeiro, com 32 anos no lombo, deve aumentar sua aura cult agora que inventou uma vertente musical. Os segundos estão populares no Rio Grande, mas o Brasil só vai conhecê-los daqui a pouco. E os terceiros são a menina dos olhos da Abril Music, que injetou grana na produção do disco de estréia e vai fazer "Vo(c)" virar de qualquer jeito. Oxalá todos se criem, pois ainda tem uma ninhada dando chutes lá em baixo. De Ultramen (com segundo disco na praça) a Irmãos Rocha; de Comunidade Nin-jitsu (que está na Sony) a Tom Bloch. Entre os estabelecidos, quem arma coisa boa para o ano é Pato Fu (gravando outra de Frank Jorge), Los Hermanos e Sepultura.

Tanto Tempo
Babel Gilberto
Não se engane com o quê de modernidade (leia-se eletrônica) que esse álbum exala. Trata-se de um disco de MPB. Mas música popular brasileira sem ranço, sem rancor, sem medo do novo. A filha de João entrou com o sobrenome e com a voz, tímida e correta. Os convidados bacanas – os produtores Suba e Mario Caldato, a elegante dupla Thievery Corporation, João Donato, o DJ Amon Tobin –, com o revestimento necessário para reproduzir a bossa tecnova que tanto Bebel já enfeitou em trabalhos alheios.

Assim Caminha A Humanidade
Thaide & DJ Hum
Que importa a boina e os óculos esquisitos de Thaíde ou os beats ultradigitais usados por DJ Hum em seu novo disco? A dupla decana do hip-hop nacional continua falando a mesma verdade, sem se deixar iludir pelo glamour da vida em uma gravadora decente. *Assim...* canta outros personagens, mas aponta contra as mesmas mazelas de sempre: egoísmo, materialismo,vaidade, falta de lisura e de caráter. Se existem dois caras que sabem qual é, estes são Thaíde e DJ Hum.

As Segundas Intenções Do Manual Prático...
Ed Motta
O compositor da nova geração que mais conhece música e possui a maior coleção de discos não agüentou a tentação de fazer um álbum refinado. *As Segundas Intenções* é infestado de detalhes de produção e conduzido por diversos tipos de teclado. Wurlitzer, Fender Rhodes, Arp, Hammond, minimoog... Cada canção com um sabor diferente, para ser degustada aos poucos. Difícil é dizer qual a mais soberba: "Outono No Rio"? "Dez Mais Um Amor"?

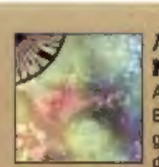
As grandes gravadoras viveram um dilema: ou davam vazão às idéias "amiscadas" de seus contratados, ou apostavam em discos ao vivo, acústicos e coletâneas. As duas situações são inversamente proporcionais. A primeira desafia o gosto do fã e reduz as vendas, mas mostra uma saudável vontade de não cair na mesmice. A outra garante o lucro, mas põe carreiras no piloto automático e denota uma inevitável acomodação. Não é preciso ser muito perspicaz para saber qual opção foi escolhida pelos executivos. No entanto, houve uma terceira via – e não foram os clones burros: companhias que, sem a obrigação de muitos dígitos, lançaram álbuns inéditos de artistas em busca de uma nova linguagem ou da reafirmação do pop, como Trama (e seus subselos) e YBrazil. Graças a elas (e a tantas outras), os brasileiros puderam conhecer uma MPB revitalizada, os eletrônicos locais, os grupos que carecem apenas de uma lapidada para estourar. Enfim, tiveram acesso à música que as megas teimam em ignorar. Viva a diversidade.

Tesouros escondidos

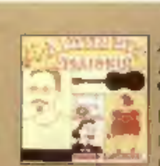
The Great Eastern
Delgados
Traição, dor, reconciliação, arrependimento, perdão, separação, conflito, medo, fragilidade, vergonha, angústia, desespero. O terceiro álbum dos Delgados trava um duelo épico e magistral entre os estereótipos masculino e feminino, nas vozes de Alun Woodward e Emma Pollock, um dueto de respeito, como se os Carpenters pudessem ter a majestade de um Led Zeppelin. E sem soar pedante ou teso, como uma excelente amostra de ótima fase que o pop escocês vive.

Juan Manuel
Plastilina Mosh
O segundo disco da dupla mexicana inscreve seu nome na galeria do ano por refinar o ecletismo apresentado no álbum anterior, que trazia uma variedade de sons e estilos associados ao trabalho de gente como Beck. Traduzindo: o que era para ser maluco ficou mais maluco, o que era para ser dançante ficou mais dançante, o que era para ser frenético ficou mais frenético. Como você pode notar, *Juan Manuel* é um álbum dominado por superlativos. *

Bedlam Ballroom*
Squirrel Nut Zippers
Pela quarta vez, Jimbo Mathus, Katharine Whalen e Cia. fizeram um disco fantástico. Parece que nada é capaz de parar o supergrupo da Carolina do Norte: mudanças na formação, morte de integrante, novos rumos musicais... E a caravana sempre passa. *Bedlam Ballroom* foi feito com esmero, para tirar as últimas dúvidas sobre o new swing ser só uma modinha e o Squirrel, passageiro. Era uma modinha, mas esses caras ainda vão durar muito. Um brinde ao som de "Bedbugs".*



Mopho
Mopho
Aprovado por Arnaldo Baptista e Rogério Duprat, o grupo alagoano Mopho viaja do pop tricolor ao rock pesado azul-púrpura. Além de Mutantes, Beach Boys e Beatles, ainda se sente a freqüência cinzenta do hard rock (Cream, Deep Purple, Hendrix) e as alegres cores lisérgicas do power pop. A cobertura final fica com as referências nacionais: Roberto Carlos, Tutti-Frutti, Secos & Molhados, Raul Seixas... O Mopho não soletra a História do Rock, ele está vivendo-a a pleno vapor.



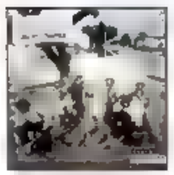
A Little Bit Of Something
Tommy Guerrero
Primeiro, um cara com um nome desses não pode ser ruim. Segundo, a gravadora que lançou seu disco, Mo'Wax, não costuma perder tempo com besteiras. Motivado por esses fatores, quem se aventurou por *A Little Bit Of Something* teve uma agradável surpresa: um trabalho relax, no qual lounge latino e belas levadas acústicas, que tanto podem lembrar um Durutti Column cucaracha ("Azucar") ou emular um climão ("So Blue It's Black").

* Não lançado no Brasil

Discos do ano
Internacional

Rated R
Queens Of The Stone Age
Depois de ouvir mais de mil vezes *Rated R*, uma brincadeira boa de se fazer é dividir suas faixas em grupos distintos. Existem as que pervertem a fórmula estrofe-refrão-estrofe-refrão-solo-refrão, colocando o solo logo após o primeiro refrão ("Feel Good Hit Of The Summer", "Better Living Through Chemistry"). Tem as desenfreadas, que vão num pau só ("Quick And To The Pointless", "Tension Head"). Há as viajandonas, cuja condução é feita à base de riffs de guitarra que se repetem lisergicamente ("Leg Of Lamb", "Monsters In The Parasol", "I Think I Lost My Headache"). E também existem as ensolaradas, pop na essência ("The Lost Art Of Keeping A Secret", "Auto Pilot", "In The Fade"). O segundo álbum do Queens Of The Stone Age é a somatória de todas essas nuances com um punhado de amigos e convidados especiais, extraterrestres, sexo, mulheres, mistério, paisagens desérticas e toda a sorte de drogas pesadas. Um estranho clássico do rock.

Community Music
Asian Dub Foundation
Um explosivo coquetel sônico que, a partir do dub que batiza a banda, se esprua por drum'n'bass, funk, reggae e – por que não? – pop. Ao conjugar com a mesma força diferentes estilos, os mestiços ingleses acabaram compondo um dos fiéis retratos do que foi a música (relevante) do ano que passou e, se o mundo for justo, do que virá. sinuosa e consciente, escapista e combativa, corpo e mente. *Community Music* apontou o caminho das pedras, é só segui-lo.



Quality Control
Jurassic 5
O Jurassic 5 impõe-se um rígido controle de qualidade para fazer o segundo melhor disco de rap em dez anos (atrás apenas de *The Chronic*, de Dr. Dre) Com quatro MCs que soam como um só – ecoando tradições da cultura negra que nascem em plantações de algodão e percorrem igrejas em forma de gospel, mutando-se em soul e doo-wop – e dois DJs cobras (o exuberante Cut Chemist e seu fiel escudeiro Nu Mark), o grupo mostra-se pronto para o que quer que venha em sua direção *

La Tigra
La Tigra
Som moderno, revolucionario e bom de dançar com letras contundentes. É claro que não estamos falando de nenhuma banda escocesa que imitava Rolling Stones. O La Tigre é a união da rebelde americana Kathleen Hanna (ex-Bikini Kill) com uma amiga fanzineira e outra videomaker, na qual berros, bateria eletrônica e guitarras encontram sua mais perfeita comunhão. Estréia acachapante, com os hits instantâneos "Deceptacon", The The Empty" e "Phanta" Para quem gosta dos primórdios do B-52's. *

Home
Josh Rouse
No ano em que o alternative country arrebanhou os últimos fãs adultos de rock e o Lambchop lançou um discão (*Nixon*), a estrela que mais brilhou foi a do compositor Josh Rouse Aos 28 anos, o americano (que não gosta do termo alt-country) juntou dez melodias pop perfeitas num disco curtinho, daqueles que dá para deixar no repeat por horas e horas. Arranjos simples, com um flugelhorn aqui, um trompete ali, e nasceram as redondinhas "Marvin Gaye", "Directions", "Laughter" e "Hey Porcupine".

Disco ao vivo: aquele prago que a gente conhece bem – e que, geralmente, não é o artista que decide quando fazer. As maiores do país do carnaval exportaram o know-how, que se encaixou perfeitamente na sanha desenfreada das matrizes por mais trocados. Neil Young largou seu selo (!) registro do tipo. Rap não se encaixa no formato? Cypress Hill teve de mostrar o contrário. Hardcore melódico ao vivo? Blink-182 cometeu. O Oasis, em crise, fez o seu para cumprir o sexto álbum do contrato com a Sony. Já que ainda existe quorum para grunge, inventou-se um do Alice In Chains. *Rock'n'roll can't never die?* Solta-se um de luxo de Jimmy Page & Black Crowes. Alguns barões que escaparam preferiram ficar em cima do muro, O U2, com pouca emoção, teceu reagetar o que as últimas ironias haviam lhe tirado. Madonna deu prosseguimento à parceria com o produtor antenado. E o mundo metálico comemorou a volta de Bruce Dickinson ao Iron e lamentou a perigosa invasão do hip-hop na seara.

Kid A
Radiohead
Consciente de sua própria época (não é difícil arranhar "moderno"), o Radiohead fotografou o vazio da virada do milênio com a mesma precisão que retratou sua espera, por meio do irônico e tenso *OK Computer*, de 1997. Embora sem atingir a coesão do trabalho anterior, o quinteto inglês conseguiu manipular a crítica e os fãs, travando um diálogo inesperado sobre arte, mídia e valores postos em xeque no lançamento de uma obra aguardada. Inesperado, mas vindo em boa hora.

In The Mode
Roni Size Reprazent
Depois de apresentar o drum'n'bass para as massas em 1997, Roni Size aponta suas baterias para revitalizar o rap, injetando macetes diferentes para combater o marasmo que se apossou do gênero. Sem abandonar, claro, o estilo que colou seu grupo na cabeça dos amantes do groove de todo o planeta. Batidas quebradas, cadências ilógicas, timbres retirados das profundezas do balanço dão o tom, às vezes leve, às vezes pesado, sempre instigante. Ouça e vislumbre uma das facetas do futuro.

Quem quiser ouvir boa música em 2001 não terá grandes problemas. Os que foram abduzidos pelo alt-country vão ficar na expectativa do quarto disco do Wilco. Um pouco mais na praia indie, sai no mês que vem o solo de Stephen Malkmus, ex-dono do Pavement. O Radiohead diz que solta um *Kid A – A Messão* em breve. Teremos uma nova "Idioteque"? Do território britânico também virão os novos de Manic Street Preachers, Travis e Pulp, que podem suscitar irisson parecido com esse que revolveu Thom Yorke. Também é bom se ligar nessa turma que mescla emoção com rock no talo: At The Drive-In, ...And You Will Know Us By The Trail Of Dead, Idlewild. A novela Guns N' Roses pinga chegar ao fim. Quem sabe, Axl solta *Chinese Democracy* e cai na estrada com o Aerosmith (álbum em março), dando um novo gás ao – estressado hard rock. Previsões que sempre valem: um rapper morrerá, Weiland (Stone Temple Pilots) será internado numa clínica para viciados e a eletrônica ganhará mais terreno (novos de Chemical Brothers e Prodigy pintando).

The Hour Of Bewilderbeast
Badly Drawn Boy
Um clássico por definição – músicas perfeitas que se interligam de um jeito que só ouvindo para entender A mágica é justamente a forma precária de gravação, que Damon Gough utiliza para enriquecer suas deliciosas canções, à medida que "achata" camadas de instrumentos. Assim, inverte a lógica pelo mesmo caminho que o rock veio (*Sgt. Pepper's* foi gravado em quatro canais, não?) e usa a limitação tecnológica em benefício próprio. E bem, o que é o melhor.

The Sophtware Slump
Grandaddy
Recorda é viver. Pena que ninguém se lembra de *Under The Western Freeway* (1997), a estréia do Grandaddy. A banda de Modesto, no deserto californiano, já havia dado toda a ponta de que merecia atenção com "Summer Here Kids" e "A.M 180". Mas precisou fazer um álbum temático para jogar os holofotes em seu "folk rock psicodélico com barulhinhos". O que o novo século reserva para o homem moderno, dominado pela tecnologia? Vá em *The Sophtware Slump* e descubra.

Figure 8
Elliott Smith
Elliott Smith ainda não havia tido tantos recursos para fazer um album. Mas se saiu muito bem com cordas ("In The Last And Found") e guitarras pesadas ("Son Of Sam", "Stupidy Tries") nesse quinto trabalho-solo. Seu vocal, sempre dobrado, manteve a emoção dos primórdios *lo-fi*, enquanto suas composições ganharam um acento ainda mais Lennon (das mesmas sessões de *Figure 8* saiu sua versão para "Because", dos Beatles, que esta na trilha sonora de *Beleza Americana*). *

Tesouros escondidos

Hot Rail
Calexico
O Calexico é tão minúsculo que seu show no Reading Festival de 2000 ficou relegado ao terceiro palco do evento (fechando o dia, é bem verdade). Mas a pequenez de seu cartaz não reflete a grandiosidade do som do duo formado pelos americanos John Convertino e Joey Burns. Eles fazem a fusão perfeita do folk fronteiriço dos Estados Unidos com mariachis e contos *hechos en Mexico*. "El Picador", "Ballad Of Cable Hogue" e "Service And Repair" estão entre as mais inspiradas do terceiro álbum. *

Sonic Junior
Sonic Júnior
"Tem que ser feliz pra sobreviver!", berra Junior, ex-batensta dos heróis do hardcore alagoano Living In The Shit. Bem sabe ele. Em sua própria banda, montada ao redor de um seqüenciador, o artista toca o preceito do manguebeat para a frente. As referências tropicalistas são aboidas em prol do suingue uno de Jorge Ben. Ao modernizar o passado urbano do Nordeste com eletrônica, dub, funk e samba-rock, a dupla propõe uma evolução musical sincera e bem-vinda.

The Mirror Conspiracy
Thievery Corporation
Rob Garza e Eric Hilton, os caras mais bem vestidos de Washington prosseguem com o requinte sonoro em seu segundo disco. The Mirror Conspiracy soa mais pop do que a estréia – isso não é defeito, acredite –, recorrendo a vozes femininas ("Shadows Of Ourselves") para tornar o som classudo de dupla palatável a ouvidos menos sutis. No mais, continua o velho bom gosto para batidas leves refrescantes, fazendo o ouvinte levitar como em "Focus On Sight" ou na faixa-título.

Picture Perfect
Maybees
Não há como disco de transição prestar. Mas como o Maybees nunca foi regra *Picture Perfect* ficou uma beleza. O quinteto paulistano rumo para uma carreira menos underground, com letras em português (finalmente). O grande mérito do segundo trabalho é azeitar o som. Lega saber que o casamento de pop rock com cordas, metais e órgão pode ser bem-feito por aqui. Experimentar um pouco mais, ousar, isso leva a coisas mágicas. Nasce uma "Chord Of Life", que vai ficar para sempre.

This Time Around
Hanson
Esse, nem vem que não tem, você não ouviu mesmo Vergonha de pedir um disco dos Hanson para o vendedor, não foi? Ah, diga que é para a irmãzinha.. Porque *This Time Around* foi o disco que melhor representou o hard rock tradicional – com direito solinho, arranjos vocais gospel, garras, riffs de guitarra emocionados – em 2000. Mais pop que tradicional, é verdade. A real é que escrever "Runaway Run" (canção perfeita, para ser cantada com o coração na boca) não é para qualquer um

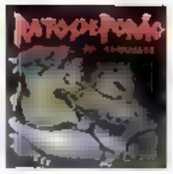
10 discos
Fora de série

Tecnicolor
Mutantes

Gravado em 1970, *Tecnicolor* só veio à tona no ano passado. A ideia era bancar uma possível carreira do grupo no exterior, mas o resultado ficou tão doido que a gravadora abortou o projeto. Desenterrado, o disco revelou o porquê do susto dos estrangeiros. O que Arnaldo Baptista, Rita Lee, Sergio Dias Liminha e Dinho aprontaram no Studios Des Dammes, em Paris, não foi brincadeira: novos arranjos para as músicas, versões em inglês, inclusão de canções que, no original, já eram em francês ("Le Premier Bonheur Du Jour", "Baby") e espanhol ("El Justiciero") e uma em português ("Adeus Maria Fulô"). Trinta anos se passaram e a obra da melhor banda brasileira de todos os tempos não envelheceu. Se apavorou a gravadora na época, hoje pode ser curtido como se fosse um lançamento gravado há pouco tempo – com vários corpos de vantagem na comparação com trabalhos de grupos "novos". Quando a reação não é de estupefação diante da atualidade das releituras, como a de "Ando Meio Desligado" ("I Feel A Little Spaced Out"), é de alegria com a gaiatice que sempre permeou o trabalho dos Mutantes, permitindo que transformassem "A Minha Menina" em "She's My Shoo Shoo". Sim, nós também temos pop do bom – e os gringos agora sabem disso.

A South Bronx Story
ESG

Um resgate precioso. Liderado pelas irmãs Emerald, Sapphire e Gold, o quinteto promoveu uma esquisita combinação de house, hip-hop e pós-punk (!) nos anos 80. Em uma faixa, você pensa que é o Gang Of Four com vocais femininos; em outra, um DJ temperando disco music com a *no wave* nova-iorquina. E as tiazinhas continuam na ativa. *



Só Crássicos
Ratos De Porão

Assim como ocorre com artistas de MPB, hoje é mais fácil achar álbuns da maior banda punk nacional em atividade no exterior do que no Brasil. A coletânea não podia ter saído em melhor hora, pois o grupo de João Gordo está fazendo 20 anos e quem não souber cantar "Beber Até Morrer" e "Aids, Pop, Repressão" vai ficar de fora da festa.

Coleção
Cassiano

Uma aula de soul para novatos. Esse deveria ser o subtítulo de *Coleção*, uma iniciativa de Ed Motta que reúne as melhores canções dos três discos de Cassiano. Merecida coletânea, que ajuda a manter viva a obra do amigo de Tim Maia. Ele ainda está na área e segue sendo cultuado (e regravado) por medalhões, como Marisa Monte.

BBC Sessions
Who

A rápida e empolgante evolução do grupo, não só como mestres do palco e instrumentistas, mas também como uma máquina de power pop e soul pesado, comprimindo angústias adolescentes, requebro black e rancor elétrico em músicas que se tornaram clássicos do rock. E tem a versão deles para "Dancing In The Street", que paga o preço do disco.

Hot 20
João Penca

Antes que o rock brasileiro dos anos 80 se tornasse "sério" e "londrino" com o RPM, houve uma leva de bandas felizes, desencanadas, divertidas e originais. Os Muquinhos foram a principal delas. Apesar do acabamento tosco, a coletânea *Hot 20* recupera para as novas gerações clássicos como "Popstar" e "Lagrimas De Crocodilo".

The Singles Collection
The Kinks

Eles foram um dos protagonistas da invasão britânica. Mesmo assim, ainda hoje os Kinks continuam como um xodó quase que exclusivo dos súditos da rainha, por conta das referências vitorianas e da obsessão com a vida operária da Ilha. Seus sucessos estão todos reunidos em seu brilho original nesta coleção de singles.

The Best Bast Of
Fela Kuti

O rei do afrobeat ganhou uma compilação que põe ordem em sua caótica obra. Fela arma monstruosas jams com percussão, jazz e soul, que, depois de bons 10, 15 minutos se encerram e são nomeadas só porque a indústria precisa desse tipo de convenção. Ele não. Acostumado a queimar fumo onde quisesse e dono de um harém com 27 mulheres, o nigeriano falecido em 1997 nunca seguiu regras. *

The Sounds Of Science
Beastie Boys

Somente no ano passado é que essa antologia dos Beastie Boys chegou ao Brasil com toda a sua pujança. O único senão é a ausência de "No Sleep Til Brooklin". Mas as 42 faixas em dois discos compensam a falha. Petardos que a rainha adora dividem espaço com goiabices (a versão de "Benny And The Jets", de Elton John), lados B e uma inédita, "Alive".

Tom Zé
Tom Zé

Além de seu primeiro álbum "brasileiro" em mais de 15 anos, Tom Zé teve quatro discos passados para CD pela coleção *Doir Momentos*. Mas raridade mesmo era a sua estreia, tropicalista de primeira hora. Entre a Jovem Guarda e a vanguarda tímida, ele registrou um trabalho tão torto quanto seus sucessores, mas ainda com o vigor juvenil que mais tarde apenas emularia.

Relançado no Brasil

Músicas do ano

Nacional

"Contexto", Planet Hemp
Segundo D2, o equilíbrio perfeito entre rock, hip-hop e samba. É mais, é o manifesto, com muito bom humor, contra a perseguição que o grupo vem sofrendo pelos setores mais arcaicos da sociedade por "fazer a apologia das drogas". "É mentira", responde o maroto sample de Marcos Valle. A gente acredita.

"Balada Do Amor Inabalável", Skank
Inspirados por "Test Card", do obscuro grupo britânico Fuzz Townshend, o Skank construiu uma bossa-lounge que não pode ser comparada a nada na história da música popular brasileira. Um embalo para qualquer ocasião. Nem Sérgio Mendes conseguiria ser tão eficiente.

"Meu Esquema", Mundo Livre S/A
Uma bossinha maladora e uma letra apaixonada. Reclamavam que o Mundo Livre não conseguia abrir o populacho, que era "inacessível" e coisa e tal. Pois os pernambucanos apareceram com um hit que figurasse em alguma trilha de novela, os levaria até as AMs da vida. Que seja apenas o primeiro do iluminado *Por Pouco*.

"E Por Que Não?", Bidê Ou Balde
A estrutura é propositadamente simples, como todas as músicas do Bidê Ou Balde. Já o tema não poderia ser mais complicado: um pai tarado pela filha. Deram uma aliviada na versão que entrou no disco, mas continua sendo uma experiência única passar pelos 4 minutos e pouco dessa balada que vira rock no refrão.

"Lo Fi Dream", Nação Zumbi
Mark Knopfler ficou impressionado (*veja na página 7*). Não era para menos: a Nação chamou o guitarrista Jeff Parker e o tecladista Dan Bitney (ambos do pós-roqueiro Tortoise) e cometeu uma espécie de transe, em português e inglês, alternando climas com colagens e tambores com suavidade. Alguém aí falou em pós-mangue beat?

Internacional

"Music", Madonna
Music, o disco, não impressiona, mas "Music", o single, destrói. Bancando a "mana", Madonna (ou seu produtor) investe em vocoders, timbres sintetizados e um ritmo que faz a alegria em uma roda de b-boys. A bacaneza foi tanta que o "hey Mr. DJ" da música acabou aparecendo até em trabalhos de gente do quinto escalão.

"Feel Good Hit Of The Summer", Queens Of The Stone Age
O cartão de apresentação de *Rated R*. Só nomes de drogas, só 2 minutos e 43 segundos, só uma idéia: Diversão. O mantra do ano, capaz de unir junkies a caretas. Politicamente incorreta até a medula, como qualquer hino rock'n'roll deve ser.

"New Way New Life", Asian Dub Foundation
O contágio é imediato. Uma levada para lá de pop abre a música, preparando a cama para os versos certeiros de Deedar Ali, quando o cidadão pensa que não vai passar disso (o que já estaria bom demais) surge o esplendor do dub acrescido de metalzinhos. Bingo! Agora só falta você pegar o jeito de cantar aquele "naya zindagi, naya jeevan".

"Don't Panic", Coldplay
Quem diria que ouviríamos um refrão como "we live in a beautiful world" em pleno ano 2000? A balada "Don't Panic" pode soar humilde simples ou pequena perto de "Shiver" e "Yellow", os verdadeiros hits de *Parachutes*, disco de estréia dos ingleses. Mas conseguir ser sutil quase sempre é mais difícil.

"Where Did It All Go Wrong?", Oasis
Ia batizar *Standing On The Shoulder Of Giants* (o que tem todo o sentido), mas a gravadora não deixou. Um órgão na cara e Noel soltando seu vocal emocionado em versos maravilhosos – "Sabe aquele sentimento que bate/Quando você se sente mais velho que o tempo?"/(...)"Você guarda os recibos/Dos amigos que compra?

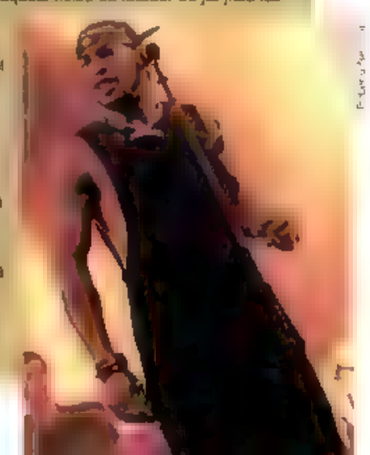
Show do ano

Nacional
Wander Wildner

Das várias ambições que Wander Wildner tem para 2001, a maior é lançar *Para-quedas Do Coração*, o disco no qual trabalha há três anos e que é uma continuação do seu primeiro, *Baladas Sangrentas*. 2000 foi o ano de rodar o país fazendo a mescla dos dois trabalhos. As versões de "Candy" (Iggy Pop), "Eu Acredito Em Milagres" (do original "I Believe In Miracles" dos Ramones) "Hippie Punk Hajneesh" (Replicantes) mais as inéditas "Não Consigo Ser Alegre O Tempo Inteiro" e "Nos Embalos De Sábado À Noite", funcionaram com perfeição, intercaladas com as já clássicas "Ustê", "Bebendo Vinho", "Lugar Do Caralho" e "Eu Tenho Uma Camiseta Escrita Eu Te Amo". No primeiro semestre, o show tinha nome. *Todas As Mulheres Do Mundo*, quando ele lascava "I Used To Love Her", do Guns N' Roses, em português.

Internacional
D'Angelo

D'Angelo merece o título de James Brown do novo milênio. O negro americano veio ao Free Jazz Festival (o mesmo que teve o incensado Sonic Youth e o nosso *hermano* Manu Chao) e mostrou ter tudo. Voz, suingue, carisma, trejeitos. Até aquele físico de lutador de jiu-jítsu fez sentido quando cantou simulando um coito, flexionando-se sobre o pedestal do microfone como se o objeto fosse uma mulher. Os 14 músicos mandavam a maior sonzeira enquanto ele era carregado pela platéia, dava palmadas no traseiro de uma fã e interpretava "Untitled (How Does It Feel)" e "Brown Sugar" como se estivesse numa alcova. Não é a toda hora que um artista de soul music do naipe de D'Angelo passa pelo Brasil. Sorte de quem presenciou.



Revelação do ano

Nacional

Bidê Ou Autoramas de Castro

Requisitos indispensáveis para um grupo ser eleito a revelação do ano: 1) ter disco lançado em todo o país, óbvio; 2) fazer sucesso; e 3) ser formado por caras novas. Baseado nesses critérios, é com orgulho e satisfação que anunciamos que nenhum nome vai receber a distinção em 2000. Ei, e O Surto, definido por um leitor (irado porque a banda foi comparada com o Tihuana) como "heavy-axé"? Afinal, os cearenses possuem todas as condições acima. É verdade. Mas esquecemos de uma (de propósito), a mais importante: não ser banal. Então, levando em conta tais exigências, sobraram três candidatos. Porém todos ficaram no quase, deixando de cumprir uma das condições.

O septeto gaúcho **Bidê Ou Balde** teve seu álbum de estréia lançado, por enquanto, apenas no Rio Grande do Sul. Ao mais pop dos Artistas Reunidos, **Max de Castro**, faltou um hit massivo, "que atravessasse a barreira das AM e FM e dos elevado". E Gabriel, Simone e Bacalhau, dos **Autoramas**, já eram rostos conhecidos do fã de boa música. Putz, então 2000 deixou a desejar. Claro que não. Ficar em dúvida entre três representantes é zilhões de vezes melhor do que vagar pela terra devastada para achar algo que se salve. Prova disso é que os discos de dois dos três indicados estrelam, com bosanas, a lista dos melhores do ano.

Bidê Ou Balde

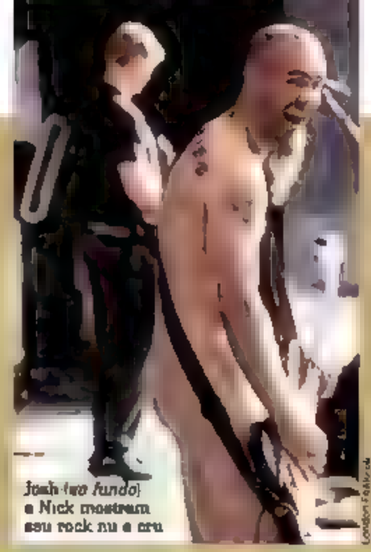
Autoramas

Max de Castro

Internacional

Queens Of The Stone Age

Josh Homme conseguiu quase tudo o que queria em 2000. Desde que concebeu praticamente sozinho o primeiro disco do Queens, em 1998, procurava um parceiro para dividir a atenção no palco, dar risada junto nas entrevistas e se sentir parte de uma banda outra vez. Pois o reencontro com Nick Oliveri, com quem fundara o Kyuss no começo dos anos 90, não poderia ser mais propício. O barbudo careca reza na mesma cartilha pró-gandaia do guitarrista. Lado a lado, eles criaram *Rated R* e trouxeram toda a atenção da mídia para a sua aba. Como um meteoro, o Queens ganhou respeito e um novo público pop que, até agora, não percebeu que a banda é de meta. Talvez o lance mais pesado, porém, seja Josh e Nick quererem glamourizar a coca-na, como foi em algum momento dos anos 80. Lama total, ou ironia exacerbada? Outro louro conquistado foi concretizar sua vinda ao Brasil. Num papo rápido durante o Reading Festival, Josh disse sonhar com uma passada pelo país. Duas semanas depois, foi anunciado o show de sua banda no Rock in Rio – quem se habilita a levá-lo para uma Rocinha Tour? Legal é pegar nossa edição de fevereiro passado, que, muito antes de *Rated R* ser lançado, muito antes de *Kerrang!*, *NME* e *Melody Maker* darem capa para o Queens, já dizia que eles abalariam.



Josh (no fundo) e Nick mostram seu rock nu e cru

London Features Int.

A opinião dos coleguinhas

Abonico R. Smith (Gazeta do Povo, PR)

Disco Nacional
1 [illegible]
2 [illegible]
3 [illegible]
4 Stress Depressão – Autoramas
5 [illegible]

Disco Internacional
1 [illegible]
2 Nick Cave & The Bad Seeds – No More Shall We Part
3 [illegible]
4 Prodigy – Music For The Jilted Generation
5 The Mars Volta – De-Loused In The Comatorium

Música Nacional
1 [illegible]
2 Pavimento – Mormaço
3 [illegible]
4 [illegible]
5 [illegible]

Música Internacional
1 [illegible]
2 Pavimento – Nothing Is Cheap In Venice
3 Red Hot Chili Peppers – Sonic Youth
4 [illegible]
5 Kyuss – Welcome To Sky Valley

Hagamenon Brito (Correio da Bahia, BA)

Disco Nacional
1 [illegible]
2 [illegible]
3 [illegible]
4 [illegible]
5 [illegible]

Disco Internacional
1 [illegible]
2 [illegible]
3 [illegible]
4 [illegible]
5 [illegible]

Música Nacional
1 [illegible]
2 [illegible]
3 [illegible]
4 [illegible]
5 [illegible]

Música Internacional
1 [illegible]
2 "Disillusion" – [illegible]
3 [illegible]
4 [illegible]
5 [illegible]

Pedro Sá (Usina do Som, SP)

Disco Nacional
1 As Segundas Intenções – [illegible]
2 Tudo Azul – [illegible]
3 Memórias, Crônicas E... – Marisa Monte
4 Ao Vivo – [illegible]
5 Por Pouco, Mundo... – [illegible]

Disco Internacional
1 2001 – Instrumentais – Dr. Dre
2 Already There – [illegible]
3 Marie Louise – Verdo Kolosov
4 The Soft Parade – Strip Generators
5 Rated R – Queens Of The Stone Age

Música Nacional
1 "Outono No Rio" – [illegible]
2 "Esperando Na Janela" – [illegible]
3 Romeo & Julieta – [illegible]
4 [illegible]
5 Artista – [illegible]

Música Internacional
1 Sex Bomb – Tom Jones & Mousse T
2 Some Tonight – Beenie Man
3 Walk On – U2
4 Big Pigs – Dr. Dre
5 Hey Simple Hey Dumb – [illegible]

Silvio Essinger (Cliquemusic, RJ)

Disco Nacional
1 Samba Rap – [illegible]
2 As Aventuras – [illegible]
3 [illegible]
4 Radio – [illegible]
5 [illegible]

Disco Internacional
1 [illegible]
2 Community – [illegible]
3 Rated R – [illegible]
4 The Aging [illegible]
5 [illegible]

Música Nacional
1 Samba Rap – Max de Castro
2 Les Hommes – Gil & Moon
3 Saturnos Mix – 509-E
4 Vamos Voar – Hanger Via Rio
5 A Figura Em Questão – Edi Motta

Música Internacional
1 "Music" – Madonna
2 The Rae Shimmy – Erreger
3 The Less – [illegible]
4 The Bat Tough – [illegible]
5 A Song For The – Richard Ashcroft

Adilson Pereira (Jornal do Brasil, RJ)

Disco [illegible]
1 A Invasão Do Sagaz – Planet Hemp
2 Stress Depressão – Autoramas
3 [illegible]
4 Fat Planet – [illegible]
5 [illegible]

Disco Internacional
1 [illegible]
2 [illegible]
3 The Yeah Eastern Leopards
4 Never Mind The Bollocks – [illegible]
5 [illegible]

Música Nacional
1 [illegible]
2 "Quem Vai Segurar" – Planet Hemp
3 Samba Rap – Max de Castro
4 Propaganda – [illegible]
5 Universal – [illegible]

Música Internacional
1 Amigos – Marisa Monte
2 Married – [illegible]
3 Minha Galera – Manu Chao
4 Nine Ghosts & Flowers – Sonic Youth
5 Oh, The Brand – [illegible]

Jotabê Medeiros (O Estado de S. Paulo, SP)

Disco Nacional
1 [illegible]
2 [illegible]
3 [illegible]
4 [illegible]
5 [illegible]

Disco Internacional
1 [illegible]
2 [illegible]
3 [illegible]
4 [illegible]
5 [illegible]

Música Nacional
1 [illegible]
2 [illegible]
3 [illegible]
4 [illegible]
5 [illegible]

Música Internacional
1 [illegible]
2 [illegible]
3 [illegible]
4 [illegible]
5 [illegible]

Tarik de Souza (Cliquemusic, RJ)

Disco Nacional
1 [illegible]
2 De Cara A [illegible]
3 [illegible]
4 Tarik [illegible]
5 A Cor [illegible]

Disco Internacional
1 As A [illegible]
2 Fora [illegible]
3 The Mars Volta – [illegible]
4 [illegible]
5 [illegible]

Música Nacional
1 [illegible]
2 [illegible]
3 Samba Rap – Max de Castro
4 Tem Coca-A Na... – [illegible]
5 Nossa Pátria Mãe [illegible]

Música Internacional
1 "Beautiful Feeling" – PJ Harvey
2 "Music" – Madonna
3 The Wrong Girl – Belle And Sebastian
4 Only Love Is [illegible]
5 The Rae Shimmy – Erreger

Alexandre Matias (Correio Popular, Campinas, SP)

Disco Nacional
1 Por Pouco Mundo... – [illegible]
2 Samba Rap Do... – Frank Jorge
3 Stress Depressão – Autoramas
4 A Invasão Do Sagaz – Planet Hemp
5 Sonic Jr. – Sonic Jr.

Disco Internacional
1 The Sound Of... – Badly Drawn Boy
2 The Yeah Eastern Leopards
3 The Nothingness Rising – Graveyard
4 [illegible]
5 [illegible]

Música Nacional
1 Carbonamerical – Astroma...
2 Andre Manuel Sobre Muddy... – Autoramas
3 Free [illegible]
4 Pra Se Garantir – [illegible]
5 Pedro Mondé E Seus Mosaico

Música Internacional
1 Playground Love – Air
2 Think Way – [illegible]
3 Spell – [illegible]
4 Fall In The River – Bob's Gardenhire
5 [illegible]

Juliana Zappia (America Online, SP)

Disco Nacional
1 [illegible]
2 [illegible]
3 [illegible]
4 [illegible]
5 Mundo Livre S/A – [illegible]

Disco Internacional
1 [illegible]
2 The Yeah Eastern Leopards
3 The Nothingness Rising – Graveyard
4 [illegible]
5 The Mars Volta – [illegible]

Música Nacional
1 Mundo Livre S/A – [illegible]
2 Pedro Mondé E Seus Mosaico – Autoramas
3 [illegible]
4 [illegible]
5 [illegible]

Música Internacional
1 Music – [illegible]
2 "Disillusion" – [illegible]
3 The Wrong Girl – Belle And Sebastian
4 Wow – Moby
5 [illegible]

Rodrigo Carneiro (O Estado de S. Paulo, SP)

Disco Nacional
1 Pedro S. Amb. A. – Nação Zumbi
2 Mamelo Sound – Mamelo Sound System
3 Por Pouco, Mundo... – [illegible]
4 Jogos De Amar – Tom Zé
5 Tecnodoll – Mulheres

Disco Internacional
1 Stories From The City... – PJ Harvey
2 Nirvana – Prima Scream
3 In The Mode – [illegible]
4 Black Mix – Gaiden Dry...
5 Tragic Eloquence – [illegible]

Música Nacional
1 O Cantinho – Nação Zumbi
2 Quem Que Caguetou?... – [illegible]
3 Face Improve Your Life... – Drumagick
4 Arthur Lee E A Pomba Gira – 3 Hombres
5 O Cego – Outro

Música Internacional
1 The Whores Hustle... – PJ Harvey
2 Tango Ballad – [illegible]
3 Music – Madonna
4 The Night – Morphine
5 Can Get No Satisfaction – Cat Power

Terence Machado (Alto Falante, MG)

Disco Nacional
1 A [illegible] – Planet Hemp
2 Mais [illegible]
3 Mar [illegible]
4 Vamos [illegible]
5 [illegible]

Disco Internacional
1 Rated R – Queens Of The Stone Age
2 [illegible]
3 [illegible] – Belle And Sebastian
4 [illegible]
5 [illegible]

Música Nacional
1 Não Manda Flor... – Mundo...
2 Contexto – Planet Hemp
3 Maconheiro – [illegible]
4 Quase [illegible] – Nação Zumbi
5 Fiverst – [illegible]

Música Internacional
1 [illegible] – Radiohead
2 Dead Weight – Richard Ashcroft
3 Better – Queens Of The Stone Age
4 Tired – Morphine
5 [illegible] – Belle And Sebastian

Bernardo Araujo (O Globo, RJ)

Disco Nacional
1 MV Bill & Mr. Raimundos
2 Ai, Se Eu Te Pego – [illegible]
3 MV Bill – [illegible]
4 Ao Estranho – João Bosco
5 Raimundos – MV Bill & Cia

Disco Internacional
1 Conspiracy Of One – Offspring
2 Brave New World – Iron Maiden
3 Crash – Bon Jovi
4 A Thousand Suns – Linkin Park
5 Morning Glory – Oasis

Música Nacional
1 Made In Brazil – [illegible]
2 Nenhum Pingo – [illegible]
3 [illegible]
4 Sinônimo – Marisa Monte
5 Nu E Cru – João Bosco

Música Internacional
1 Californication – Red Hot Chili Peppers
2 Brave New World – Iron Maiden
3 Crash – Bon Jovi
4 Faceless – [illegible]
5 The Normal One – Moby

Pedro Alexandre Sanches (Folha de S. Paulo, SP)

Disco Nacional
1 Por Pouco, Mundo... – [illegible]
2 Todos Os Cantos – [illegible]
3 [illegible]
4 [illegible]
5 A Invasão Do Sagaz – Planet Hemp

Disco Internacional
1 Silver & Gold – Neil Young
2 Alone With Everybody – Richard Ashcroft
3 Stories From The City... – PJ Harvey
4 The [illegible]
5 The Eraser – Yorke, Thom

Música Nacional
1 O Melhor De Samba... – Mundo... Livre S/A
2 Jogo Da Dúvida – [illegible]
3 [illegible]
4 Amor Aos Pedaços – Rita Lee
5 Carguero Fraqueza – [illegible]

Música Internacional
1 "I'm Mess Weapon" – PJ Harvey
2 A Song For... – Richard Ashcroft
3 Playground Love – Air
4 The Contradictions Of Falling – [illegible]
5 Stockholm Syndrome

Sergio Martins (Veja, SP)

Disco Nacional
1 [illegible]
2 Samba Rap – Max de Castro
3 [illegible]
4 Tantos Beijos – Bebê Gilberto
5 [illegible]

Disco Internacional
1 [illegible]
2 Community – [illegible]
3 Rising – Prima Scream
4 Stories From The City... – PJ Harvey
5 The Man Who Travels

Música Nacional
1 [illegible]
2 [illegible]
3 [illegible]
4 Amigos – Marisa Monte
5 Mulungu Do Caribon – [illegible]

Música Internacional
1 Smashing Eyes – Prima Scream
2 "Caught Out There" – Kelis
3 I've Seen It All – Björk
4 Send In The Clowns – [illegible]
5 "A Place Called Home" – PJ Harvey

BIZZ agradece a outros jornalistas que também nos enviaram suas listas de melhores de 2000: Daniel Oliveira, Fabiana Batistela, Fábio Bianchini, Marco Bezzi, Zeca Camargo (Fantástico, Rede Globo), Sonnha Francine (RG, TV Cultura), Roberto Maia (Radio Brasil 2000, SP), Lúcio Ribeiro (Folha de S. Paulo, SP), Carlos Marcelo (Correio Braziliense, DF), Luis Antônio Giron (Gazeta Mercantil, SP), Marcio Pinheiro (Gazeta Mercantil, RS), Luciano Vianna e Valeria Rossi (London Burning, Londres).
E não perca, no mês que vem, os eleitos pelos leitores.

Independentes começam a incomodar

O acesso facilitado à tecnologia deu nisso: qualquer um grava seu trabalho em casa ou por um pequeno selo e joga na internet. Ou nas bancas, nas lojas especializadas, na porta dos shows...

por Julio Moura
Ilustração: Frank Maia

Diz a lenda que pouco depois do grito de independência mais famoso da história brasileira, Dom Pedro reagiu de maneira pouco nobre à carta da coroa portuguesa que exigia seu retorno imediato. Às margens do Ipiranga, a missiva teria virado papel higiênico para as necessidades imperiosas do príncipe. Desde então, independência e fisiologismo são componentes comumente associados em nossa saga inglória. Na música não é muito diferente. Hoje, quando o século 21 inaugura-se tal qual um novo shopping center, as recentes tentativas de criação de uma indústria distanciada das garras das companhias multinacionais sugerem luzes no fim do túnel. Em âmbito internacional, novidades como o Napster apontam para uma reconfiguração das formas de distribuir e comercializar música no mundo.

Lobão reencontrou o sucesso vendendo seu disco entre revistas e jornais. "Prefiro ver meus CDs clonados a engrossar o coro da ABPD contra a pirataria", diz

No Brasil, em tempos de "bunda music" e outras armações limitadas, algumas iniciativas mostram que o grito de independência de artistas e produtores começa a ameaçar, ainda que de forma tímida, o monopólio do papel muitas vezes antihigiênico das grandes gravadoras.

Desde que adotou as palestras em universidades, associações e rádios comunitárias como estratégia de divulgação de seu mais recente disco, *A Vida É Doce*, distribuído exclusivamente em bancas de revistas, um dos temas favoritos de Lobão é a ganância das grandes companhias fonográficas. Acostumado a um lado não tão açucarado da vida, ele debocha das tentativas das multinacionais de reduzir o poder de fogo da independência musical via internet. "Eles alegam que programas como o Napster vilipendiam a propriedade intelectual dos artistas. Isso é hipocrisia. As editoras não me permitem relançar minhas próprias músicas. Ou [illegible] está a propriedade [illegible], vulgariza-se o cantor, que em um ano vendeu 100 mil cópias numeradas de seu último álbum, sem qualquer esquema de divulgação ligado às *majors*.

Enquanto Lobão mostra não ter rabo preso, Shawn Fanning, o americano de 19 anos que criou o Napster e provocou verdadeiro pânico nas gravadoras, atraindo a ira judicial de gente como Lars Ulrich, do Metallica, prova na prática a teoria de que todo homem tem seu preço. Pela bagatela de 30 milhões de dólares, o agora milionário Fanning tornou-se parceiro da gigante alemã de mídia Bertelsmann AG, controladora da BMG e em negociações para adquirir também a EMI. Com essa operação – que tira definitivamente o Napster da pirataria – os 40 milhões de usuários do serviço deverão desembolsar uma quantia mensal estimada em torno de 5 dólares para baixar sobretudo aquelas músicas dificilmente encontradas em lojas convencionais.

REVOLUÇÃO PELA INTERNET

No Rio, a Associação Brasileira dos Editores de Música (ABEM) também deu sinal verde à internet ao assinar um convênio com o site Imusica, no qual as 34 editoras ligadas à entidade põem à disposição cerca de 4,5 mil títulos para o comércio de música digital. Na opinião do advogado Nehemias Gueiros, especialista em direitos autorais, algo foi definitivamente transformado nas relações entre consumo e produção de música no planeta. "A internet mudou o paradigma do mercado ao desenvolver entre seus usuários a mentalidade de não pagar ou pagar pouquíssimo pelas canções que se deseja consumir. A indústria fonográfica parece ter percebido ser mais negócio incorporar essa realidade do que lutar contra ela. A tendência é o mercado de discos democratizar-se, aumentar a disponibilidade e enxugar os preços", avalia o advogado, que questiona o preço do CD nacional. "A única explicação para custar mais de 20 reais é a ganância das gravadoras. Afinal, os diretores têm de trocar os carros importados a cada ano", ironiza.

O diretor da Associação Brasileira dos Produtores de Discos (ABPD), Marcio Gonçalves, rebate o argumento de Gueiros em relação aos altos preços. Ele coloca o freguês digital na mesma nau pirata dos camelôs que vendem CDs falsificados. "O consumidor precisa entender que, quando compra um disco, está pagando os custos de produção e de gravação, mas também o trabalho dos autores e dos músicos. O CD brasileiro é, comparativamente, o mais barato do mundo. As gravadoras tornaram-se vítimas da internet e muitos artistas não vêem o quanto são prejudicados", defende o representante da entidade que regula a indústria fonográfica no país.

Para o produtor Mayrton Bahia, responsável por boa parte dos discos da Legião Urbana nos anos 80 e dono do selo Radical Records, o crescimento da rede e o fortalecimento dos independentes provocam a segmentação do mercado, algo que as gravadoras parecem ter ignorado durante décadas. "Onde está o lojista especializado no Brasil? Cada vez mais as gravadoras investem em seg-

BANCANDO O EMPRESÁRIO

[illegible] desde que [illegible] *A Vida É Doce* as bancas de todo [illegible] passaram a ser [illegible] pontos-de-venda [illegible] mercado independente [illegible]. O Dr. Sin [illegible] seguir a fórmula ao ver [illegible] cópias de seu último álbum [illegible] lançado pela Jazz Editora [illegible] liderando a empreitada [illegible] produtor Manoel Barenbein [illegible] a segmentação e descaso [illegible] nas rádios. "As estações [illegible] para tocar as músicas [illegible] vendo isso sem espaço publicitário [illegible] mas são poucos [illegible] mas [illegible] em shows para espalhar a verdade [illegible] nada [illegible] decidimos [illegible] romper o cerco [illegible] das gravadoras pelas bancas [illegible] fizemos a aposta certa [illegible] empolgá-se [illegible] lançar um disco nas bancas [illegible] das regulamentações da ABPD permite ao artista vender seu produto até pela metade do preço. O disco sai da fábrica a 1 real e [illegible]. Ao chegar na loja, custa, no mínimo, 20 vezes mais. De acordo com a ABPD, Marcio Gonçalves [illegible] sobre os custos de produção, além dos percentuais [illegible] pelos artistas. O disco é [illegible] lojistas a 12 reais e repassado por mais de 20 reais ao consumidor. O preço nas bancas, mesmo pagando cerca de 45% às distribuidoras, dificilmente ultrapassa os 15 reais.

A Panela Music prova que independência e vendas conjugam o verbo faturar sem erros de concordância. Cansado de bater nas portas das gravadoras, aliás da oportunidade de se lançar como artista, o cantor e produtor Pierre Aderne montou seu próprio selo, Goi Records, em 1996. Em sua primeira investida fonográfica, chamou artistas como O Rappa, Planet Hemp, Tom Zé e Tim Maia para gravarem hinos de [illegible] clubes do futebol brasileiro. Na época, o CD *Som Da Galera* saiu encartado na revista *Placar* e vendeu 400 mil cópias. O passo seguinte foi convidar o veterano locutor Cid Moreira para narrar passagens da Bíblia em CD. O *Novo [illegible]*, 4 volumes apocalípticos como o *Jornal Nacional*, vendeu religiosamente 16 milhões de cópias em todo o Brasil. Com dinheiro no bolso, Aderne abriu a Panela no ano passado e promete barquetes para os independentes.

Há cinco anos, encomendei uma pesquisa e constatei que havia cerca de 250 mil bancas no país. Direcionei minha distribuição e hoje [illegible] para lançar minha própria panela. Realizamos um festival de novos talentos na TV Bandeirantes. Temos mais três anos de contrato com a emissora e aposto na de produzir revelações como Farofa Carioca, Baia & Rock Boys e Bangalafumenga. Antes de Lobão criar sua gravadora, eu o convidei a fazer um disco para as bancas. Não dá para dizer que ele [illegible] a [illegible]", afirma o produtor, [illegible] que [illegible] *Se A Língua Faz Forte Da Bocal*.

Além de novas revelações, a Panela recuperou artistas outrora lançados por multinacionais como Jorge Ben Jor, Jair Rodrigues, Evandro Mesquita e Oswaldo Montenegro. Para o produtor e jornalista Bruno Levinson, ex-executivo da Sony e da Natasha, a venda em bancas só funciona para aqueles artistas que já possuem seu público cativo. Ele acaba de inaugurar, ao lado de Liminha, Coletivo em sociedade com Marcelo D2. A idéia é vender nas bancas discos, livros e revistas com novos projetos do rapper e artistas ligados ao hip-hop. "Nosso [illegible] lançamento será *A Festa Do D2*, um disco repleto de ambientes e [illegible]. Queremos publicar [illegible] de Chuck Suicide e Racionais. [illegible] sobre o Planet Hemp, antecipa. Não satisfeito em criar banda, agora D2 vai [illegible] a maior banca [illegible].

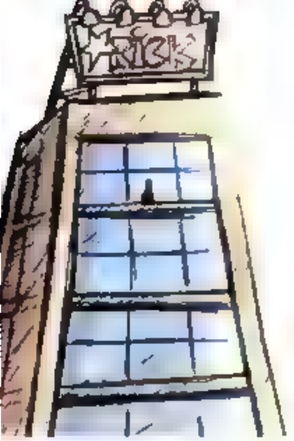
A FORÇA QUE VEM DOS SUBTERRÂNEOS

Apesar das críticas, a maioria d[illegible] bandas continua a sonhar com as [illegible] nacionais. Para o Dub, produtor Memê, está na hora de os artistas começarem a dar as caras por conta própria. "Todo mundo faria mal de gravadora, mas novos [illegible] grupos querem assinar contratos milionários. É preciso fazer como o Lobão e ir à luta, em vez de reclamar oportunidades", diz. No circuito underground, entretanto, há muita gente fazendo seu próprio mercado. Um exemplo é a Tamborete Records, comandada pelo guitarrista Panço, da banda Jason. O escritório do selo, que possui em seu catálogo trabalhos de bandas como Gangrena Gasosa (*Smells Like Tenda Espírita*), Zumbi Do Mato (*Pesadelo Na Discoteca*) e Jason (*Eu Sou Quase Fã Do Mim Mesmo*), resume-se ao quarto e à cozinha da casa de Panço, na Vila da Penha, zona norte do Rio.

Fundei a Tamborete em 1997, com Rafael Ramos (ex-*Saba Comédia*, atual apresentador do Quiz MTV), e até agora, lá lançamos 16 títulos. A maior parte das bandas traz seu disco já pronto e nós entramos com a prensagem, a capa e a distribuição em lojas especializadas, portas de shows e via internet. Fazemos a gravadora para tornar realidade os álbuns das bandas com as quais nos identificamos", explica. O ex-sócio Rafael deixou a Tamborete há alguns meses para montar seu próprio estúdio. Panço segue administrando todos os "departamentos". Pela manhã, sou o presidente da gravadora. À tarde, quando vou a bancos e ao correio, assumo a função de office boy, orgulha-se o *one-man label*.

Outro sistema de distribuição adotado pela gravadora é a troca de discos. "Temos parceiros por todo o Brasil, como a Monstro Discos, de Goiânia, e a Barulho Records, de Curitiba. Distribuímos também bandas independentes como a Delinquentes, de Belém. O sistema de trocas é muito eficiente, já que quase todos temos bandas ou fanzines. É uma maneira de todo mundo distribuir todo mundo, garante o "executivo" que recusou proposta de gravar por uma multinacional. "Eles sugeriam que a banda fizesse uma coisa [illegible] comercial, com refrãos. Recusamos na hora. O mais importante é você ter liberdade para fazer o som que quiser", receita, incluindo Coqueiro (MG), Baratos Afins, Short Spicy Highlight (SP), Midsummer Madness (RJ) e Thirteen (Taubaté) no rol das independentes radicais.

A paranaense Barulho Records possui até uma rádio punk via internet. Além do catálogo do selo, formado por bandas locais como Noção De Nada, Los Valos e Sugar Kane, é possível acessar um verdadeiro universo hardcore no dia virtual. Segundo o dono da Barulho, Julio Linhares, a média mensal de vendas está em torno de 3 mil cópias. "Por enquanto, nossa distribuição se resume a pequenas lojas e trocas com outros selos, além da mala-direta. Aos poucos, pretendemos intensificar as vendas na internet", planeja. Para quem não se lembra, a onda grunge foi disseminada no mundo inteiro por um misto de gravadora e loja de discos para lá de alternativa, a Sub Pop, de Seattle. Munidas de tecnologia e decibéis, fica mais fácil para as bandas do underground brasileiro mostrarem que não fazem muito barulho por nada.



Leonardo Panço, faz-tudo da Tamborete: "Pela manhã, sou o presidente da gravadora. À tarde, quando vou a bancos, me transformo no office-boy"

mentos popularescos, massificados. O que empurrou o mercado para a pirataria foi a falta de preocupação com a qualidade do produto por parte das próprias gravadoras que hoje esperneiam com medo de perder seus monopólios por causa da internet", diagnostica.

À PROCURA DE NICHOS

Afirmando-se "totalmente sem diálogo" com as grandes corporações, Lobão explica que foi fundo na segmentação para montar sua própria gravadora, a Universo Paralelo. "Viajo por todo o país e fico ligado nos nichos. Quando vejo um bando de malucos em Fortaleza falando mal de carnaval ou encontro um grunge no Amazonas reclamando da 'bunda music', penso: esses são os caras que vão se interessar pela música que eu faço. *A Vida É Doce* toca apenas em rádios comunitárias. Prefiro falar para 100 pessoas sintonizadas com meu trabalho a pagar mico no Faustão, onde milhões de telespectadores querem ouvir o É O Tchan", compara.

Segundo Lobão, os piratas estão nas próprias gravadoras. "Me dei ao trabalho de numerar todas as cópias de *A Vida É Doce* e distribuí nas bancas pela metade do preço das lojas. As grandes gravadoras ludibriam público e artistas ao venderem discos por preços altíssimos, sem numeração. Fui ejaculado da Universal porque denunciei isso. Para mim, é mais interessante ver meus álbuns clonados no camelô a tomar parte de uma campanha ridícula como aquela da ABPD contra a pirataria", critica, referindo-se à publicidade mequetrefe da entidade, com a participação de medalhões da MPB, contra o consumo de discos falsificados.

GELADEIRA RECORDS

Assinar com uma grande gravadora não garante a presença de seu disco no comércio. A banda carioca de rock O Boato gravou um álbum pela Warner e ficou a ver navios piratas. "Passamos um ano na geladeira, com o CD já gravado, até que eles decidissem lançá-lo sem qualquer estratégia. Não havia discos nas lojas, nenhuma música tocou no rádio, ninguém exibiu o clipe. Só nos éramos obrigados a cumprir a nossa parte no contrato", acusa Beto, um dos vocalistas do grupo, que encerrou suas atividades na impossibilidade de desfazer o acordo.

Calejada por uma experiência semelhante, o grupo Baia & Rock Boys resolveu reconstruir o futuro na arca de Noé dos independentes. "Fizemos nosso primeiro disco e vendemos cerca de 10 mil cópias em portas de show e pontos estratégicos. Assinamos contrato com um selo ligado a Universal e ingenuamente acreditamos que eles iam trabalhar para estourar a gente. Os resultados foram decepcionantes, não encontrávamos nosso CD em lugar nenhum. Precisávamos comprar nossos discos da gravadora e revendê-los por conta própria. Vamos lançar nosso novo álbum no primeiro semestre de 2001 usando a internet como trunfo. Conhecemos nosso público muito melhor do que qualquer gravadora", orgulha-se o líder da banda, Maurício Baia.

Para o ex-diretor da ABPD e dono do selo Visom, Carlos Andrade, o mercado está dividido, apesar dos números oficiais dizerem o contrário. Segundo a ABPD, 90% do mercado brasileiro pertence às *majors* – ficando os outros 10% com as independentes. Ele discorda: "Em 1999, foram fabricados 270 milhões de CDs, sendo 35% CD-ROMs, o que daria cerca de 175 milhões de CDs de música. Os números auditados pelas *majors*, no mesmo ano, bateram 90 milhões de discos fabricados. Para onde foram os outros 85 milhões, senão para as independentes?", questiona.

O jornalista e letrista Nelson Motta, ex-diretor artístico da Warner, não aceita as desculpas para a ausência de novidades no mercado. "As gravadoras não existem para produzir cultura. São empresas comerciais, voltadas para o lucro. Até os anos 70, só se podia fazer disco com elas, não havia sequer estúdios para alugar. Hoje, com as novas tecnologias, qualquer um grava seu trabalho em casa e joga na rede. Todos podem mostrar sua cara. Não existe mais Van Gogh na música", dispara ele, fazendo valer a máxima capitalista, o que não é business, é entretenimento. Ou ambos.

ARTISTAS FORA DO ESQUEMÃO: UMA HISTÓRIA ANTIGA

Chiquinha abre alas

A primeira artista a abrir caminho para a produção independente no Brasil – mesmo do século 20, foi a pianista e compositora Chiquinha Gonzaga, ao editar por conta própria suas partituras, vendendo-as de mão em mão. Em 1919, seu lobby não só a fez montou dois selos, Popular e Juno, na tentativa de fazer frente à Casa Edson, administrada pela Odeon (atual EMI) e principal companhia de discos da época. Baseando seu repertório em gravações de artistas "populares" ou não-eruditos – leia-se: malditos – de acordo com os padrões vigentes – os selos de Gonzaga produziram e lançaram discos de Sinhô (o pianista "rei do samba" e boêmio do Rio nos anos 20) e Francisco Alves, entre outros, antes de falirem menos de um ano depois. Detalhe: as gravações dos 78 RPMs antes da década de 20 eram mecânicas, ou seja, enquanto os cantores se esgoelavam no estúdio, os técnicos gravam as maravilhas que registravam as músicas – ou o que podia ser captado delas – nos sulcos. As gravações elétricas só chegariam ao Brasil pouco antes dos anos 30.

Bossa nova empreendedora

A bossa nova, quem diria, nasceu em berço independente. Em 1958, o selo Festa, do jornalista Irineu Garcia, lançou, sem maiores pretensões, o álbum *Canção Do Amor Demais*, com Elizeth Cardoso cantando músicas de Tom Jobim e Vinicius de Moraes. Ouvia-se pela primeira vez a banda revolucionária do violão de João Gilberto. Curioso é que o nome do violonista – segundo o jornalista Ruy Castro, à época João era mais conhecido como *Zé Maconha*, nem sequer aparecia nos créditos. Quis a bossa nova a criar seu próprio selo, Elenco, de Aloysio de Oliveira (que em parceria com a Philips, atual Universal), lançou discos de Jobim, Caymmi, Baden Powell, Marcos Valle e Nara Leão pela Elenco.

A sociedade de Raul

Em 1971, Raul Seixas não passava de um assistente de estúdio da Philips frustrado com as pífias vendas de seu disco de estréia, *Raulzito E Seus Panteras* (RGE). Aproveitando um lapso da diretoria (ou segundo alguns, uma viagem de férias de seus chefes), Raul reuniu um bando de loucaços, gravou e lançou o esquizofrênico *Sessão Das Dez*, assinado pela Sociedade da Grã-Ordem Kavernista – na verdade, ele, Sérgio Sampaio, Miriam Batucada e Eddy Star. Foi o bastante para a gravadora demitir Raul como produtor e contratá-lo como artista. A consagração do maluco-beleza aconteceria no ano seguinte, com o clássico LP *Krig-ha Bandolo*, que trazia "Mosca Na Sopa", "Al Capone" e "Ouro De Tolo".

A consciência de Tim

Outro a viver eternamente em atrito com as gravadoras foi Tim Maia. No livro *Nuvens Tropicais*, Nelson Motta conta que o artista, ao assinar seu primeiro contrato com a Philips, presenteava os executivos da companhia com ácidos lisérgicos. "E para ver se vocês expandem a consciência", avisava com voz de trovão. Cansado de brigar com as multinacionais, Tim montou seu próprio selo, Vitória Régia, onde lançou toda a sua produção desde o fim dos anos 80 até sua morte, em 1998.

Amor – e mercado – livre nos anos 70

O mercado independente teve seu maior impulso durante a década de 70. Em tempos de censura pesada, foram várias as iniciativas de descentralizar a produção de discos do monopólio das grandes companhias. O LP *Feito Em Casa* (selo Artezanal), do pianista Antonio Adolfo, vendeu cerca de 20 mil cópias num esquema completamente alternativo.

O próprio Adolfo ia de cidade em cidade com uma kombi repleta de vinis e um órgão portátil, fazendo shows e vendendo discos impulsionados por Adolfo, artistas como Hermeto Paschoal (Som Da Gente), Lula & Joana (Nós Cá Em Casa) e Francisco Mário (Liberais) montaram seus próprios selos e saíram atrás de lojistas e consumidores. Gravadoras como a Marcus Pereira e a Kuarup lançavam artistas esnobados pelas multinacionais, como Cartola, Elomar e Paulo Moura. Até o jornal *Pasquim*, um dos poucos órgãos de imprensa a posicionar-se deliberadamente contra a censura, criou o selo Pasquim e uma série chamada *Disco De Bolso*. Os primeiros independentes a chegarem ao disco de ouro foram os vocalistas hippies do Boca Livre. O álbum de estréia do grupo vendeu 100 mil cópias entre 1978 e 1979. De dentro das multinacionais, também houve tentativas, nem sempre bem-sucedidas. Em 1972, o anárquico Jorge Mautner criou o selo Pirata, junto à Philips, e tudo que conseguiu lançar foi um disco do também maldito Jards Macalé, sem qualquer apoio da gravadora.

Românticos endividados

Cooperativa e mutirão são expressões que, até o romantismo revolucionário dos anos 70. No Rio, um bando de deadas, idolatrados pelos eruditos Nelson Macedo e Ayrton Barbosa, reuniu-se para montar a Cooperativa de Músicos Associados (COOMUSA). Por meio de um sistema de cotas, cada associado dava sua colaboração em dinheiro à entidade, que patrocinava gravações de discos, compra de instrumentos e chegou até a montar um restaurante para que os associados pudessem se apresentar e lançar seus álbuns. "Conseguimos viabilizar a produção de mais de 50 discos. Entretanto, [illegible] sem pé no chão acaba em prejuízo. Fechamos a COOMUSA em 1985, afundados em dívidas", lembra Macedo, ex-presidente da Ordem dos Músicos do Brasil (OMB). Independentes de primeira hora como Antonio Adolfo e o grupo Boca Livre estavam entre os sócios.

Rosemblit boicotada

A gravadora pernambucana Rosemblit teve grande importância no mercado nordestino por lançar compositores locais como Capiba e Nelson Ferreira. Quando estava à beira da falência, no fim da década de 70, medalhões como Chico Buarque, MPB-4 e Paulinho da Viola organizaram um movimento para salvar a gravadora, que seria assumida pelo empresário Antônio Ermírio de Moraes e gerida em sociedade pelos artistas. De acordo com o jornalista Ricky Goodwin, a empreitada fracassou devido a ameaças jurídicas das companhias às quais os artistas eram vinculados.

Copacabana me engana

Outra à margem do som do Nordeste foi a Copacabana, que entre as décadas de 50 e 70 fez a alegria de porteiros, empregadas domésticas com outsiders como Jackson do Pandeiro e Trio Nordestino em seu catálogo. Vendido para a EMI em 98, o acervo da Copacabana hoje é lançado em conta-gotas, em coletâneas que primam pela ausência de informações e pelo mau gosto nas capas.

Vanguarda paulistana

Na virada da década de 80, a gravadora Paulistana arregimentou gente como Tania Assumpção, Arrigo Barnabé, Língua de Trapo, Rumo e Premeditando O Breque, que constituíram uma espécie de "independente futebol clube" da vanguarda nacional. Pouco depois, o selo associou-se à Continental (hoje incorporada à Warner), que entrava com os serviços de divulgação e distribuição. Na cola da Lira surgiram Fricote – que obteve repercussão ao lançar um disco antológico de Raul Seixas em 1983 – e hoje distribui selos como a Rock It! – e a Baratos Afins, que trouxe Arnaldo Baptista do limbo muito antes de Beck e Sean Lennon.

Quem falou em passado?

No fim de 2000, o quarteto pintou no Brasil para gravar um miniespecial exibido no *Fantástico*. Entre ressalvas quanto à "volta às raízes" professada em seu último álbum, Edge e Adam Clayton arrumaram um tempinho para explicar o que eles deixaram para trás

Por Emerson Gasperin

Para Edge e Adam Clayton, seria o último compromisso daquela tarde no Copacabana Palace. So para eles, que ficam ali esperando que a cada meia hora seja permitida a entrada de um novo estranho para distraí-los com perguntas óbvias. A gravadora aproveita e arma todo um cerquinho, imprimindo um clima de mistério e conspiração às coisas mais comuns (elas adoram isso). Depois de uma longa espera, o cristão ungido com a chance de conversar com os rock stars é chamado. Uma assessora da Universal o leva por um longo corredor até uma sala guardada por um segurança. Chegando lá, outra assessora da companhia faz as honras da casa. Vinte minutos e a porta se abre. "Próximo."

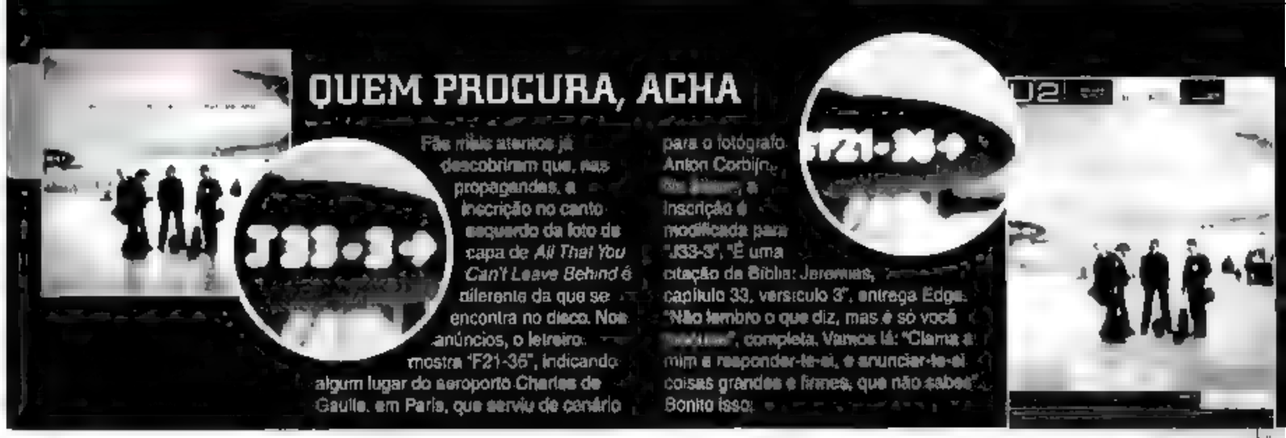
Uma pessoa da equipe da banda recepciona o repórter. "Chá? Café? Algo para comer?", a conta para as ofertas do minibufê montado. Ao fundo, Edge e Adam estão sentados num sofá com dois lugares, ao lado de duas poltronas e uma mesinha. Antes, os dois, mais Bono Vox e Larry Mullen (que no momento devem estar fazendo o mesmo em outra sala), haviam concedido uma entrevista coletiva para cerca de 300 jornalistas em algum salão do hotel. A entrada dos quatro pela passagem principal surpreendeu a milícia da gravadora, que esperava que eles usassem o acesso dos fundos, direto para as mesas em frente à audiência, sem circular entre os presentes.

Foi a única quebra de protocolo na meia hora em que durou o encontro do U2 com a imprensa. O motivo oficial da estada da banda por aqui era a gravação de um pocket show para o *Fantástico* e rodar um clipe no Rio. Com aquela programação de turista para completar – o programa dominical mostrou a incursão do quarteto por uma gafieira, Bono jogando sinuca e tal –, claro que *All That You Can't Leave Behind*, seu novo trabalho, também acabou ganhando uma divulgação maciça. O vocalista justificou o contrato com a emissora: "É um evento de tevê, não um show do U2. Aceitamos porque, quando nos apresentamos no Rio (*em 1998*) foi aquele caos e muitos fãs não puderam nos ver. Pelo vídeo, estaremos em todo o Brasil".

O grande momento da coletiva, no entanto, rolou quando um cara levantou-se e mandou: "Sou fulano de tal, de Buenos Aires. Sei que você é argentino também (*Bono havia acabado de dizer, em português, "Eu sou carioca"*), mas quero falar de futebol. Quem foi melhor, Pele ou Maradona?". Espanto, pasmo, estupor. Pausa para a recomposição do comportamento e fim da algazarra entre os colegas. A intérprete não sabe o que dizer – o *hermano* perguntara em inglês, quando o combinado era ela traduzir as questões para a banda. Intermináveis 30 segundos separaram o silêncio constrangedor da resposta do vocalista.

Clayton, Edge, Bono e Larry Mullen: eles eram felizes e não sabiam

Para o guitarrista, se houve algum retorno, foi ao formato básico da banda: "Nos concentramos no que sabemos fazer quando estamos só os quatro tocando juntos numa mesma sala"



"Maradona... Olha, quando ouvi seu primeiro disco, pensei 'Esse cara tem potencial, vai longe'. Os trabalhos do meio de sua carreira achei muito sofisticados.... No fim dela, vi que era isso aí mesmo." Golaço!

SENTIMENTO ORIGINAL

Edge e Adam já passaram por tudo isso – no fundo, eles gostam – e, agora, a agenda está muito perto do fim para que um ataque de mau humor estrague tudo. O guitarrista e o baixista têm aquela polidez que os rockstars adotam para enfrentar maratonas de entrevistas. Jogam o jogo direitinho: sorriem, falam calmamente, passam uma boa impressão. Edge, que na coletiva fora o mais incisivo contra o papo furado de "volta às raízes" (esparrela na qual esta revista também caiu), suspira ao escutar a primeira pergunta, uma brincadeira com o nome do disco da banda (*Tudo O Que Você Não Pode Deixar Para Trás*).

O que vocês deixaram para trás para gravar esse álbum? "Tudo o que não era essencial, conceitos que não eram importantes. Posso dizer que deixamos para trás a cultura musical contemporânea e nos concentramos no que sabemos fazer quando estamos só os quatro tocando juntos numa sala." Desde o término da turnê *PopMart*, em 1998, a banda procurava por essa conclusão. As sessões para a gravação do álbum foram interrompidas nove meses depois, e o U2 decidiu começar tudo de novo.

Em 1999, o recomeço teve de ser novamente paralisado, com o nascimento dos filhos de Bono (Elijah Hewson) e de Edge (Levi Evans), respectivamente em agosto e outubro. No fim daquele ano, mais um entrave: o laptop onde o vocalista arquivava as letras foi roubado. "Iniciamos sem nenhuma canção na cabeça, apenas improvisando com (*os produtores*) Brian Eno e Daniel Lanois. Entramos no estúdio sem nada preparado, sem qualquer pressão para que as canções surgissem", conta o guitarrista. A maioria do material daquelas primeiras sessões parou na trilha sonora de *Million Dollar Hotel*, filme com roteiro de Bono, dirigido pelo chapa Wim Wenders. "Mas não funcionavam para um álbum do U2. Isso reforçou um sentimento original de que realmente não importava o que estava para acontecer, desde que viesse de nós quatro juntos."

E o que estava para acontecer era algo muito diferente do trabalho anterior, *Pop*. "No começo, pensamos apenas em modificar um pouco a abordagem. Isso remonta à época que estávamos na estrada fazendo a *PopMart*. Houve uma vez em que precisávamos de algum espaço para trabalhar nos arranjos de algumas canções novas. Então, reservamos uma sala em um hotel e contratamos (*o produtor*) Howie B para escutar as músicas. Ele caminhou pela sala e falou: 'Uau, que som!'. Isso é o que acontece quando tocamos juntos, só nós. Aí, continuou: 'Esse é o disco que vocês devem fazer'. Isso grudou na minha cabeça, pois quando se vem tocando em um grupo há 20 anos, arrisca-se a perder de vista o que você pode fazer. Você é pego pelo que está rolando na música contemporânea, como fizemos em *Pop*, *Passengers* e outros projetos. Nós realmente ficamos interessados por tudo o que estava acontecendo e talvez tenhamos deixado para trás um pouco da pegada que nos tornou únicos, que é, repito, quatro músicos tocando juntos", explica Edge.

A retomada, então, foi do formato, não da sonoridade típica do U2. Segundo o guitarrista, esse disco está devolvendo a ênfase para a banda, tornando inevitável que as pessoas reconheçam recursos que o quarteto usara previamente. "New York" não destoaria se estivesse em *War* (1983) e "Elevation", em *Achtung Baby* (1991), só para citar duas faixas de *All That You Can't Leave Behind* que remetem ao passado. "Mas não é algo que a gente faça conscientemente. As canções são muito sobre o momento atual. Pensamos em referências aos primórdios de nossa carreira, e talvez seja isso que o faça soar um pouco como nossos trabalhos anteriores, porque estávamos convictos da ideia de ser uma banda. Não tentamos diluir nosso som em outros gêneros, como dance, hip-hop ou industrial. *All That* [illegible] é o que somos, o que fazemos."

O debate desperta Adam Clayton, que até então se limitara a observar o desempenho do companheiro. "Em relação àquela sua primeira pergunta, isso é uma daquelas coisas que não podíamos deixar para trás: sempre acabamos soando como U2", afirma. No mínimo, mais pop do que *Pop*. Edge volta à cena. "Num sentido puramente musical, provavelmente sim. Mas, quando usamos essa palavra no contexto de nosso álbum anterior, estávamos falando mais sobre o sentido geral do termo, sobre a fascinação exercida pela cultura pop naquela ocasião. O disco se apropria das ideias efêmeras daquele período, daquele momento – a cultura dance, que está mudando constantemente."

O grupo parou de flertar com a cultura dance para não perder aquilo que o faz único

Engana-se, porém, quem acredita que esse retorno aos velhos costumes significa que o U2 se fechou para as novidades. Não. "Ainda somos tão fascinados pelo que está rolando na música como antes, mas acho que também estamos um pouco mais cientes do que nos faz únicos, cientes de que o que temos ninguém mais tem", pondera Edge. Recentemente, ele andou escutando Coldplay, Primal Scream, Radiohead ("Grande!") e, apesar de não estar tão excitado quanto o resto do mundo, Badly Drawn Boy. O baixista, ameaçando virar um partipante ativo do papo, aponta a cantora Macy Gray, o novo de Fatboy Slim e Daft Punk ("aquele single é maravilhoso")

CULPA CATÓLICA

O olhar de uma terceira assessora (isso já está virando uma epidemia!) indica que os escassos 20 minutos exclusivos com metade do U2 estão se aproximando do fim. É melhor apressar o ritmo com trivialidades. Edge diz que nunca se incomoda com a fama – "Como trabalhamos muito duro, isso para mim é um símbolo do sucesso no plano artístico e comercial". Quase nunca. "Uma das piores coisas é as pessoas dando palpites sobre quem é você." Quando vocês chegaram mais perto de se separar? "(*Pensa*) Talvez no final da turnê de *Joshua Tree*, em 1989. Tivemos de dar um tempo para todas aquelas expectativas das pessoas. Estávamos muito confusos em relação à música e a nós."

A moça avisa: "Última pergunta". Vocês são amigos, se encontram fora da banda? "Sim. Dublin é uma cidade pequena. Às vezes saímos juntos." A assessora dá a entrevista por encerrada. No processo de levantar, apertar as mãos dos dois e agradecer, Edge ainda fala com convicção sobre os desafios do U2. "Fazer melhores canções, melhores letras, melhores arranjos." Nada de perdão da dívida do terceiro mundo ou encontros com líderes políticos – o Papa, Bill Clinton, os primeiros-ministros da Inglaterra, Tony Blair, e da Alemanha, Gerhard Schroeder, o secretário-geral da ONU, Kofi Annan. Isso é com Bono, apesar de ele mesmo ter declarado na coletiva que considera ridículo um rockstar ficar falando de economia. "Culpa católica" – o diagnóstico é do próprio – "de um cara bem pago, bem-vestido e que tem exposição garantida".

Faça a sua arte

por Fabiana Batistela

O britpop morreu? Sim, segundo Alex James, do Blur, que aponta "Song 2" como a responsável pelo crime. Mas não tem nada não: aos dez anos de vida, sua banda ainda mostra fôlego e criatividade para criar outra onda

William e Alex Reid, sentados no bar de um hotel inglês, observam com indiferença uma euforia quase infantil que acontece na piscina aquecida a sua frente. Risadinhas ecoam por todo o lugar. Saltos, piruetas, guerras d'água. Os autores da algazarra são um quatro rapazes recém-chegados ao mundo fantástico do show biz, com muita sede de desfrutar todas as suas maravilhas. Seus nomes: Damon Albarn, Alex James, Graham Coxon e Dave Rowntree. Estamos em 1992, na turnê britânica *Rollercoaster*, com Jesus And Mary Chain, My Bloody Valentine, Dinosaur Jr. e uma banda novata de Londres que não segurava a empolgação por estar viajando com seus ídolos. Nessa época, os irmãos Reid, do Jesus, com quase uma década de carreira, já curtiam uma forte ressaca do sucesso, enquanto o Blur apenas começava a se embriagar com a fama.

"No começo eram só cheios de energia, ridículos e bêbados", declara o baixista Alex James a BIZZ, pouco antes de comemorar seus 32 anos, somente com alguns familiares e amigos mais próximos em um jantar tranqüilo na casa de cinco andares onde mora, em Covent Garden, bairro nobre e culturalmente ativo do centro de Londres. Ainda solteiro e aparentemente sem nenhuma candidata a senhora James, Alex – que agora sonha em morar no campo, com muito verde e paz ao seu redor – esteve no último ano muito mais concentrado em sua vida pessoal do que nas atividades com o Blur. O ex-estudante universitário de Frances escrevia uma coluna mensal na revista musical inglesa *Q*, na qual falava basicamente sobre novidades e experiências da banda. Como Albarn, também se dedicou à composição de trilhas sonoras de filmes.

Uma certa quietude e maturidade abate todos os quatros integrantes no momento em que o grupo comemora uma década de vida. Eles não bebem mais como antes, deixaram definitivamente de ser figurinhas fáceis na agitada noite londrina e aparentam realmente fazer pouco caso da rivalidade que tinham com os irmãos Gallagher, líderes do Oasis. Realizaram apenas uma apresentação ao vivo em 2000 – um show bem calmo no festival Scott Walker's Meltdown, no dia 2 de julho – e, apesar de gostarem da companhia um do outro, passaram a maior parte do tempo separados, cuidando de projetos próprios ou de suas famílias. Albarn tem um estúdio de gravação perto de onde mora e, quando não esteve lá compondo, ficou em casa com a artista plástica Suzi Winstanley (sua companheira desde a separação traumática de Justine Frischmann, líder do Elastica, em 1998), exercendo o novo e muito desejado papel de pai de uma menina de 1 ano, Missy. Além disso, um

meio do 2000 deu um pulinho em Mali, um país paupérrimo no centro-oeste da África, para alargar seus conhecimentos musicais e recolher material a fim de produzir um álbum em prol da Oxfam, uma instituição que luta contra a miséria mundial. Coxon, também com uma garotinha da mesma idade em casa, fez alguns shows pela Grã-Bretanha divulgando seu segundo trabalho-solo, *The Golden D*, sempre com o baterista Dave Rowntree.

Completando dez anos de vida, o Blur é aclamado pela imprensa britânica como uma das principais, senão a principal banda inglesa dos anos 90, pela variedade e qualidade de sua obra. Por trás dos belos rostinhos, são teatrais, sinistros e cínicos. Sobreviveram ao tempo, pois souberam abusar de diferentes gêneros, misturando, inventando e, depois, mudando na hora certa. Consequentemente, seu *The Best Of*, lançado em outubro do ano passado, é uma das melhores coletâneas já produzidas nas terras da rainha, sendo seus súditos os responsáveis pela seleção das 17 faixas do disco. Depois de seis trabalhos lançados e vários sucessos na parada britânica, era natural que houvesse muita discussão e briga entre os integrantes para a escolha das músicas. Se nem durante a carreira eles conseguiam chegar a uma decisão amigável sobre o que deveria ser lançado como single, quem diria agora. Para se ter uma idéia, parte do grupo achava que o hit "Country House" deveria ter sido editado como lado B. No entanto, foi a primeira música de trabalho de *The Great Escape* (1995) e emplacou o primeiro lugar na parada britânica, na frente de "Roll With It", do na época arquinimigo Oasis.

Vendo que a banda não entraria em acordo tão fácil, a gravadora EMI apelou para a mais democrática solução possível para se produzir um verdadeiro *best of*

Encomendou uma pesquisa de mercado que decidiu a questão conforme a opinião de quem consome e conhece como ninguém o trabalho do quarteto: o seu fã

COMEÇO MODESTO

Desde 1989, quando se juntaram para formar o Seymour, os quatro integrantes já sabiam exatamente o que queriam e tinham a mesma energia e vontade de dominar o mundo, ou, no mínimo, a cena pop britânica, com um trabalho diferente e muito melhor do que tudo o que estava sendo produzido na época.

No fim dos anos 80 e começo dos 90, quando assinam com o selo Food, o pré-requisito para se ter sucesso na Inglaterra era fazer rock dançante, pseudopsicodélico, com vocal lânguido e guitarras altas. Não é de se estranhar que uma

"A Inglaterra passa por um momento de inércia, como no período pré-punk. Só existem bandinhas de garotos cantando 'I love you'"

modesta 48ª posição tenha sido o máximo que "She's So High", a sinuosa e arrastada balada de estréia de Albarn, James, Coxon e Rowntree – já atendendo como Blur – conseguiu na parada de singles. Resultado: pressão por parte do presidente do selo para que algo mais atual fosse lançado.

Em maio de 1991, "There's No Other Way", uma música bem no estilo indie dance, produzida por Stephen Street (que havia trabalhado com os Smiths e viria a produzir o segundo, terceiro e quarto álbum do grupo), entra no Top 10 e se torna o primeiro hit do grupo.

Em 1994, veio a consagração definitiva: *Parklife*. "Girls & Boys" alcançava o primeiro lugar na parada e aqueles quatro garotos que um dia puntavam e bordavam na piscina de um hotel viraram os caras mais famosos do reino. Era o auge do britpop e o Blur se firmou como o principal representante do estilo.

No momento, o grupo é formado por quatro homens maduros, mais experientes e responsáveis. Hoje, são eles os ídolos. São eles que observam com indiferença o surgimento de novas bandas na cena pop rock britânica e empolgam novos músicos a tentarem conquistar o mundo. Acabar? Não, é cedo. A carreira dos grandes costuma ser longa. Já trabalham no sétimo álbum, que deve sair no fim do ano. Alex James conta mais.

Vocês fizeram apenas um show em 2000 e não entram numa grande turnê há dois anos. A vontade de tocar ao vivo passou?
Às vezes, você não tem mais vontade de pegar seu case e ir para um show. Turnê é um jogo para jovens jogarem. Nós estamos começando famílias e ficar longe é bem ruim. Mas claro que tocar ao vivo é maravilhoso. Quando é só você e o público, tudo faz sentido. Gravar discos é legal, mas tem tanta merda no meio, como rádios, MTV, vídeos... A forma mais pura de estar exercendo seu papel de músico é em cima de um palco. No ponto em que estamos, é comum permanecermos em turnê por 18 meses. Deveria ser normal ficar sem excursionar por um bom tempo também, senão chega uma hora que a disposição acaba. Visitar lugares novos parece ser a solução quando você começa a ficar confuso. Por isso foi tão bom tocar no Brasil. Provavelmente, iniciaremos uma turne no ano que vem, mas só saberemos onde e por quanto tempo depois, quando o novo álbum sair. Sinto falta de tocar, mas passar a vida na estrada cansa.

Você concordou com a seleção de músicas que entraram em *The Best Of*?
Sim. Na verdade, não dá nunca para ficar totalmente satisfeito, mas todas as músicas que entraram foram lançadas como single, com exceção de "This Is A Low". Acho que foram escolhidos nossos melhores singles. Só tem uma faixa do *Modern Life...*, que é o meu álbum preferido, mas que não foi muito popular. Queria que "Chemical World" entrasse, mas.

Graham, Dave, Damon e Alex: hora de uma nova virada

Dá para considerar "Music Is My Radar" – a única inédita da coletânea – uma nova direção para a música do Blur?
Já fizemos gravações demos de algumas músicas novas que são bem dançantes, mas não sabemos como ficarão até gravarmos definitivamente. Não dá para decidir que tipo de trabalho vai ser até chegarmos no estúdio. "Music Is My Radar" apenas saiu livremente, sem nenhuma pressão, e achamos que ela soava bem diferente de todo o resto. Só sei que não é hora de fazer um álbum pensando em vender 10 milhões de cópias. Estávamos cogitando trabalhar com Dr. Dre. Acho que daria uma boa combinação.

O britpop morreu?
Sim (*risos*).

Quando ele morreu?
"Song 2" matou o britpop.

O que é a música popular britânica hoje?
Acho que estamos esperando acontecer. Que ela apareça! Porque não há nada, nenhum tipo de novo movimento. Estamos esperando pelo punk acontecer. Não sei como está no Brasil, mas, aqui na Inglaterra, passamos por uma fase de inércia, assim como foi a época pré-punk, quando nada rolava, não havia nada interessante. Só bandinhas de garotos cantando 'I love you'.

O que você ouve hoje em dia?
Os últimos álbuns que comprei foram um dos Specials, um da Nancy Sinatra – ela é brilhante – e um do Bee Gees.

Como é o relacionamento de vocês quatro hoje? Os projetos paralelos ajudam ou prejudicam a banda?
A gente não se encontra mais todos os dias. Nos tornamos um time de produção. Tivemos vários momentos privados em 2000 e isso é bom para desenvolver coisas como indivíduo. Fizemos lances separados, trabalhamos com outras pessoas e, com isso, pudemos trazer novidades para o grupo. Acho que todo mundo ganha. Quando você envelhece, começa a perceber que o que importa na vida são as relações com as pessoas. Somos sortudos de ter uns aos outros, porque é muito difícil achar as pessoas certas para se fazer uma banda. Estamos juntos, mesmo que não trabalhando mais com o Blur.

Qual é a sua melhor lembrança desses dez anos?
Nossa, não sei. É muito difícil apontar uma. Mas acho que foi estar em um ônibus indo de uma cidadezinha do interior dos Estados Unidos para Chicago, às 6 da manhã. Não tinha ninguém acordado, só eu. Estava ouvindo um som quando um sentimento de "estou fazendo a coisa certa com minha vida" bateu em mim de repente. É muito bom poder sentir esses momentos.

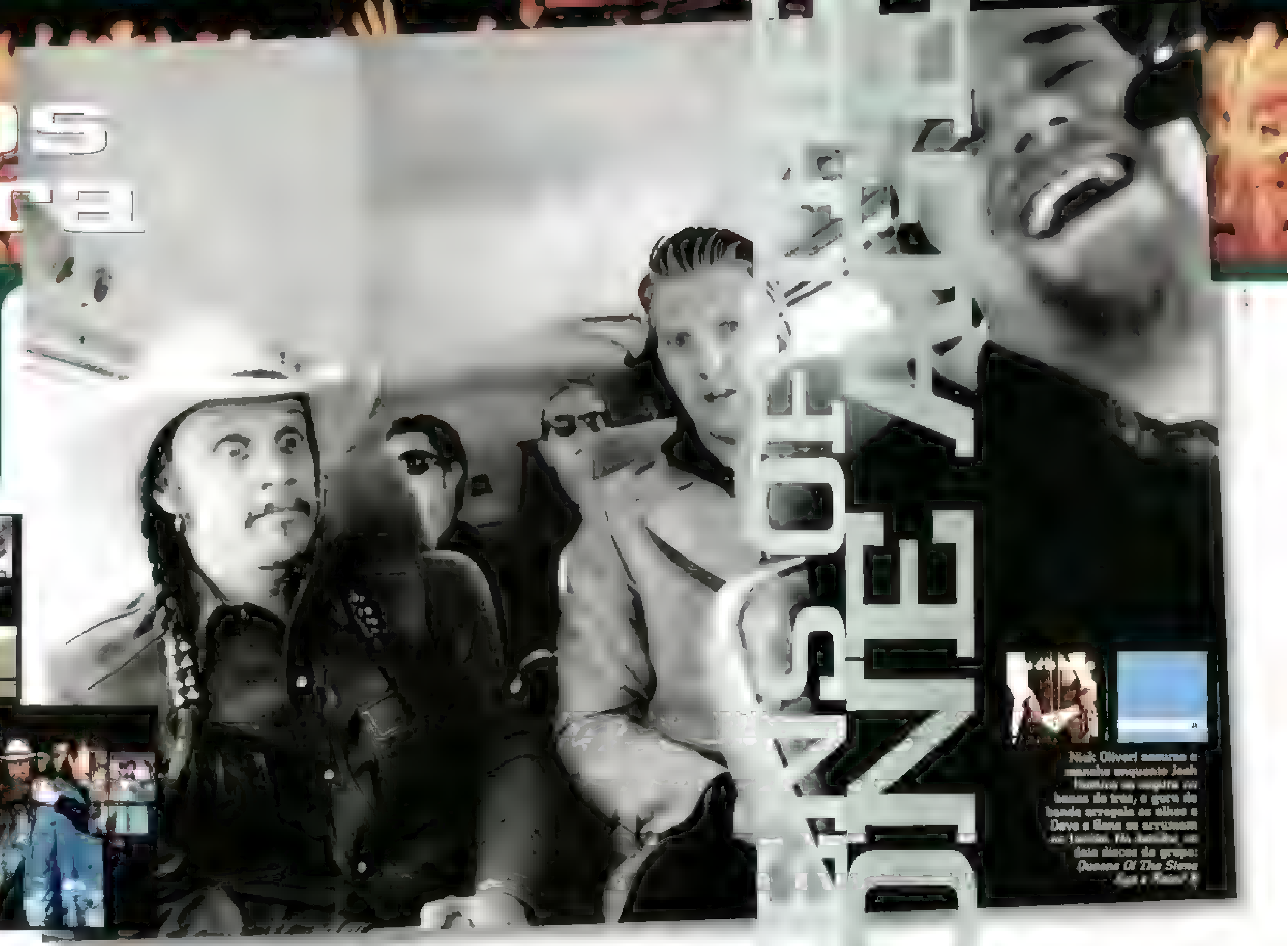
Hoje vocês são ídolos e influência para grupos que estão começando. O que você acha disso?
Não sei, ainda é estranho para mim pensar dessa forma. Quando olho para trás, para as influências que a gente tinha no começo da banda, o que a gente ouvia durante a adolescência, como New Order, Bowie, Smiths, a sensação que tínhamos era de querer nos juntar a esses artistas, ser parte daquilo. Só digo para quem está começando que não copie ninguém. Cada um tem que fazer do seu jeito. Desejo um bom trabalho para todos. Faça sua arte, não perca tempo!

MUDANÇAS DE COMPORTAMENTO

Malucos de pedra

2000 foi o ano do Queens Of The Stone Age. Quem não ouviu *Rated R*, ficou por fora e não vai poder cantar "Feel Good Hit Of The Summer" no Rock In Rio. Vai entrar nessa ou não?

por Daniel Oliveira e José Flavio Junior



Nick Oliveri assume o [illegible] enquanto Josh Homme [illegible] banco de trás, o [illegible] da banda arregala os olhos e Dave e Gene se [illegible]. No detalhe, os dois discos do grupo: *Queens Of The Stone Age* e *Rated R*

Eles são responsáveis por deixar o rock divertido novamente. Cantam sobre substâncias ilícitas, sexo, alienígenas e alucinações. Tiveram seu segundo disco, *Rated R*, incluído em todas as listas de melhores do ano, da revista mais pop à mais pesada. Eles são Joshua Homme (guitarra e vocal) e Nick Oliveri (baixo e vocal), o Queens Of The Stone Age. Atualmente, excursionam com Dave Catching (teclados, guitarra) e Gene Trautmann (bateria) e tocam no Rock In Rio. Por [illegible] [illegible] [illegible] do palco com o Happy Mondays (se forem [illegible]) ou como o Faith No More (se chaparem o público da edição [illegible]).

Uma coisa é certa. Após a última apresentação da banda em solo inglês, em novembro de 2000, um jornalista escreveu que um estádio merecia ver aquilo. Que milhares de pessoas cantando "nicotine, valium, vicodin, marijuana, ecstasy and alcohol/C-c-c-c-cocaine" (os únicos versos de "Feel Good Hit Of The Summer") seria algo fantástico. E a vez de os brasileiros mostrarem que também são bacanas.

Aos 16 anos, o novo Josh Homme começou sua aventura pelo mundo do rock'n'roll comandando o Kyuss, grupo de Palm Desert (interior da Califórnia) que esteve na ativa na primeira metade dos anos 90 e é cultuado até hoje. O guitarrista foi aperfeiçoando sua técnica, mas, quando a banda acabou, decidiu se mudar para Seattle e retomar a vida de cidadão comum, estudando e trabalhando. Suas únicas escapadas eram para colaborações com os Screaming Trees, que exigiam que ele montasse uma nova banda. Em 1998, foi lançado *Queens Of The Stone Age*, o resultado de tantos amigos enchendo o saco do guitarrista – todos eles ajudaram na confecção do álbum.

Com o disco pronto, Josh reencontrou Nick Oliveri (primeiro baixista do Kyuss) [illegible] show e o convidou para fazer parte do novo projeto. O barbudo era o que faltava para a história decolar. Sua participação em *Rated R* (2000), o disco subsequente, é muito grande.

Para facilitar, o Queens é vendido como stoner rock (rótulo que os próprios integrantes rejeitam). Numa tentativa de definir melhor o seu som, Josh Homme lascou um "robot rock", por causa da bateria minimalista, dos riffs repetitivos e do clima trance das melodias. Mas todas essas definições não importam muito.

Num papo telefônico, Nick falou sobre drogas, Rock In Rio, cena stoner rock e *Cocaine Rodeo*, o disco do Mondo Generator, seu projeto paralelo.

O stoner rock é normalmente associado a artistas que fumam maconha, odeiam o oceano e adoram o Black Sabbath. Você concorda com essa visão?

Eu adoro o oceano (*risos*). Não fumo maconha, mas não posso falar pelo resto do grupo. Às vezes, é legal visualizar um artista de certa maneira. Curto muitas bandas, mas, se soubesse o lado real delas,

delas, talvez não as curtisse mais. Gosto dos seis primeiros discos do Black Sabbath, mas não acho que soamos parecidos. Temos um pouquinho de várias influências. Pegando um pouco de diversas bandas, e não muito de uma só, podemos criar um som diferente.

Rainhas na gandaia: [illegible]

A maioria dos grupos que faz stoner rock é underground, mas o Queens está atingindo fama mundial. Como você explica isso?
É difícil dizer. Desde a época do Kyuss, há 10 anos, sempre tivemos a mesma filosofia: tocar o que queremos ouvir e nos diferenciar de outros grupos. A mídia e os consumidores decidem a fama de uma banda. Fazemos o que sempre fizemos. Crescemos musicalmente, mas nossas raízes são iguais. Somos uma banda de rock'n'roll, pois é um estilo amplo e aberto para outros gêneros. Stoner rock é como um quarto numa mansão. Não queremos nos prender nesse quarto. Mesmo que seja um rótulo adequado para certos artistas, não nos consideramos assim. Tocamos apenas o bom e velho rock'n'roll.

O semanário inglês *New Musical Express* os apontou como a maior ameaça do rock desde o Nirvana. Qual foi a sua reação?
Não dá para responder. As pessoas gostam de nos comparar a outras bandas. Jornalistas escrevem sobre seus sentimentos, o que é legal. Não fico perturbado. Discordo dessa visão, mas as pessoas têm o direito de opinar.

Normalmente, músicos têm bandas paralelas para experimentar novos sons. Visto que o Queens é bastante experimental, qual é a do Mondo Generator?
O Mondo Generator é apenas algo diferente para os fãs. Mesmo o Queens tocando estilos variados, eu quis gravar essas músicas numa banda diferente. O objetivo foi dar algo divertido – um item de colecionador – aos fãs.

A capa de *Cocaine Rodeo* mostra com cocaína e bebidas alcoólicas. Por quê?

Essas coisas encaixam-se no meio musical, pois rola muita droga e álcool. Não tento me esconder por trás dessas coisas. Mostro bem na cara. Não quero que as pessoas me vejam como alguém que não sou. Estou apenas me divertindo.

É difícil se apresentar ao vivo bebendo e usando drogas?
Depende do show. Numa turnê de 15 meses, algumas vezes tenho vontade de me "medicar". Essas coisas me ajudam a lidar com o fato de nunca estar em casa, mas podem ser ruins para outras pessoas. Não tento promover nada. Só estou me expressando.

O release de *Cocaine Rodeo* distribuído à imprensa diz: "A mente de Nick Oliveri é doente. Ele é maluco. Algumas vezes, psicótico." Por que se apresentar desse jeito?
Não escrevi esse release. Algumas pessoas me vêem assim, mas eu nunca me apresentaria dizendo: "Olá, eu sou insano!" (*risos*) Mas acredito que o meio musical é uma celebração, uma festa. E desse jeito que gosto de viver. As pessoas têm de se divertir e se expressar como desejam.

O Queens tocará para um público imenso no Rock In Rio. Vocês estão nervosos ou apreensivos?
Não muito, pois estamos acostumados a tocar para muitas pessoas. Mas só saberemos no dia, antes de entrarmos no palco. Não aguentamos mais esperar pelo festival – estamos animadíssimos! Tocaremos na Europa antes, mas já excursionamos muitas vezes por lá. Agora, queremos entrar no mercado sul-americano.

O Rock In Rio é um festival disputadíssimo. Como vocês conseguiram entrar?
Fomos convidados. Não sei quem ligou para quem. (*N. do E.: Parece que Dave Grohl exigiu a inclusão do Queens*) Apenas recebemos uma ligação de nosso empresário perguntando se topávamos participar. Dissemos: "É lógico."

POUCO TEMPO, MUITO SOM

O que deve estar no set list do Queens Of The Stone Age no dia 19 de janeiro

1. "Feel Good Hit Of The Summer"
2. "Regular John"
3. "Avon"
4. "Monster In The Parasol"
5. "Quick And To The Pointless"
6. "Better Living Through Chemistry"
7. "Leg Of Lamb"
8. "Ode To Clarissa"
9. "The Lost Art Of Keeping A Secret"
10. "You Can't Quit Me Baby"

Se houver bis: "You Think I Ain't Worth A Dollar, But I Feel Like A Millionaire" (Desert Sessions Vol. 5)

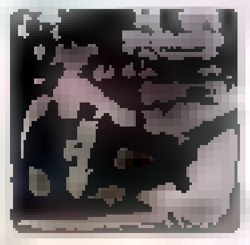
STONER ROCK PARA INICIANTES E INICIADOS EM 13 LIÇÕES

KYUSS

Kyuss Onde tudo começou. Esteve na ativa na primeira metade dos anos 90, quando lançou quatro álbuns: *Wretch* [illegible]

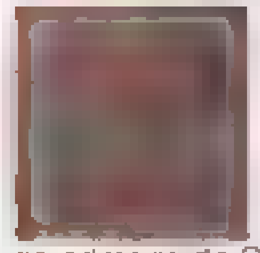
1991, o clássico *Blues For The Red Sun* (1992), *Welcome To Sky Valley* (1994) e *...And The Circus Leaves Town* (1995). Apesar de ser uma banda de metal, esteve em turnê por diversas vezes com artistas de outros estilos: bastava apenas que fossem malucos e gostassem de maconha ★★★★½

Masters Of Reality É a banda de Chris Goss, que se revelou um ótimo produtor no futuro (trabalhou em *Blues For The Red Sun* e *Rated R*). Surgido em 1987, ou seja, antes do Kyuss, está cada vez mais cultuada. É praticamente impossível encontrar algum dos quatro discos que lançaram: todos estão fora de catálogo ★★★½☆



Fu Manchu Estão bem populares no momento, mas não são novos na cena. O quarteto californiano nasceu junto com o Kyuss, com uma proposta sonora parecida. Só que todas as letras das músicas abordam temas ligados a veículos automotores. Sim, todas, sem exceção. O último disco, *King Of The Road*, é do fim de 1999 ★★★★☆

Desert Sessions Josh Homme tem um monte de amigos que curte as mesmas coisas que ele e o cultua como um dos



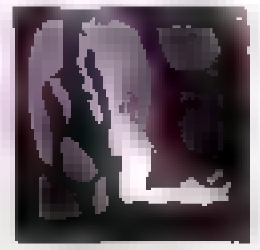
melhores [illegible] da história [illegible] desde que o Kyuss [illegible] e ele se bandeou [illegible] começaram [illegible] jams com [illegible]. No meio, craques como Ben Shepard ([illegible] do Soundgarden), Barrett Martin (ex-baterista do Screaming Trees e atual músico de apoio do R.E.M.) e Nandi [illegible], Brant Bjork (bat[illegible] do Fu Manchu) e Alfredo Hernandez (baterista do último disco do Kyuss e do primeiro do Queens). Essas sessões começaram a ser registradas e [illegible] compiladas em três CDs. Músicas como "Avon" e "Monsters In The Parasol", do Queens, apareceram primeiro nas Desert Sessions, que acabam [illegible] laboratório ★★★★☆

Earthlings? Banda esquisitona do vocalista Pete Stahl, Fred [illegible], Dave Catching (que hoje está com o Queens Of The Stone Age) com [illegible] formação. Dave Grohl (Foo Fighters) e Josh Homme participaram dos [illegible] únicos discos [illegible] mais experimental e menos pesado da seara stoner. Nick Oliveri está sempre usando camiseta [illegible] deles (uma letra "e" contornada por um círculo com pontilhados) ★★★½

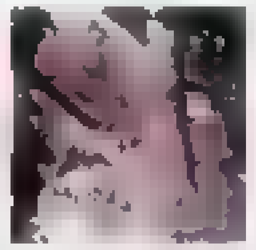
Goatsnake Pete Stahl apresenta sua faceta pesada. O grupo soa como um Black Sabbath em rotação mais lenta (essa definição já foi usada para definir uma certa banda de Seattle [illegible]) ★★½☆☆

Unida [illegible] de vários anos sem banda, o vocalista do Kyuss, John Garcia, montou o Unida. E ele tenta se aproximar do brilho de sua ex-banda, mas sem Josh Homme na guitarra fica difícil. O álbum *Coping With The Urban Coyote* (1999) foi bem recebido pela crítica especializada ★★★½☆

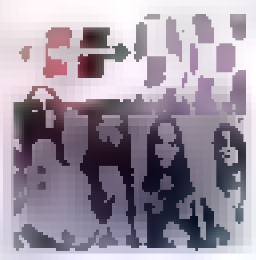
Monster Magnet Foram os primeiros a conseguir o reconhecimento do grande público. "Space Lord" é hit nos jogos da NHL, liga de hóquei no gelo dos Estados Unidos e Canadá. O disco novo, *God Says No*, acaba de sair ★★★☆☆



Atomic Bitchwax Projeto mais cru do guitarrista do Monster Magnet, Ed Mundell. Chega a ser até mais legal do que [illegible] banda oficial, que às vezes é "psicodélica" demais ★★★½



Mondo Generator Onde Nick Oliveri solta seus demônios. Com caídas para o hardcore, o único álbum *Cocaine Rodeo* pega pesado em todos os sentidos. Na arte do CD, duas carreiras brancas ★★★☆☆



Hellacopters Grupo sueco que tem seus discos editados pela fábrica do grunge, a Sub Pop. Quatro cabeludos que pegam MC-5 e Deep Purple e trituram sem dó ★★★☆☆

MQN Primeira banda brasileira a merecer a alcunha stoner rock. Liderados pelo simpático vocalista e agitador cultural Fabrício Nobre, os goianos fazem um som tudo a ver com Fu Manchu e acabam de lançar a música "A Car Goes Fast" num compacto de vinil ★★★★☆

Rise 13 [illegible] do ano [illegible] uma [illegible] artistas menos conhecidos [illegible] gênero: Acrimony, Drag Pack, Sheavy, [illegible] Unida, Goatsnake [illegible] de Hot Rod, de Black [illegible] e o ótimo Orange Goblin ★★★☆☆

Visite o site www.stonerrock.com para se aprofundar mais nesse universo

Garoto de Ipanema

Sua vinda já foi anunciada várias vezes, sem sucesso. Agora, parece que o negócio é sério: Beck estará entre nós com toda a sua admiração pela MPB e devoção a Caetano Veloso

por Daniel Oliveira, de Los Angeles, EUA

Samba, praias, mulheres e Sepultura. Essas são as respostas de muitos artistas americanos quando jornalistas lhes perguntam sobre o Brasil. Mas, na verdade, não sabem quase nada a respeito do país e chutam as coisas mais manjadas para não passarem vergonha. Beck, no entanto, é uma exceção. Conhece bem a música brasileira – até mais que muitos nativos – e se interessa por culturas ao redor do mundo. Seus trabalhos são tão abrangentes que é impossível rotulá-los. Em alguns momentos, ele cai no folk, no country e na bossa nova. Em outros, aprofunda-se no funk, techno e hip-hop. Basta apenas checar a salada estilística contida em seus discos e a variedade de instrumentos utilizados em seus shows. Acordando cedo para ser entrevistado, o vocalista-guitarrista-tecladista-gaitista falou de MPB (por ele, ficaria nesse assunto durante todo o papo), do que o público pode esperar de sua participação no Rock In Rio e do crescimento da internet.

Sendo um americano no Rock In Rio, você acha que ficará nervoso quando tocar suas canções abrasileiradas?
Não desenvolvi minha carreira tocando apenas bossa nova e coisas do tipo. Nunca fingi ser um grande músico brasileiro. Portanto, acho que o público não espera isso de mim. Adoro a música de vocês e a toco a meu modo, mas sei que não sou totalmente legítimo se comparado aos artistas locais. Coisa similar ocorreu no início de minha carreira, quando usei influências de hip-hop. Fui um dos primeiros brancos a fazer rap, mas não esperava que as pessoas me vissem como Chuck D (*líder do Public Enemy*). O negócio é que, desde pequeno, curto a música brasileira. Cresci ouvindo os velhos discos de Tom Jobim e de João Gilberto. Assisti ao filme *Orfeu Negro* na terceira série, quando foi passado na escola. Adoro a melodia do tema.

Você convidará algum brasileiro que aprecia, como Caetano Veloso, para seu show no Rock In Rio?
Tudo é possível. No momento, nada está confirmado, mas será legal ver isso acontecer. As melhores coisas nunca são planejadas; acontecem naturalmente.

Além do festival, o que você planeja fazer no Rio de Janeiro?
Não sei... Bem, quero comprar algumas bermudas. Acho que vou me perder pela cidade. Não sou muito de visitar pontos turísticos. Prefiro sair sem planos e, com alguma sorte, encontrar alguém que me ajude a voltar ao hotel. Os brasileiros são legais. Acho que estarei em boas mãos.

Você dança e agita bastante ao vivo. Como se prepara física e psicologicamente antes de subir ao palco?
Preparo meu espírito antes de sair em turnê. Assim, quando estou na estrada, já me sinto pronto para qualquer show. Não tenho regras específicas antes de subir ao palco. Às vezes, faço uns exercícios de alongamento, mas esses festivais têm pouco espaço no backstage. Como minha banda tem 12 membros, é difícil arrumar um cantinho para eu me exercitar. Mas é a comida, não o exercício, o fator principal para mim. Preciso de "combustível" para fazer um show.

Muitos artistas americanos ignoram culturas internacionais. Como você aprendeu a ser tão cabeça aberta?
Eu me interesso pelo que as pessoas fazem e procuro qualidade em vários estilos. Um gênero musical precisa vibrar no meu corpo para eu apreciá-lo. Cresci num ambiente onde ninguém criticava meu gosto. Aprendi a respeitar a música brasileira, pois a descobri quando garoto. Ela me passava um clima otimista. Assisti a um show de Tom Jobim quando tinha 13 anos. Acho que foi sua última passagem nos Estados Unidos. Quando cresci, jornalistas começaram a me perguntar sobre meus vocalistas prediletos. Eu sempre mencionava um brasileiro, como Jorge Ben, mas os nomes não eram incluídos nas matérias. Porém, de uns dois anos para cá, virou moda na Europa e nos Estados Unidos curtir música brasileira. Agora, os jornalistas sabem soletrar os nomes dos artistas (*risos*).

Antes de atingir a fama, você batalhou nos clubes de Los Angeles e Nova York. Qual foi a maior experiência que tirou dessa época?
A minha total imersão na música, mesmo que nenhuma cena se encaixasse comigo. Apareci do nada, me joguei no som e encontrei um lugar para mim. A grande experiência veio dos tempos em que eu morava em Nova York. Havia uma cena folk por lá no fim da década de 80 que era livre e anarquista. Nós, os músicos, não tínhamos dinheiro para comprar equipamento. Então, éramos obrigados a usar instrumentos acústicos. Estávamos indo contra as modas do momento. Eu tocava folk quando adolescente, já que a música da época era muito produzida. Em termos de estilos populares, só conseguíamos nos relacionar com o rap. O pessoal do Public Enemy e outros rappers hardcore estavam estourando. Assim, tentávamos incorporar rap ao punk – afinal, tínhamos influências de The Clash e Iggy Pop –, misturando com Bob Dylan, Woody Guthrie e outros artistas folk.

Seu site (www.beck.com) venderá em breve um disco com lados B de seus singles e raridades. Você acha que, no futuro, os artistas não precisarão mais das gravadoras, podendo vender e promover suas músicas apenas pela internet?
Estou numa grande gravadora, mas não vale a pena lançar essas sobras num disco oficial. Hoje em dia, há muita pressão e expectativa ao redor de um álbum. Muito dinheiro é investido, e o mercado fica saturado. A internet é interessante por causa disso: se você lança sua música em seu site, alcança diretamente as pessoas que podem se interessar por ela. A rede está crescendo a cada dia, mas acho que levará um bom tempo até que todas as pessoas tenham computadores. Algumas ainda compram fitas cassete. Elas ainda nem passaram para os CDs, que dirá baixar músicas pela internet.

O que você acha da troca gratuita de músicas na internet? Apóia o Napster?
Sou totalmente a favor da difusão da música. Faço música porque é meu amor e minha vida. Sendo assim, qualquer acesso a ela é bom. Contudo, é caríssimo produzir música, especialmente se você for famoso. Meu primeiro disco custou uns 500 dólares. Hoje, um disco custa uns 500 mil dólares. Nós, os artistas, precisamos sobreviver e pagar as contas. Se o Napster acabar afetando a nossa sobrevivência, teremos de aumentar os ingressos dos shows. Aliás, ganhamos mais dinheiro com as apresentações do que com os álbuns. Por incrível que pareça, a maioria dos músicos não recebe muito dinheiro por suas obras. As coisas evoluirão naturalmente, mas não sou totalmente contra o Napster. Quando garoto, eu gravava discos de amigos em fitas, pois não tinha dinheiro para comprá-los. Se o Napster existisse na minha infância, eu o usaria o dia inteiro.

Famintos outra vez

Após um ano de férias, os australianos do Silverchair escolheram o Rio de Janeiro para retornar aos palcos em grande estilo. E vão logo avisando que estão com fome de rock!

por Daniel Oliveira, de Los Angeles, EUA

Um palco imenso, três australianos e um público estimado em 250 mil pessoas. Os membros do Silverchair – Daniel Johns (guitarra e vocal), Chris Joannou (baixo) e Ben Gillies (bateria) – farão o maior show de sua carreira na última noite do Rock In Rio, em 21 de janeiro.

A visita ao Brasil marcará o retorno da banda aos olhos da mídia internacional. Depois do término da turnê do disco *Neon Ballroom*, em dezembro de 1999, Daniel, Chris e Ben desapareceram do público, o que gerou boatos sobre o fim do grupo. Mas agora, descansados e renovados, os três amigos já estão compondo o novo álbum, prontos para [illegible] mais uma vez com a vida árdua do rock'n'roll.

Ligando de sua casa, em Newcastle, na Austrália, Daniel falou sobre Rock In Rio, situação da banda e próximo disco.

O Rock In Rio será o maior show da carreira do Silverchair. O que vocês vão fazer para combater o nervosismo antes de entrar no palco?

Não tocamos ao vivo há um ano. Ficaremos nervosos, pois o Rock In Rio marcará um dos shows de retorno. Faremos a mesma coisa de sempre: sentar e relaxar no camarim. Será uma experiência intensa tocar para 250 mil pessoas. Certamente, não tomaremos drogas. A última coisa que queremos é alterar nossas mentes antes de enfrentar tanta gente.

Durante o show você irá concentrar-se mais na banda ou no público?

Nosso maior público foi de 80 mil pessoas, que é quase um terço a menos. Portanto, será impossível tirar da cabeça que tantas pessoas estarão nos vendo. Precisarei me concentrar na banda, sem deixar o [illegible] me [illegible]. Sempre fecho os olhos quando canto. Aprendi isso com o último disco, pois é um trabalho bastante pessoal. [illegible] pessoas me olhavam e [illegible] letras e eu [illegible] os olhos [illegible] que não havia [illegible] [illegible] Vi [illegible] [illegible] com tanta gente.

Vocês estarão na noite do Deftones e Chili Peppers. O que acha dessas bandas?

Excursionamos algumas vezes com o Red Hot Chili Peppers. Nossa primeira grande turnê [illegible], quando eu tinha [illegible] 15 anos, foi com eles. É uma honra tocar com [illegible] caras, [illegible] tiveram a integridade [illegible] sempre [illegible] discos. Conheci o Chino (Moreno, vocalista), do Deftones, em Nova York. Sea grande banda. Sendo [illegible] ser por que [illegible] apresentaremos [illegible] do Deftones. [illegible] estúpido.

É porque o Silverchair é bem maior que o Deftones no Brasil.

Verdade. Mas [illegible] não [illegible] muito nessas situações. Se você fizer um bom show, o público curtirá.

Você é visto como sex symbol no Brasil. Na última turnê brasileira, houve alguma situação embaraçosa com suas fãs?

Sim. Um cara que estava em nosso hotel nos [illegible] sua namorada. Ela tinha uma mochila [illegible] de brinquedos de sexo. Eu perguntei a ela: 'Se você tem namorado, por que usa esses brinquedos?' Ela não queria utilizar os brinquedos conosco, mas ficou nos mostrando o que usava com seu namorado. Ficamos sem reação. Apenas respondemos: 'OK, legal'.

No Brasil, às vezes garotas ficam berrando em frente ao hotel dos artistas. Se isso ocorrer no Rock In Rio, você planeja se relacionar com alguma delas?

Não. Fico [illegible] embaraçado. Não gosto de ficar [illegible] por muitas pessoas. [illegible] se tiver garotas [illegible] em frente ao hotel. Irei correndo para o meu quarto e me trancarei até sair para o show. Mas Chris está solteiro. Certamente, estará de olho em relacionamentos passageiros com brasileiras.

Pouco ouviu-se falar do Silverchair no ano 2000. O que aconteceu com o grupo?

Quando a turnê de *Neon Ballroom* acabou, [illegible] todos [illegible] contratos relacionados com a banda. [illegible] o pessoal que tirava [illegible] ver se continuaria [illegible] Silverchair [illegible] outra coisa. Durante o ano, compus várias músicas e trabalhei com um amigo. Gravamos um EP experimental, *I Can't Believe It's Not Rock*, que será lançado no site do Silverchair: www.chairpage.com. [illegible] foi nesse período de composição que decidi continuar no Silverchair e compor músicas novas para o grupo.

Por que você pensou em sair da banda? Houve algum problema?

Não. Somos a banda menos problemática que já conheci. Estamos juntos há oito [illegible] e nunca brigamos. O problema não [illegible] Eu não sabia se queria continuar no rock'n'roll. Mas fiquei faminto novamente e estou pronto para retornar. O Rock In Rio será um recomeço perfeito.

A Sony foi crucial no sucesso do grupo. Por que vocês deixaram a gravadora?

O contrato terminou e recebemos propostas melhores. Nunca tivemos brigas ou problemas com a Sony. O negócio é que ela pode oferecer [illegible] que as outras [illegible]. Poderíamos ficar ricos, mas nunca nos preocupamos com isso. Assinamos com um selo australiano, pois o contrato é melhor, mesmo que [illegible] menos dinheiro. Internacionalmente, ainda estamos negociando gravadora.

Quando será lançado o disco novo? Cogita-se alguma mudança de estilo?

Já compusemos metade dele. Queremos lançá-lo até o fim de 2001. Estaremos compondo e gravando durante o ano. Na época dos discos *Frogstomp* e *Freak Show*, [illegible] mais bobos do que profissionais, porque ainda estávamos na escola. A partir de *Neon Ballroom*, [illegible] pois eu não tinha mais compromissos externos. Passei a tratar música como arte, não como algo para liberar minha raiva. Quis experimentar estilos e instrumentos diferentes em *Neon Ballroom*, me desprendendo das bandas que eu curtia. Planejo continuar com esse espírito no disco novo.

Daniel, de vermelho, não entende como sua banda pode ser mais famosa que o Deftones no Brasil: 'É mais estúpido'

Metal sem preconceito

Quando esteve no Rock In Rio, ele ainda não tinha saído do armário. "Assumido", agora Rob Halford quer mostrar que música pesada não tem nada a ver com quem você se deita

por Daniel Oliveira de Los Angeles, EUA

"Eu levei meu berro ao redor do mundo. De Londres a Los Angeles. Soltei-o no centro de Tóquio e derrubei Godzilla. O som e a fúria foram de Sidney ao Brasil. E levaram os russos à loucura..."

Esse é um trecho de "Made In Hell", música de *Resurrection*, primeiro disco-solo de Rob Halford. Após a fracassada banda industrial Two, o ex-líder do Judas Priest retorna ao que faz melhor: heavy metal furioso, técnico e melódico. E, de quebra, homenageia seus fãs ao redor do mundo numa das canções mais pesadas deste início de século.

Subindo no palco do Rock In Rio entre Sepultura e Iron Maiden, o vocalista inglês promete um show de puro heavy metal. Resgatará músicas de seu antigo grupo e mostrará, mais uma vez, a longevidade de seu estilo musical. Mesmo sendo revelado sua homossexualidade há dois anos, ele acredita que será bem recebido pelos fãs brasileiros de metal.

Resurrection é um dos mais agressivos discos da sua carreira. O que o fez abandonar a música industrial e voltar com tudo ao heavy metal?

Nestes anos distantes do metal tradicional, estive com um sentimento forte dentro de mim. Sempre me lembrei dos fantásticos momentos que o heavy metal me proporcionou. A ausência me ajudou a redescobrir meu amor pelo estilo. Pude retornar com mais energia. *Resurrection* prova o meu amor pelo metal.

O metal está novamente em alta na indústria musical. A que você atribui isso?

A música é um ciclo. As pessoas sempre redescobrem a abrangência do rock'n' roll. No heavy metal em si, há muitos caminhos para se compor grandes músicas e se formar grandes bandas. O metal se tornou um estilo muito abrangente. Hoje, há tudo quanto é tipo de metal, com os mais diferentes rótulos. E o metal tradicional está revigorado – é por isso que está expressado em *Resurrection*. As pessoas ainda gostam desse estilo. O sucesso internacional do disco deixa isso claro. Estive conversando via internet com o Paulo, do Sepultura, e ele me disse o quanto os brasileiros estão curtindo *Resurrection*. Tenho orgulho de ter integrado as raízes do heavy metal, na Inglaterra. Eu presenciei a criação do estilo. Primeiro veio o Black Sabbath. Depois, o Judas e o Iron Maiden. O show no Rock In Rio marcará meus 30 anos no heavy metal. É fantástico saber que ele ainda é forte tanto tempo após sua criação.

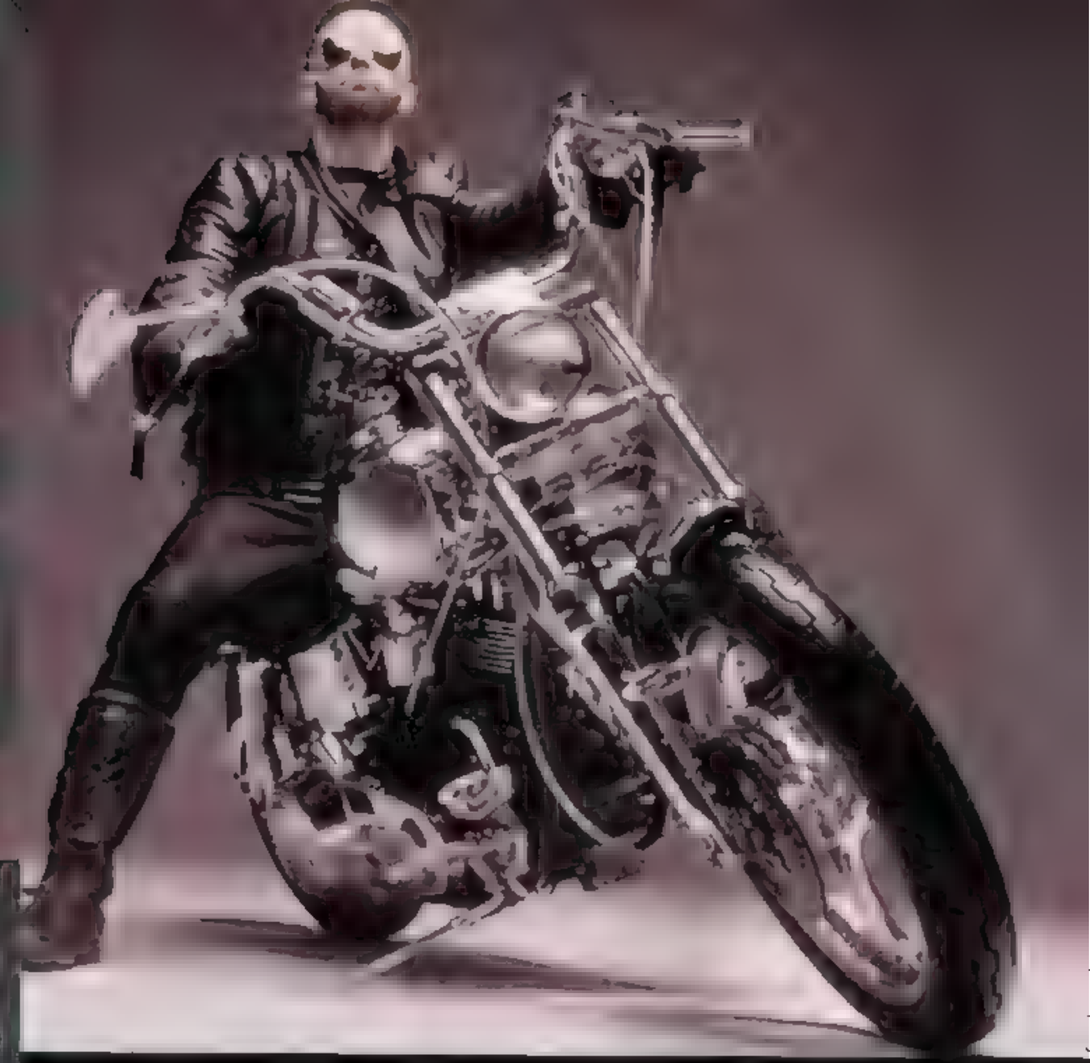
Bruce Dickinson, do Iron Maiden, canta em Resurrection, e você participa no novo disco do Queens Of The Stone Age. No Rock In Rio, você cantará com o Queens ou terá Bruce em seu show?

Tudo poderá acontecer, pois será um dia intenso e animado. Ainda não falei com Bruce e os caras do Queens sobre isso. Poderemos discutir quando nos encontrarmos no local do show. Vamos manter isso como surpresa.

Os gays são bastante discriminados no Brasil. Tendo revelado sua homossexualidade, você sente-se preocupado em voltar ao país?

Não. Quero muito voltar ao Brasil para fazer um grande show de metal. Se houver alguém contra a presença de um artista gay de metal, será um momento positivo para eu mostrar que a sexualidade é pouco relevante na personalidade dos seres humanos. Espero que a minha participação no Rock In Rio ajude a diminuir a discriminação, pois a música é o que importa. Tenho apoio dos fãs de metal sul-americanos, mas entendo o que você quer dizer. A pergunta é boa – este fator pode tornar-se complicado. Se houver uma coletiva de imprensa, terei chances de conversar e respeito.

O vocalista mesclará seus hits – e isso inclui, claro, suas músicas novas, cantará alguns clássicos do Judas. Também haverá músicas do Fight (*banda de Rob no período entre o Judas e o Two*). Quero que os brasileiros se preparem para um grande show. Será intenso e cheio de surpresas.



Você esteve no último Rock In Rio com o Judas Priest. Voltando ao festival como artista-solo, acha que sentirá saudade de seus ex-companheiros de banda?

Sim, mas haverá boas memórias. Estou animado para o show, pois, além das músicas novas, cantarei alguns clássicos do Judas. Também haverá músicas do Fight (*banda de Rob no período entre o Judas e o Two*). Quero que os brasileiros se preparem para um grande show. Será intenso e cheio de surpresas.

É verdade que você tentou se reconciliar com o Judas no ano passado?

Fico feliz de avisar que a comunicação entre mim e Glenn (*Tipton, guitarrista*), K.K. (*Downing, guitarrista*) e Ian (*Hill, baixista*) está muito melhor. Ainda somos amigos, mas não temos discutido a reunião. Precisaríamos acertar algumas coisas em termos musicais. Gostaria de estar com eles novamente. Como estou fora da banda, não tenho controle sobre um possível retorno. Mas, se eles me ligarem, estarei preparado para voltar.

Uma noite e nada mais

Finalmente o Brasil terá a oportunidade de conferir o R.E.M. ao vivo. Mike Mills assegura que a longa espera para o único show do trio no país vai valer a pena: "Tocaremos todos os hits"

Por Daniel Oliveira, de Los Angeles, EUA

Certamente tocaremos "Losing My Religion" e "The One I Love", garante o baixista e tecladista Mike Mills, prevendo a apresentação do R.E.M. no Rock In Rio. Ao contrário de artistas que raramente vem ao Brasil, e, quando o fazem, preferem mostrar músicas desconhecidas, o grupo promete um show recheado de hits. "Acho que os brasileiros ficarão muito satisfeitos com a escolha das canções."

Após anos de espera – já que o R.E.M. não toca em festivais patrocinados por marcas que não apoia – os brasileiros finalmente presenciarão o carisma da maior banda do autêntico rock alternativo americano. Infelizmente, o show não contará com o baterista original do grupo, Bill Berry, que pediu as contas em 1997. Mas o baixo comportado de Mills, a voz pungente de Michael Stipe e a guitarra levemente distorcida de Peter Buck saudarão a noite de 13 de janeiro com músicas positivas, cativantes e melódicas.

A presença do grupo de Athens (cidade da Georgia, nos Estados Unidos) no Rock In Rio ocorre em meio à produção do próximo disco, a ser lançado na metade de 2001. Mills explica que as músicas novas quebram o clima sombrio do álbum *Up*, de 1998. No entanto, o baixista afirma que elas expandem o desejo do R.E.M. de experimentar novas sonoridades a cada trabalho.

Mills (*à dir.*): louco para provar a comida local

O R.E.M. é esperado no Brasil há anos. Você acha que será difícil compensar todo esse tempo com apenas um show?
Estamos muito ansiosos para tocar no Rock In Rio, mas lamentamos o fato de ser apenas um show. Por causa de nossa agenda, só poderemos fazer uma noite. Sempre quisemos ir ao Brasil, mas nunca pudemos armar uma turnê. Estamos animados e um pouco nervosos...

Michael Stipe disse a BIZZ que o R.E.M. recusava-se a tocar em festivais brasileiros patrocinados por cigarros. Por que vocês concordaram em tocar no Rock In Rio, que tem apoio de várias marcas?
Porque, infelizmente, é o único modo de tocarmos no Brasil. Se tivessemos uma alternativa melhor, acho que a usaríamos. Consideramos cigarros mais perigosos que outros produtos. Sentimos que o importante agora é ir tocar no Brasil.

Que visão você tem do país?
Tenho a impressão de que o Brasil possui campos belíssimos e cidades excitantes e movimentadas. Pelo que ouço falar, há também praias maravilhosas. Parece ser um local bastante diversificado e cheio de beleza natural.

Alguns artistas famosos fazem exigências bizarras para tocar no Brasil. Vocês pediram algo extraordinário para participar no Rock In Rio?
Nunca agimos dessa maneira. Queremos apenas muitas toalhas e garrafas d'água – e, talvez, cervejas locais. Ah, também pedimos comida nativa. Gostamos de experimentar pratos típicos dos países que visitamos. Estou animado para provar a comida brasileira.

Além dos hits, vocês incluirão músicas do próximo disco no show?
Acho que não. Como será nossa primeira visita ao Brasil, tocaremos as mais famosas. Será um show de hits, mas com algumas surpresas.

Como está indo o disco novo?
Excluindo a mixagem, está totalmente pronto. Planejamos lançá-lo na metade do ano. Ainda estamos decidindo o título. Eu e Peter (*Buck*) iniciamos a composição de nossos discos. Algumas vezes, criamos juntos. Em outras, compomos separados, pois moramos longe um do outro. Michael (*Stipe*) ouve as músicas e escreve as letras quando se sente inspirado. Depois, durante a gravação, acabamos fazendo músicas extras. Para o disco novo, compusemos duas músicas na gravação.

Michael Stipe: seu salário de banda acredita que a voz dele foi uma das responsáveis pelo sucesso de "Losing My Religion"

O álbum segue o estilo experimental de *Up* ou tem aquela pegada mais rock dos trabalhos anteriores?
É uma continuação de *Up*, mas com timbre diferente. Pelo sentimento das músicas, é um disco muito mais otimista que o último. Algumas canções enfatizam a guitarra, outras não. No geral, não é tão cheio de teclados como *Up*.

Justamente por ser tão diferente, *Up* foi o disco de menor sucesso da banda. Você ficou desapontado com seus fãs? Afinal, muitos deles não aceitaram o desejo do grupo de experimentar.
Sempre acreditamos em nossos trabalhos. Para nós, o mais interessante na criação de discos é almejar sons novos. Não podemos nos gabar pela quantidade de compradores. Queremos vender milhões, mas, se não conseguirmos, só podemos continuar a fazer os melhores álbuns possíveis. Tentamos realizar um trabalho que nos satisfaça e que, esperançosamente, satisfaça os fãs.

Quem está tocando bateria com vocês neste disco novo?
Tivemos a sorte de encontrar um cara chamado Joey Waronker. Ele tocou no *Up* e excursionou conosco no ano passado. É um grande baterista e estamos adorando sua companhia. Como no disco anterior, algumas músicas não apresentam bandas frequentes do começo ao fim. Nesses casos, Joey toca apenas algumas peças de bateria e adiciona instrumentos de percussão. Ele deixa as músicas mais interessantes.

Você sabe o que Bill Berry anda fazendo?
Sim, eu o encontrei recentemente. Ainda somos amigos. Ele mora no campo e está feliz de ter se distanciado das turnês. Ainda toca em casa e participa de projetos ocasionais, mas não está com banda nova.

A Warner ficou chocada quando ouviu *Up*. Agora, a gravadora está mais animada com o novo trabalho?
Acho que sim. Sempre tivemos um grande relacionamento com a Warner. Os representantes da gravadora escutaram algumas músicas novas e as curtiram um tanto quanto a gente.

A propósito, é difícil ver hoje artistas crescendo na mesma companhia. Estando o R.E.M. na Warner há mais de dez anos, o que você aconselha para as bandas iniciantes não perderem seus contratos de gravadora?
Um conselho é não pegar muita grana adiantada. Nunca pedimos milhões de dólares para gravar nossos discos. Se fizéssemos isso, a gravadora acharia que precisaríamos vender milhões para recuperar o que nos emprestou. Fomos sortudos, pois entramos na Warner quando o foco era o desenvolvimento de carreiras. A companhia não esperava que estourássemos logo de uma vez. Algumas gravadoras ainda pensam assim, mas outras não. Hoje, as bandas jovens enfrentam uma situação triste: se não venderem 1 milhão de cópias do primeiro disco, poderão ser despedidas. Portanto, acho que os grupos novos devem tocar ao vivo, conquistar seu público e lançar um ou dois discos independentemente. Assim, quando entrarem numa grande gravadora, já estarão com uma base de fãs. Mas se vierem do nada, a menos que sejam sortudos, não conseguirão vender 1 milhão de discos de cara.

Você passa a impressão de ser uma pessoa de alto-astral. É difícil tocar as músicas mais tristes do R.E.M., como "Country Feedback" e "At My Most Beautiful"?
Sou um cara bastante positivo, mas adoro explorar emoções diferentes. Uma música pode falar de perda ou tristeza, mas nem por isso me entristece. Na verdade, me passa um sentimento fortíssimo. Algumas vezes, se me sinto mal, fico melhor quando toco ou ouço canções tristes. Ao vivo, quero injetar emoção nas músicas que gosto – seja raiva, tristeza ou felicidade. Isso ajuda a me conectar com o público. Contanto que a banda e os fãs identifiquem-se emotivamente, o tipo de sentimento não faz diferença.

Na sua opinião, por que tanta gente se identificou com "Losing My Religion"?
Algumas vezes, uma música surge sem motivo, mas você sabe que possui algo especial. "Losing My Religion" é uma canção que você pode escutar sem nunca se cansar. Além disso, mesmo que você não entenda o significado da letra, poderá absorver o sentimento ao ouvir Michael cantar. Por algum motivo, sua grande voz, na frente do instrumental, criou essa conexão com as pessoas. A bela melodia também ajudou muito.

Alguma música do novo disco poderá atingir o sucesso de "Losing My Religion", "The One I Love" ou "Man On The Moon"?
É impossível dizer. Não esperávamos que "Losing My Religion", por exemplo, fosse virar um hit. Nem imaginávamos que ela acabaria explodindo em todo o mundo. Gostaríamos de ter outra canção com o mesmo sucesso. Mas, se não rolar, ainda sentiremos que fizemos um grande disco. É impossível prever momentos de sorte.

Pula-pula garantido

Feiticeira, Max Cavalera... O **Deftones** aterrissa por aqui com seu novo metal já conhecendo alguns artigos nacionais

por Daniel Oliveira de Hollywood, EUA

Em alguns momentos, cantos suaves acentuam passagens viajantes e melancólicas. Em outros, berros caóticos acompanham instrumentais raivosos e distorcidos. Essa antítese musical representa o Deftones, uma das revelações do novo metal americano. "Podemos juntar algo belo e meigo a algo feio e pesado", diz o vocalista Chino Moreno. "Poucos fazem isso. E um som novo. Bem, não totalmente, pois temos raízes no metal e em outros estilos." Curiosamente, ele cresceu ouvindo new wave. As influências pop, que moldaram seu canto melódico, casaram-se com as origens metálicas do guitarrista Stephen Carpenter, do baixista Chi Cheng e do baterista Abe Cunningham. "Aprendi a ser mais agressivo por causa deles", admite o vocalista.

O espectro sonoro do grupo ampliou-se pela entrada do DJ Frank Delgado, que acrescenta bem a mente aberta das bandas pesadas atuais. O Coal Chamber adora Nick Cave, o Soulfly aponta Bob Marley como inspiração, e o Limp Bizkit não esconde seu amor pelo Cure. Mesmo honrando Slayer e Sepultura, o Deftones agrada sem medo "To Have And To Hold" para um tributo ao Depeche Mode.

O primeiro trabalho do grupo, *Adrenaline* (1995), saiu um ano após a estreia do Korn, um dos marcos desse metal moderno. Naturalmente, Chino e seus companheiros foram alvo de comparações. "Já tocávamos nosso estilo antes deles", defende-se Chi, lembrando que a banda também já foi posta ao lado de Primus, Rage Against The Machine. "Fazemos nosso próprio som, mas, se quiserem nos comparar ao Korn, tudo bem. Eles pavimentaram o caminho para diversos grupos tocarem um estilo mais pesado."

Com o lançamento do álbum *Around The Fur* (1997), o Deftones estabilizou sua identidade musical: andamentos arrastados, climas psicodélicos e melodias dissonantes. Músicas pulsantes e explosivas como "My Own Summer" e "Be Quiet And Drive" colocaram a banda na rota do sucesso. Além disso, as letras extremamente pessoais de Chino conquistaram garotos já saturados por artistas que só sabem reclamar da sociedade. Todas as canções de *Around The Fur* têm versos em primeira pessoa, englobando amor, raiva e frustração. "Não canto para chocar", observa o vocalista. "Minhas letras falam de coisas que todos sentem."

A turnê de *Around The Fur* durou mais de um ano e mostrou como o Deftones reflete sua música nos palcos: Chino agarra o microfone com as duas mãos e canta com tanta raiva que as veias saltam em seu rosto. Chi e Stephen pulam sem parar, sempre acompanhando a vulcânica combinação rítmica de Abe e Frank.

Os bons leitos presenciarão essa psicose quando o quinteto tocar na última noite do Rock In Rio. O festival não é a primeira conexão do Deftones com o Brasil. Em *White Pony*, Chino fala sobre Joana Prado na música "Feiticeira". Ainda por cima, os membros da banda são amigos de Max Cavalera, do Soulfly. "Ele é uma das minhas maiores influências", elogia Chino. "É muito gentil, espiritual e inteligente. Poder trabalhar junto com ele é um privilégio."

Chino (*segundo à esq.*): influenciado pela new wave

Pearl Jam

Tudo pelos fãs

por Bernardo Araujo

Sejamos honestos: todo mundo se amarra num disquinho pirata. E como poderia ser diferente? Um registro do seu artista favorito que pouca gente tem, com versões exclusivas das canções e, com sorte, até um errinho para dar mais charme. É delírio total. De alguns anos para cá, quando a indústria da pirataria virou coisa de milhões de CDs e de dólares, anda rola o aspecto financeiro: o disco pirata, reproduzido diretamente do original, custa a metade (ou menos) do preço da loja. Para os crédulos, serve até como motivação para que os preços caiam. O artista, que normalmente já é sacaneado, passa a não ganhar nada. Mas tudo bem, ele já é rico, né?

Pois o Pearl Jam aplicou um golpe de mestre nos fãs, na indústria e na concorrência: lançou nada menos que 25 CDs ao vivo ao mesmo tempo, cada um correspondente a um show da turnê européia de *Binaural*, o último trabalho de estúdio. Os discos, simplesinhos mas bonitinhos, estão nas lojas com o preço habitual de um CD. Ainda é exorbitante, claro, mas certamente uma gravação pirata não sairia com tanta qualidade e custaria muito mais.

Os CDs, duplos, têm capinhas de papelão reciclado (como já faz o Pearl Jam em alguns discos) com o nome da cidade e a data em que foram gravados, algo como *26 6 00, Sporthall, Hamburg, Germany* (número 23) ou *08 6 00, Bercy, Paris, France* (10). Nada de encarte, apenas o setlist, em geral escrito com garranchos e rasuras. Alguns bons golpes de marketing: as bolachinhas são coloridas (amarelas, verdes, roxas, dependendo das cidades) e as lombadas das embalagens variam ligeiramente de cor, de maneira que os 25 discos, lado a lado, em ordem, formam um belo degradê. O grupo de Eddie Vedder, Jeff Ament, Mike McCready, Stone Gossard e Matt Cameron (um, a banda conseguiu repetir o mesmo baterista de um album para o outro!) dá um banho de publicidade e ainda bate um recorde: dos 25, cinco acabaram entre os 200 mais vendidos da parada da revista *Billboard*, uma marca inédita. Jamais um artista havia entrado na lista com tantos discos de uma só vez. Os preferidos do público foram os de Katowice, na Polônia (15), Milão (20) e Verona (19), na Itália, Londres, na Inglaterra (5) e Hamburgo, na Alemanha. Com um pouco mais de sorte, Cardiff, no País de Gales (9), e Manchester, na Inglaterra (8), que passaram raspando, teriam ficado entre os Top 200. Se isso tivesse acontecido, o Pearl Jam igualaria o recorde dos Beatles, U2 e The Monkees de mais discos na parada *Billboard* ao mesmo tempo. A partir de janeiro, a banda pretende editar mais 47 CDs ao vivo, dessa vez da turnê americana.

Originalmente o plano era gravar e lançar 28 shows, mas houve a tragédia do festival de Roskilde, na Dinamarca, no dia 1º de junho, quando nove fãs morreram esmagados durante a apresentação do grupo. Além desse, mais dois shows foram cancelados. Se a imagem do grupo ficou arranhada com o incidente (injustamente, pois, como determinou a própria polícia dinamarquesa, eles não tiveram culpa), a redenção veio em forma de gravações ao vivo. Quem perdeu foi o público brasileiro, já que a banda desistiu de vez de se apresentar em festivais, e o compromisso de vir para o Rock In Rio melou.

BEM PARA A IMAGEM

Isso quer dizer que o Pearl Jam faz tudo pelos fãs, como o Offspring, que sorteou 1 milhão de dólares para os seus e cujos integrantes ficaram revoltados porque a gravadora não permitiu que pusessem o ótimo *Conspiracy Of One* inteiro à disposição para download na internet? Sim e não. É claro que o grupo se importa com seu público, como comprovam os singles anuais gravados apenas para o fã-clube ("Last Kiss", o maior sucesso da história do quinteto, começou assim) e a insistência em lançar discos praticamente a cada ano, o que satisfaz os admiradores fiéis, porém não atrai mais tanto o interesse do consumidor em geral. Mas também vale como investimento financeiro e de imagem. Primeiro porque gravar shows hoje em dia não é muito caro, as vendas com certeza compensam a grana empatada, e os discos piratas, pelo menos desta turnê, não valerão nada. E depois porque fica uma imagem de banda

INFO Jam

A banda tocou **78 músicas** diferentes nos **25 shows** registrados, incluindo **três** improvisos, chamados de "Improv", todos para públicos de idioma alemão: 11 de junho em Nurburg, na Alemanha; 18 de junho em Salzburgo, na Áustria; e 22 em Berlim, novamente na Alemanha.

A música que o grupo mais usou para **abrir os shows** foi **"Sometimes", oito vezes**, seguida por "Of The Girl", com **seis**.

Para encerrar, **"Yellow Ledbetter"** foi a favorita, aparecendo **15 vezes**. Em um distante segundo lugar vem "Rockin In The Free World", **três vezes**.

Cinco canções aparecem apenas **uma vez**: **"Baba O'Riley"**, **"Crazy Mary"**, **"I Got You"**, **"In The Coliseum"** e **"Whipping"**.

Apenas uma está em todos os discos: **"Corduroy"**. Outras freqüentes são **"Animal"** (**24 vezes**), **"Do The Evolution"** e **"Betterman"** (**23 cada uma**).

A **Grã-Bretanha** lidera o ranking de países, com **seis shows** gravados: Londres (dois), Manchester, Glasgow (Escócia), Cardiff (País de Gales) e Dublin (Irlanda). Depois vem a Alemanha, com Nuremberg, Nurburg, Berlim e Hamburgo; Espanha (Barcelona e San Sebastián), Itália (Roma e Verona) e Polônia (Katowice, duas vezes) aparecem a seguir.

Pearl Jam

que se mata pelos fãs, além da integridade de gravar shows inteiros, na ordem em que foram apresentados, com erros (como a microfonia em "Alive" no Spectrum, em Oslo, na Noruega) e tudo o que se viu ali naquela hora. Sem falar que gravadoras não dão ponto sem nó.

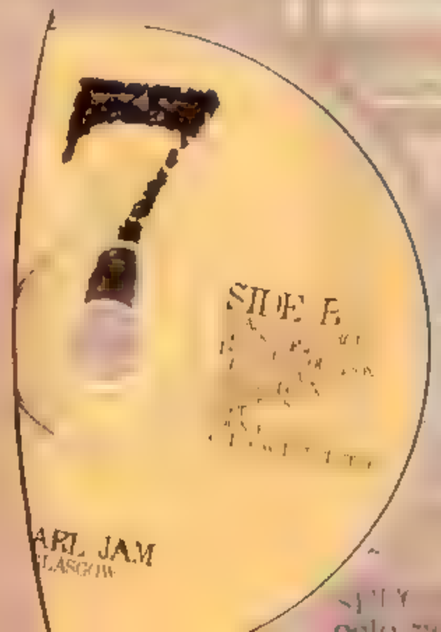
INSPIRAÇÃO EM VERONA

É claro que 25 shows diferentes trazem muitas nuances, o que se torna mais um atrativo para os fanáticos. O repertório varia imensamente: apenas "Corduroy" está em todos os 25 discos. Por outro lado, uma preciosa versão para "Baba O' Riley", do Who, aparece somente no CD do show de Hamburgo. "Crazy Mary" e "Whipping" são outras que só pintam uma vez cada uma. É curioso a comparação com *Live On Two Legs*, primeiro álbum ao vivo oficial do grupo, lançado em 1998. Trata-se de um disco simples e o Pearl Jam costuma dar longos shows, que só cabem em dois CDs. Resultado: *Live On Two Legs* tem 16 músicas, quando o registro mais curto da nova coleção, o do show de Landgraaf, na Holanda, conta com 20 canções. A maioria tem 25 ou 26, em média.

A noite de 20 de junho e o ar de Verona, cidade de Romeu e Julieta, inspirou o grupo, que tocou 31 músicas. A quantidade deve ter motivado o público a escolher o disco gravado na cidade italiana como um de seus favoritos. Menos vários pontos para *Live On Two Legs*. Mas existe algo que só o disco de 1998 tem: a canção com maior título da história do Pearl Jam. "Elderly Woman Behind The Counter In A Small Town" está lá e não foi registrada em nenhum dos 25 CDs de 2000.

Estratégia? Certamente, e das boas. Aparecem também canções que a banda só havia lançado em singles e edições especiais, como "Yellow Ledbetter" e "Last Kiss". Os velhos sucessos de *Ten*, primeiro disco do grupo, de 1991, são fáceis de se encontrar na série: "Even Flow" está em 21 dos 25 discos; "Jeremy", em 6; "Alive", em 19; "Once", em 14; e até "Garden", menos conhecida, em 4. Só "Black" figura na maioria dos CDs de 2000 e também no de 1998. Só fica faltando "Oceans". Às vezes surgem siglas: "RVM" é a abreviação de "Rear View Mirror" e "RITFW" significa "Rockin' In The Free World". É óbvio que o fã que dispuser da grana comprará todos sem pestanejar.

Desde que existem gravadores existe pirataria. Grupos como os Beatles, os Doors e os Rolling Stones têm centenas, talvez milhares de gravações de seus shows que já deram dinheiro a alguém diferente deles. Os ripongos do Grateful Dead foram um dos primeiros a deixar que os fãs gravassem seus shows, na década de 70. A banda não estava nem aí, os malucos que os seguiam por onde fossem os "deadheads" – podiam captar o que bem entendessem. Anos depois, o Metallica (quem diria!), os Black Crowes e o próprio Pearl Jam também passaram a permitir gravadores e até câmeras de vídeo em suas apresentações – e não é preciso ser adivinho para sacar no que esses registros se transformavam. A atitude de se "oficializar" um pirata foi inclusive tomada por Paul McCartney em seu *Unplugged*, de 1991, que ganhou o subtítulo de *Official Bootleg* (*Pirata Oficial*) e só teve 500 mil cópias prensadas. Agora foi o Pearl Jam que apontou seus canhões contra os bucaneiros.



Como rechear seu case para fazer amigos e influenciar pessoas **na praia**

As chinelices do acervo de **Wander Wildner**

Discofagia

Para quem se alimenta de música

Sem o Television, **Tom Verlaine** também deixou seu registro essencial

Cotações*

- ★★★★★ Show Do Milhão
- ★★★★½ Gordo A Go-Go
- ★★★★☆ RG
- ★★★½☆ Casseta & Planeta Urgente
- ★★★☆☆ Musikaos
- ★★½☆☆ Alias Ho as
- ★★☆☆☆ Programa Livre
- ★½☆☆☆ Território Livre
- ★☆☆☆☆ Super Positivo
- ½☆☆☆☆ Fala Que Eu Te Escuto
- ☆☆☆☆☆ Caldeirão Do Huck

*todas pelos autores das resenhas

Limp Bizkit

Boçais liderados por Fred Durst fazem a obra-prima da escrotidão musical

AD • All Saints • At The Drive-In • Blink-182 • Brujeria • Caetano Veloso • Classe • Everlast • Fastball • Fatboy Slim • Finley Quaye • Group Doginill • Guru's Jazzmatazz • Johnny Cash • Luna • Marilyn Manson • Medeski Martin And Wood • Morgan • Mucho Macho • Nashville Pussy • PJ Harvey • Rage Against The Machine • Rancid • Roni Size/Reprazent • Ryan Adams • Selected Cuts From Blood And Fire • Six By Seven • Spice Girls • Stoned Immaculated • UB40

Mais um embuste a seduzir a galera do mal

Favor puxar a descarga

☆☆☆☆☆

Limp Bizkit
Chocolate Starfish And The Hot Dog Flavored Water
Universal

"O rap, hoje em dia, é uma coisa prejudicial, porque é, criativamente, um beco sem saída. Só suga o que foi feito de bom na música negra antiga. Fica parasitando. O discurso já perdeu o seu vigor. Até 1984, ainda tinha força. Agora virou uma repetição. Glorifica estilos de vida escrotos, individualistas e materialistas. Os artistas não são poetas, não são sensíveis. Pelo contrário. Não duram: são mortos ou ficam uma merda. É o negócio mais burro, mais baixo e imediato possível. É horrível." Essas sábias palavras, ditas por um dos melhores jornalistas que já passou por BIZZ, são perfeitas para iniciar uma análise do novo produto da banda americana Limp Bizkit. Não é preciso ser muito informado para saber que a interseção de rock e rap nunca esteve tão em voga como nos últimos meses. E qual é o resultado disso? Machinhos brancos que querem botar para quebrar sem ter um tiquinho de informação ou sensibilidade. Dá também em discos como *Chocolate Starfish And The Hot Dog Flavored Water* (numa tradução livre, *Buraco Do Cu E A Agua Com Sabor De Cachorro-quente*) de capa tenebrosa, diga-se. Como é que o mundo pôde chegar até aqui sem uma música como "Hot Dog", em que o vocalista Fred Durst se vangloria de dizer a palavra "fuck" 46 vezes? As participações de Scott Weiland (do Stone Temple Pilots) produzindo e cantando servem como um alerta do que as drogas podem fazer com o cérebro de um ser humano. Tem também uma "My Generation" como a do Who, onde o Limp Bizkit se lança como a voz de sua geração – a geração que "don't give a fuck" (não está nem aí). Teoricamente, só menores de 14 anos caíram numa dessa. Mas esse rapcore (ou rapmetal ou, hip-rock) de letras vazias, valores deturpados e músicos medíocres se alastram igualzinho a grupos de axé, de italo-house e boy bands. Não traz nada de bom para o rock, nem revitaliza o rap, que só dá espasmos na base de um ou outro Jurassic 5. Grande bosta.

José Flávio Júnior

★★★☆☆

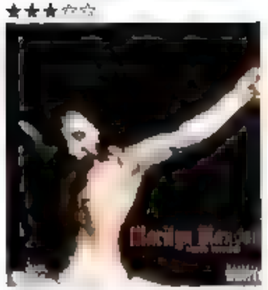
Everlast
Eat At Whitey's
Sum

Rap sério enquanto o House Of Pain não vem

Para o público, ele é o frontman do House Of Pain, do hit "Jump Around". Para a crítica, é o branco que fundiu o folk ao rap e participou de *Supernatural*, premiado álbum de Santana. Seja qual for o seu Everlast, as notícias são boas: *Eat At Whitey's* da seqüência ao elogiado *Whitey Ford Sings The Blues* (1999) com levadas de violão rústicas e bandas suaves. Ao mesmo tempo, o retorno do trio está prometendo para o ano que vem. Ao injetar veia bluesera no hip-hop, Everlast tornou-se uma espécie de trovador do rap. Tendo igual cuidado com as melodias e com os beats, valorizou o processo de composição num gênero de colagens e edições de estúdio. O resultado está desenhado com detalhes em *Eat At Whitey's*, seja nas belas melodias ("Graves To Dig"), nas linhas de cello ("Whitey") ou no lirismo das letras ("Black Coffee"). Até uma introdução de guitarra no estilo de Clapton ele manda em "Children's Story". As participações de Ndea Davenport ("Love For Real") e Santana ("Baby Ion Feelings") confirmam que Erik Schrody, seu nome de batismo, passou a ser levado a sério no meio musical – se isso é bom ou mal, o retorno do House Of Pain dirá. Aqui, o gangsta só aparece em "Deadly Assassins" – e para mostrar que Everlast ainda é bom de briga.

Luciano Marsiglia

★★★☆☆



Marilyn Manson
Holy Wood (In The Shadow Of The Valley Of Death)
Interscope/Universal

Quatro anos após estouro, o bonitão ainda evoca ódio

Quem tem medo de Marilyn Manson? Ele fez barulho, assustou as crianchinhas e, superexposto, conseguiu nos acostumar a suas caretas. Mas faixas como "The Fight Song" e "Disposable Teens" em seu novo CD demonstram que o homem ainda consegue evocar ódio. Co-produzido por Dave Sardy (Slayer, Helmet), o disco encerra a trilogia iniciada há seis anos em *Antichrist Superstar*. Traz guitarras pesadas à Black Sabbath e teclados atmosféricos à Pink Floyd. A novidade é a influência dos Beatles, que aparece em algumas vocalizações suaves e no repúdio ao ideário hippie de John Lennon ("Você diz que quer uma revolução/Cara, eu digo que você é cheio de merda") *Holy Wood* descreve como um rockstar pode ser abatido pelas pressões da fama, do governo, da religião e da ganância. Grupos religiosos e cadeias de lojas conservadoras fazem o coro, promovendo ações de boicote ao cantor, que agora teve a capa do disco censurada por representá-lo numa cruz. Ele se importa? Nada. E ainda cada vez mais ódio contra si. Eis o que parece ser o lema do disco: "Quanto mais você nos teme/Maiores ficamos/E não fique surpreso/ Quando destruirmos tudo". Medo de Marilyn Manson?

Marcel Plasse

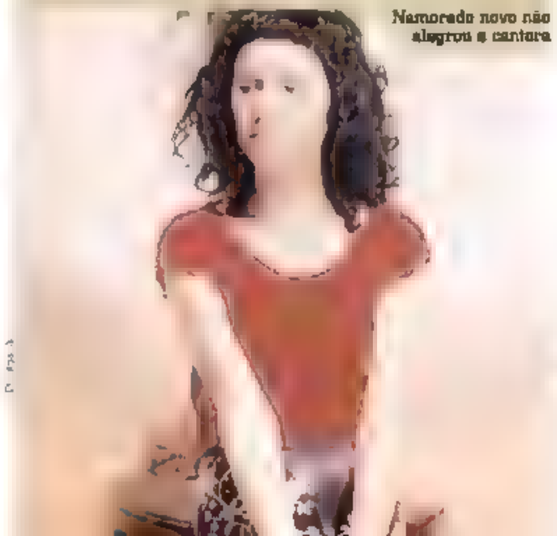
Pobre menina

★★★★☆

PJ Harvey
Stories From The City, Stories From The Sea
Island/Universal

Em peso, os especialistas juram que o quinto CD em oito anos de carreira da cantora e compositora inglesa Polly Jean Harvey é um manifesto de alegria. Assim, o álbum se distinguiria dos anteriores, como *Dry*, que lançou PJ Harvey ao céu dos depressivos do rock em 1992. Afinal, argumentam, Polly está de namorado novo, mudou-se para Nova York e tudo isso se reflete nas 12 canções de *Stories From the City, Stories From the Sea*. Não consigo ouvir nada disso no CD. O que percebo no novo trabalho de PJ é uma excelente arremetida artística do gótico sofisticado comum na década de 80 – na qual a musicista foi beber no início da carreira – para um estilo mais claro, inspirado no pré-punk da cantora Patti Smith. E, claro, a presença da terra natal desta, Nova York, se faz sentir em sua paisagem mental. A vida íntima da cantora interessa bem menos do que sua elaboração sonora. O fato é que a linguagem musical se tornou mais definida, os acordes do violão ganharam em nitidez e nos teclados, sua digitação adicionou sutileza. A voz perdeu o "blur" adolescente. Agora ela salta oitavas para jogar com graves e agudos, mas sem quebrar as notas como faziam os grunges. PJ exibe um vocal mais lírico, afinado e sintonizado com a vida eletrônica – que exige precisão do som para que seja posteriormente reciclado. Nova York comparece nas letras: o terror das ruas em "Big Exit", a nostalgia da casa interiorana em "A Place Called Home", a prostituição em "The Whores Hustle And The Hustlers Whore" e amor, muito amor cosmopolita em "This Mess We're In", "Kamikaze", "This Is Love", "We Float", baladas planas e lentas como suspiros. "Beautiful Feeling", com melodia sugubre e versos líricos, sintetiza o CD: o amor é melancólico. PJ Harvey também. Não está mais feliz, não. Como artista, o que ela mostra é mais maturidade.

Luis Antônio Giron



Namorado novo não alegrou a cantora

★★★½☆

Fastball
The Harsh Light Of The Day
Sum

Banalidade nas letras não estraga pop do trio texano

O trio texano Fastball faz rock sem brutalidade e despido da carapaça (new) metalizada e emburrecida com que o gênero costuma ser apresentado atualmente nos Estados Unidos e no Brasil. Quem o conhece apenas do hit abolerado "The Way", de 1998, vai encontrar coisa semelhante na balada "Love Is Expensive And Free", com sopros mariachi, violão pseudoflamenco e Brian Setzer na guitarra. Mas, acima de tudo, o ouvinte vai se surpreender com o punhado de boas canções reunidas nesse terceiro álbum. Poucas bandas têm a sorte de contar com dois compositores inspirados – e a praia de Miles Zuniga (vocais, guitarra) e Tony Scalzo (baixo, vocais) é banhada por algumas das melhores influências do chamado power pop, seja Beatles (não por acaso, Billy Preston toca em "You're An Ocean") ou Elvis Costello (confira "Wind Me Up", que poderia ter sido da melhor safra do britânico). Melodistas competentes, os rapazes escrevem a moda antiga, ao piano. Nem sempre conseguem fugir da banalidade nas letras, mas se destacam em meio ao rebanho de bermudões tatuados e cheios de piercing na hemorróida.

Pedro Só

Para quem gosta de:
Teenage Fanclub, Gin Blossoms, bandas do Evo Eyewear

★★☆☆☆

Blink-182
The Mark, Tom And Travis Show (The Enema Strikes Back)
Universal
Ao vivo dos Backstreets Boys que têm a boca suja

Alguém aí pode explicar por que uma banda de hardcore melódico, da coleção *punk music made in USA*, com músicos medíocres e músicas previsíveis, grava um disco ao vivo? Quem quer ouvir os Piscadelas tocando "Blow Job", "Family Reunion", "Rich Lips" e "Pathetic" (título que define a banda), todas com um fundo de groupies adolescentes histéricas e meninos ensandecidos? Quem quer ouvir as gracinhas ditas nos intervalos das músicas? Quem quer ouvir um grupo que é perfeitamente confundido com outros 317? Os Piscadelas não passam de uma boy band de boca suja. Eles são tatuados, malvadinhos e sarcásticos, mas são tão falsos quanto os Backstreet Boys, que foram motivo de chacota no clipe de "All The Small Things". A diferença é que eles sabem tocar instrumentos e não são exatamente o tipo de cara que os pais gostariam para suas filhas. Mas era só tomar um banho, cortar os dreads, limpar as tatuagens e cantar sobre amor que estava resolvido. A banda dos irmãos mais novos do Green Day que cresceram sem Toddy não chega a ser rum. A coisa mais parecida com eles é água: incolor, inodora e insípida. Serve para matar a "sede de roque" dos garotinhos e garotinhas sem critério.
Clarah Averbuck

Tão pretensioso quanto desinteressado

De pai para filho

★☆☆☆☆

Caetano Veloso
Noites Do Norte
Universal

O ex-agitador baiano tem levado sua carreira como uma competição de revezamento entre discos/espetáculos acessíveis e cerebrais. Quando grava canções de Peninha, ele defende a música do "povo" em seus shows e, assim, chama para si parcelas desavisadas de consumidores. Ao lançar um CD "conceitual", seu comportamento é previsível: trava monólogos herméticos contra a crítica, para, assim, vender mais cópias de discos. Suas controvérsias, porém, têm morrido nas páginas dos jornais por não conterem idéias claras. Ele está cada vez mais impreciso nos propósitos – se é que existem.
A postura é cínica. O personagem público criado por Caetano polemiza com o passado do líder da vanguarda de 1968. O artista aproxima-se velozmente dos nacionalistas que combateu no início da carreira – quando queria ser crítico, e não músico. Agora, é exemplo de sucesso. Seu novo álbum sendo comercializado é a prova de que toda a lengalenga visou a esconder o dado real e insofismável: o trabalho é chato, repetitivo e sem idéias claras.
As 12 faixas não têm ligação entre si, a não ser as quatro primeiras, inspiradas na idéia do abolicionista Joaquim Nabuco, segundo o qual a escravidão marcou a cultura brasileira. Canções com um acorde e meia idéia formam o grosso do álbum. A faixa "Rock'n'Raul" sapateia no caixão do saudoso Raul Seixas (com direito a rimas riquíssimas como "Esbórnia na Califórnia/Dias ruins em New Orleans"). Caê o acusa de americanizado. Vamos e venhamos: quem compôs "Manhatã" em homenagem a Manhattan não pode dizer nada sobre Raul, que fez a fundição do rock com o baião. Mas o pior é que o baiano deixou o serviço de arranjos para o chatonildo Jaques Morelenbaum – e seus protótipos para cordas – e para o ainda mais insuportável Moreno Veloso
Luis Antônio Giron

★★★★½

Nashville Pussy
High As Hell
TVT/Sum
Drogas, tatoos, inferno, orgias, armas, carrões...

Os americanos, como os brasileiros, adoram três espécies de louras: as saradas, as geladas e as "quanto menos roupa, melhor". Mas, quando o assunto é música, as semelhanças param por aí. Se aqui a mistura de ingredientes tão libidinosos resulta nos tchans da vida, no país do Tio Sam a tal mistureba desponta com gosto mais apimentado e leva o nome bem sugestivo de Nashville Pussy. Drogas, tatoos, inferno, orgias, armas, comidas de carro e até levar um boquete de uma cobra (argh) rondam o mundinho trash desses quatro despirocados da Georgia. Em seu segundo álbum, o quarteto continua montado no rock'n' roll cruzaço, pegando carona nos sons de Ted Nugent a Aerosmith das antigas. Se você tem saudade de bater a cabeça com a guitarreira do AC/DC na fase Bon Scott e engole na boa os gritos do vovô Lemmy (Motörhead), tabefes como "Struttin' Cock" e "Shoot First And Run Like Hell" vão chapar os seus ouvidos. E, na boa, não é qualquer maluco que põe duas mulheres quebrando um baseado em cima de uma bíblia na contracapa do CD. *High As Hell* é aquele tipo de álbum que fama. Beavis e Butt-Head pedirem bis.
Marco Bezzi

Para quem gosta de:
AC/DC, Motörhead, Gwar, Supergrass, MC5, Motley Crue

Questão de ordem

★★★★½

Rage Against The Machine
Renegades
Sony

Renegades não foi planejado. A banda anunciou um álbum ao vivo. Em seguida, o vocalista Zack de La Rocha caiu fora. E aqui temos um disco de estúdio com ele. O que virou o quarto CD do Rage surgiu como uma sessão de covers, gravados para completar o número de faixas nos futuros compactos do álbum ao vivo. Só que, quando o trabalho começou com o produtor Rick Rubin, a oportunidade foi aproveitada. Por meio dessa coleção de faixas engajadas, o vocalista despede-se em alto estilo, gritando e espermeando com clássicos de rock e rap. A coleção irada inclui hinos dos anos 60, como "Maggie's Farm" (Bob Dylan), "Street Fighting Man" (Rolling Stones) e "Kick Out The Jams" (MC5), punk autêntico, como "In My Eyes", do Minor Threat, e hip-hop das antigas, como "Microfone Fiend", de Eric B e Rakim, e "Renegades of Funk" de Afrika Bambaataa. Tem ainda Bruce Springsteen, Devo, Cypress Hill, Volume 10 e Stooges. Tudo é tocado com raiva e urgência, como se fossem faixas recém-compostas e, algumas vezes, até superando o original. Há tropeções, claro, mas são conseqüências da ousadia de se gravar material tão diverso. O impressionante é a unidade de som e espírito que a banda encontra nesse caótico repertório.
O Rage conseguiu inventar seu próprio estilo, copiado à exaustão sem nunca ser captado de verdade pelos aspirantes a limp bizkits.
Marcel Plasse

O quarteto ataca pela última vez

★★★★☆

Fatboy Slim
Halfway Between The Gutter & The Stars
Sony
Norman Cook pede para a festa dar uma baixada de bola

"Ah, desgraçado!", deve ter pensado Norman Cook quando ouviu o último trabalho de Moby. Afinal, este apenas se apossou de uma caixa de discos de canção tradicional norte-americana e da fórmula Fatboy Slim de fazer um hit para criar seu *Play*. A matemática de Cook era até simples: junte uma base ambient, crescendo devagar, com um ritmo eletrônico quebrado para o funk e vocais, sempre em primeiro plano, com emoção, alma e vontade. Moby só sintonizou para o blues e enfiou o lado ambient (sua especialidade) em detrimento do ritmo (especialidade de Slim). Perder em seu próprio jogo dessa forma deve ter doído no ego de Norman, que respondeu com um disco melancólico e saudosista. No lugar da diversão disparada de seus dias de reinado, impõe um funk mais pesado e lento, pedindo para a festa dar aquela baixada de bola. Convidados como Macy Gray (setentíssima nas ótimas "Love Life" e "Demons") e Jim Morrison (na enfadonha "Bird Of Prey") ajudam a manter o clima de *chill-out*. O pôr-do-sol na capa não disfarça, estamos assistindo ao ocaso do universo da diversão rave, sendo prostituída pelo mercado com pouco mais de uma década de existência. Resta a quem continuou dançando curtir o finzinho da noite. O Sol já está nascendo, por isso o ritmo é mais sossegado e preguiçoso. Mas nem por isso deixa cair.
Alexandre Matias

★★½☆☆

Brujeria
Brujerizmo
Sum
Malucos erram na dosagem de hardcore e death metal

É um pouco difícil explicar por que o terceiro disco do Brujeria não está legal. As letras continuam absurdas, o instrumental segue pesado e a formação é praticamente a mesma, com Juan Brujo, Asesino, Guero Sin Fe, Greñudo, Fantasma, Pinche Peach... na verdade, pseudônimos onde se escondem Billy Gould (Faith No More), Dino Cazares (Fear Factory), Shane (Napalm Death) e outros músicos americanos. Talvez o grande erro esteja na dosagem de hardcore e death metal, os estilos preferidos desses malucos. *Brujerizmo* soa bem mais metaleiro do que os trabalhos anteriores do grupo. Tem até solo de guitarra e músicas longas. As vezes, aproxima-se do Ministry fase *Psalm 69*, como nas faixas "Pitus, Te Invoco" e "Laboratorio Cristianitos". Talvez os temas das letras não tenham sido bem escolhidos, apesar de o zapatismo continuar no centro de tudo. Mas, em vez de endeusar o traficante Pablo Escobar, Juan Brujo agora pede a cabeça de Fide. Castro. Os novos alvos não fazem rir no final. E nem foi a piada que se esgotou. O que parece é que a abordagem não foi feliz dessa vez. Para tirar todas as dúvidas, o jeito é ir em *Raza Odiada* (1995), o disco anterior, que traz a música em homenagem ao rei da coca, "El Patron", "La Migra", "Hermanos Menendez" e outras cacetadas que fazem dele um verdadeiro clássico do barulho moderno. Pergunte ao João Gordo.
José Flávio Junior

★★★½

AD
AD
Trama
Dupla eletrônica opta por sotaque frio e europeu
Se computadores fazem arte e artistas fazem dinheiro, nem queira saber que ruos os publicitarios fazem quando resolvem se meter na musica. Felizmente, a dupla paulistana AD foge do estereotipo com-um ProTools-eu-sou-moderno que infesta a "cena musical" do mercado de propaganda. Não que eles não pretendam soar modernos – a diferença é que descobriram sua própria formula e conseguem fazer bem o serviço. Imersa no funk psicotronico conhecido como big beat, a dupla enxuga a gordura de graves que estremecem o chão, optando por um sotaque frio e europeu. O resultado é um pancadão sofisticado e sério, que escorrega quando tenta brincar de breakbeat (fica sempre a sensação de que esta faltando algo, tipica de grande parte do drum'n' bass brasileiro) e por ter uma "formula" de operar os dados facilmente decifrável. E é melhor nem entrar em detalhes sobre as participações de Fernanda "não esquece de pôr aí que sou escritora" Young, destruindo toda sua fleuma vazia e cheia de não-me-toques em vocalises mornos e a cada sílaba mais arrogantes.
Alexandre Matias

★★½☆☆

Rancid
Rancid
Hellcat/Sum
Californianos abandonam o ska para fazer punk duro
E revolução da internet para cá, maravilhas tecnologicas do mundo neoliberal para lá... De tanto ouvir falar em cretinices e papos-para-otario assim, um homem vai ficando revoltado, puto da vida mesmo. E aí acaba fazendo discos como esse que o quarteto californiano Rancid aprontou: furibundo, desvairado, cheio de impropérios e palavrões, com uma patética vontade de tirar as calças pela cabeça. Neste quinto álbum, a marca registrada do Rancid – sua fixação pelo Clash – afunila se numa ortodoxia rock: o ska e as jamaicanices foram postos para correr, nem pense em encontrar a participação de Buju Banton que decorava o trabalho anterior. São 38 minutos retos e desembestados, 22 sons com dois acordes que se atropelam o tempo todo e melodias esgoeladas. Claro que você já ouviu isso antes (e muito melhor) e é evidente que a única coisa que um álbum assim pode mudar é o saldo bancario do grupo. Mas o fato de bahacas do Primeiro Mundo lembrarem da África ("Rwanda" e "Blackhawk Dawn") num momento tão festa do caquí do capitalismo ainda sensibiliza corações anacrônicos. Joey Ramone adorou o disco. Nós, brasileiros, vamos com menos entusiasmo, mas embarcamos.
Pedro Sá

Coisas de mulher

Por José Flávio Júnior

★★★★☆

All Saints
Saints & Sinners
Warner
Conversa de banheiro
No segundo disco, os produtores de Natalie, Shaznay, Melanie e Nicole decidiram capnchar mais William Orbit (o da Madonna) assina algumas faixas, sendo que todas possuem potencial para virar hit. É pop de vocalistas feito segundo a cartilha.
Na frente do espelho
São meio hangudas, mas o shape compensa. O visual está muito bem cuidado. Cortes de cabelo atuais, maquiagens acentuando seus lábios carnudos, microtatuagens em lugares estratégicos, um charminho para a lente do fotógrafo e... Clic!
Frígidas ou quentes?
Pelo menos quatro músicas são excelentes. "Pure Shores", "Black Coffee", "Whoopin' Over You" e "Ha Ha". A produção é fina, os arranjos, bem sacados. Com efeitos e barulhinhos nos momentos certos. E elas cantam direitinho, não há como negar.

★★★☆☆

Spice Girls
Forever
Virgin
O fim se aproxima e as quatro Spice remanescentes vão fazendo o diabo para aparecer na mídia como se tudo estivesse bem. Elas deviam estar tão ocupadas com seus projetos individuais que tiveram de usar uma foto de final de coletiva para ilustrar a capa do terceiro álbum. Apelaram.
Emma sempre foi baranguinha. Continua reprovada no teste da areia. Victoria é a que mais se esforça para parecer bonita. Não é de se estranhar que seja a mais desafinada. Mel B parou de amamentar para colocar silicone (que feio!). Mel C engordou, mas segue como a mais simpática.
Precisam aprender novos truques de sedução. Caíram de boca no R&B, mas faltou ousadia. Não que "Holler" não tenha ficado nos trinques. É que a fórmula se repete e, quando termina o CD, não rolou nada memorável como "Stop". Melhor esperar o segundo solo da Sporty Spice Mel C.

★★★☆☆

Classe
Classe
Regata/Sony
Estréia do quarteto vocal brasileiro Classe e também do selo Regata, dirigido pelo ex-parceiro de Lobão e roteirista do *Superpop* Bernardo Vilhena. As garotas sabem compor, mas quem coordena é o Artista Reunido Jairzinho Oliveira.
Parecem mais vocalistas do que modelos. O que é legal. Um grande erro é não existir identificação de quem é quem no encarte, já que as paulistas estão debutando.
Além de matena próprio, também gravaram Tim Maia ("Não Vou Ficar"), Luis Melodia ("Tempo De Viver") e Novos Baianos ("Ferro Na Boneca"). No final, soa bem parecido com a MPB da Trama, só que cantada por fêmeas.

★★★★☆

Finley Quaye
Vanguard
Sony Music
Experiências com reggae renovam estilo jamaicano
Finley Quaye é o astro que todos os rastamen de araque brasileiros davam o dedo mínimo para ser. Ele aproveita o melhor do reggae tradicional – os timbres abissais – e mistura com outros gêneros, como jazz, soul music e rock. Deixa de lado a eterna ladainha rastafári para brincar com temas do cotidiano. Essa ousadia rendeu pelo menos um disco bacana, *Maverick A Strike* (1998). Uma temporada numa clínica para drogados e um show desastroso no Free Jazz do ano passado, contudo, ajudaram a arranhar a reputação do cantor. Mas eis que chega às lojas *Vanguard*, segundo lançamento de Finley, bem mais ensolarado do que seu antecessor, com músicas dignas dos melhores álbuns de Desmond Dekker (um dos papas do ska jamaicano) e de Burning Spear. Aliás, assim como este último, ele tem uma voz única – anasalada e potente. Mais do que isso, ele atualiza suas experiências com o reggae colocando uma boa dose de rock'n'roll ("Spiritualized") e drum'n'bass ("Broadcast", que detona de leve aberrações do futebol inglês, como o perna-de-pau Dennis Wise e o técnico Glenn Hoddle). De resto, uma seleção do que o gênero exportado pela Jamaica tem de mais atraente: canções que adentram no roots ("Everybody Knows"), lovers rock ("Burning") e ska ("Feeling Blue").
Sérgio Martins

Matriz do balanço

★★★★☆

Roni Size/Reprazent
In The Mode
Island/Universal

As novas formas propostas na estréia de Roni Size/Reprazent, em 1997, não eram fogo de palha. Agora que o drum'n'bass foi adotado até pelos setores mais arcaicos da MPB (maior assimilação, impossível), mais uma vez o grupo aponta saídas para que a música eletrônica fuja do piloto automático.
A variedade de recursos está em casa, além de Size, há três manipuladores (Krust, Die e Suv), voz masculina (Dynamite) e feminina (Onaiee). Quem lucra com a empreitada é o rap, que ganha contornos diferentes nas mãos do combo. Os ingleses promovem inúmeras colisões de ritmos para segurar a peteca, saindo dos samplers óbvios e levadas repetitivas que banalizaram o estilo. O melhor exemplo disso é "Ghetto Celebrity", na qual um paranóico Method Man manda nos microfones, enquanto as constantes mudanças de andamento e paradas estratégicas tratam de não deixar a música cair na rotina. O outro convidado ilustre, o ex-raivoso-contra-a-máquina (em todos os sentidos) Zack de La Rocha, destila sua verborragia asteril (não estéreo) em "Centre Of The Storm" – vale pelo marketing, já que o vocalista é cativo da racinha. Antes que alguém pergunte pelo gênero que consagrou Size, é preciso dizer que "Snapshot", "Staircase" e "Mexican" privilegiam a gravidade igualmente, sem apelar para a solução tacil. Ora as bebidas preparam a cama para a entrada das baixarias, que chegam na manha, ora Onaie assume a canforia e imprime um caráter de pop moderno à Breakbeat Era, também cria da turma. Sabendo a hora certa de radicalizar na técnica ou de amansar a cadência, a "posse" de Bristol garante seu lugar entre as matrizes do groove atual. Seja drum'n'bass, rap, tanto faz.
Emerson Gasperin

Roni Size em suas mãos, até o rap sai da manivela

★★★★½

Luna
The Days Of Our Nights
Jericho/Trama
Velvet Underground assombra neozelandes
Nove e meia entre dez bandas do rock alternativo americano se referem ao Velvet Underground como principal influência, tanto musicalmente como na postura. Não é à toa: Lou Reed & Cia. fizeram uma profunda incisão no tecido do rock anos 60, entoando temas mórbidos em cima de bases que variavam de melodias singelas a puro ruído, privilegiando idéias em vez de técnica. Isso fez deles um grupo único, ao qual foi dedicado o seguinte mote: "O Velvet nunca fez sucesso porque não foi ouvido por muitas pessoas, mas todos aqueles que escutaram seus discos montaram uma banda". O Luna, do neozelandês radicado nos Estados Unidos Dean Wareham, se encaixa bem na definição. Tanto que foi o grupo escolhido para abrir a turnê de retorno do Velvet, em 1993. Após quatro álbuns e alguns EPs pela Elektra, a banda mergulhou de vez no esquema alternativo e lançou, no final de 1999, *The Days Of Our Nights*, pelo selo indie Jericho. É um trabalho que mantém a índole *velvetiana* de Wareham, em faixas como "Dear Diary" e "Superfreaky Memories", mas que se permite a finas ironias, como nas versões de "Sweet Child O'Mine", dos Guns N' Roses, e "Neon Lights", dos alemães eletrônicos do Kraftwerk, em arranjo guitarrístico.
Celso Pucci

★★★

Six By Seven
The Closer You Get
Mantra/Sum

A história se repete e mais uma "next big thing" afunda

O começo parecia promissor para o Six By Seven, mais um quinteto a fazer rock nas ilhas britânicas. Era 1998, eram uma possível salvação para o gênero, sendo definidos como "Punk Floyd". Ganharam espaço nas publicações especializadas, as mesmas que hoje lhes dão beirada de página. Mesmo com uma generosa nota 9 do *NME*, *The Closer You Get* não levou a banda a lugar nenhum. Lançado por lá no primeiro semestre de 2000, o segundo álbum do grupo traz, sim, boas canções. O começo, com "Eat Junk Become Junk", "Sawn Off Metallica T-shirt", "Ten Places To Die" e "New Year" empolga, está melhor do que na estréia... Mas é só mais um disco para se ouvir na hora e depois esquecer na prateleira. Compre se estiver barato.

José Flavio Junior

★★★★½

Mucho Macho
Death On Wild Onion Drive
Sum

Mistura de funk, techno e house para bombar o chão

Enquanto as décadas pop e rock passavam, toda uma linhagem de valores rítmicos foi desenvolvida em gêneros marginais como a discoteca, a house, o funk, o techno de Detroit e o rap velha-guarda. Todos esses se encontram no segundo disco da dupla inglesa Mucho Macho (nome tirado de um clipe dos Beastie Boys). Uma usina de groove robótico tão eficaz quanto os grandes nomes do big beat, Tim Punter e Neil Dunnford buscam timbres em um passado recente para facilitar a tremedeira que o grave proporciona à pista de dança. Pecam pelos timbres DX7 (que são retrô, mas ainda não deixaram de soar apenas brega) e na ordem das músicas (o file está no meio do disco), mas bombam o chão com firmeza e disposição.

Alexandre Matias

O melhor do mês passado

IDÉIA

***Familiar To Millions*, Oasis** Esquentando as turbinas para o Rock In Rio com as lindas "Live Forever", "Step Out", "Supersonic" e "Aquiesce"

***As Aventuras Dos Virgulóides*, Virgulóides** Pois é. Os caras conseguiram fazer um discão de samba-rock. Por essa, nem eles esperavam

***Conspiracy Of One*, Offspring** O gun colocando cocô de cachorro no sanduba do pai no clipe de "Original Prankster" resume bem o espírito da banda de Dexter Holland. É a trilha sonora da mongolice. Duca!

★★½

Group Dogdrill
Every Six Seconds
Mantra/Sum

Hardcore de boas intenções, mas quase nenhuma atitude

Existem algumas maneiras de se analisar um disco. Dentre elas o passado da banda, suas influências, a atitude e, principalmente, se o CD vai continuar na sua coleção. Fazendo uma equação imaginária disso tudo, ao ouvir o novo álbum do grupo de hardcore Group Dogdrill, a conclusão é que *Every Six Seconds* é um álbum que não fede nem cheira. Às vezes soando como Mark E. Smith (The Fall) depois de ter tomado um ácido ruim ("Low Sperm Count") ou chupando na caruda Husker Dü ("Komet") ou parecendo Iggy Pop depois de um atropelamento ("Our Me Not In Me"), a banda mostra que tem boas intenções nas referências. Mas, como vovó já dizia, "de boas intenções o inferno está lotado". A banda que já foi uma das promessas da imprensa britânica (outra!) quando apareceu demonstra falta total de atitude. Quem sabe, então, numa próxima? Acho que não.

Marco Bezzi

★★★½

Guru's Jazzmatazz
Streetsoul
Virgin

"Rapmatazz" muito aquém dos volumes anteriores

Em seu terceiro álbum, Guru descambou demais para o R&B e para o rap, perdendo a essência presente em seu projeto, que era a mistura perfeita entre jazz, soul e hip-hop. É bom, mas é muito inferior aos *Jazzmatazz I e II*. Está escrito no encarte e basicamente um disco de hip-hop com atitude que, no caso de Guru, não tem nada a ver com palavrões, vadias ou armas. Ele é um dos poucos rappers americanos que não fala bobagem nem prega a violência. Convidados como Isaac Hayes, Herbie Hancock e Macy Gray foram esmagados pelo excesso de bases pré-gravadas e a tal "atitude hip-hop". A única faixa que tem mais "jazz" do que "matazz" é "Plenty", parceria com a diva Erykah Badu, uma espécie de Billie Holiday etnica. Apesar dos pesares, algumas faixas como "No More", com Craig David, e "Keep Your Worries", com Angie Stone, servem para dançar numa noite cool.

Clarah Averbuck

Fran Healy, vocalista do Travis, fala de suas preferências

O ANDA

***Dusty In Memphis*, Dusty Springfield** "Não sai do CD-player do meu carro. É um álbum fantástico, um clássico. Pena que só fui descobri-lo recentemente. Estou ouvindo direto."

***The Marshall Mathers LP*, Eminem** "É o álbum do ano para mim. E é o fenômeno artístico do momento. As letras são absolutamente incríveis. Para a quem nascido em Detroit, que teve as noções da língua inglesa que ele teve, só posso achar o trabalho excelente. E honesto."

***Born To Do It*, Craig David** "Esse é um cara novo, que teve um sucesso no Reino Unido chamado '7 Days'. Ele tem uma voz ótima. Gosto dele pra valer. Mas não ando ouvindo muita coisa nova no momento, porque estou trancado no estúdio com o Travis há um tempão, gravando nosso terceiro álbum."

★★½

Vários
Stoned Imaculate – The Music Of The Doors
Elektra/Warner

Uma delícia... Para os fãs dos grupos partipantes

Talvez um banquete para os admiradores dos artistas que estão nesse disco tributo; com certeza um rolmops para fãs dos Doors. Para começar, a escolha dos grupos não foi muito feliz. Creed ("Riders On The Storm"), Days Of The New ("L.A. Woman") ou Stone Temple Pilots ("Break On Through") são fiéis, mas o apreciador do grupo do Rei Lagarto nunca vai acordar a fim de ouvir suas versões em vez dos originais. Depois, quem podia fazer a diferença, caso de Aerosmith ("Love Me Two Times"), Cult ("Wild Child") ou Bo Diddley ("Love Her Madly"), tem o seu da reta, confiando apenas no seu toque para conseguir abrilhantar as músicas. Por fim, todas as faixas contam com os três integrantes sobreviventes, o que inviabiliza qualquer quebra de protocolo. Restam as bizarras: um dueto sobrenatural de John Lee Hooker com Jim Morrison ("Roadhouse Blues"), o beatnik William Burroughs declamando "Everybody In" e "Children Of The Night" com Perry Farrell mostrando que a vocalista Exene, do saudoso X, anda vive. Você ouve o CD uma, duas, três vezes. O máximo que consegue é considerá-lo "legalzinho", o que, definitivamente, não é um elogio.

Emerson Gasparin

★★★

UB40
The Very Best Of UB40
Virgin Music

Mais de 20 anos de serviços prestados ao reggae e ao pop

Surgido em 1978 na cidade inglesa de Birmingham (berço do Black Sabbath) da reunião de um bando de desempregados, o UB40 é aquele tipo de banda que causa calafrios no reggaeman mais ortodoxo. A maioria se incomoda com a mania da banda de escalar as paradas se apoiando em covers – como "Red Red Wine", do brega Neil Diamond, e a canhestra "Can't Help Falling In Love", de Elvis Presley. Há também uma eterna implicância com a falta de grooves caprichados e o eterno ar de felicidade dos vocalistas Ali Campbell (o lourinho que também toca guitarra) e Astro (o rastaman engraçadinho). Puro despeito. Se nunca teve talento para produzir discos clássicos, o UB40 bolou um punhado de singles respeitáveis. Boa parte deles está neste *Best Of*, que cobre 22 anos do melhor reggae-pop da Inglaterra. Do sacolejo sisudo de "King" até os megahits do quilate de "I Got You Babe" e "Rat In The Kitchen", o grupo se esmerou em produzir reggae para as massas, de formato pop, mas sem muita banalidade. Além disso, faixas como "Sing Our Own Song" (um dos protestos mais contundentes contra a segregação racial na África do Sul) não faria feio em nenhum disco do Marley.

Sérgio Martins

Ah, sei lá, mil coisas...

BARRACO

Atenção consumidores: várias coletâneas chegando à praça. Janeiro é o mês de trocar os presentes, de pegar aquele CD do Jota Quest que te deram no amigo secreto da firma e partir para o escambo. Entre as opções mais bacanas está *Greatest Hits* (Warner), dos **Pretenders**. A verve de Chrissie Hynde desfila em 19 momentos, cujos destaques são "Middle Of The Road", "Back On The Chain Gang" e "Don't Get Me Wrong". Só delete ● **Quem gosta de gangsta rap, pode trocar seu CD do J(an)ota pelo do Ice-T. As 17 faixas de *Greatest Hits: The Evidence* (Warner) – isso mesmo, 17, não é um single – mesclam material de sua carreira como rapper ("Colors", "New Jack Hustler", "O.G. Original Gangster", que o Offspring sacaneou) com o rock de sua banda paralela ("Body Count", "There Goes The Neighborhood")** ● Mas classe A mesmo é *1* (EMI), compilação dos 27 singles dos **Beatles** que alcançaram primeiro lugar nas paradas de sucesso. Como o amante de boa música tem de ter todos os discos dos Fab Four em casa, *1* serve mais para deixar no carro, ou dar para aquele seu primo de 12 anos antes que ele vire um "tchamplaidrão" ● **E por falar em Beatles, a paródia da capa do *Abbey Road* que o Língua De Trapo meteu em seu disco ao vivo *Vinte E Um Anos Na Estrada* (Dabliú/Eldorado) leva o Prêmio Bizz de melhor paródia da capa do *Abbey Road* do ano 2000. O álbum faz um apanhado das músicas mais engraçadas do Língua, algumas das quais dá até para serem chamadas de hits. "O Homem Da Minha Vida", "Cagar É Bom", "Piruzinho" e "Funk Do Bilau" estão no repertório. Muito bom** ● Saindo também o *Arquivo 2* (EMI), dos **Paralamas Do Sucesso**. É a segunda parte da história dos sucessos da banda de Herbert, Bi e Barone, partindo do álbum *Severino*, de 1993. Nem chega perto do primeiro volume. Quase tudo é balada e "Dos Margaritas" e "Cagaço" foram deixadas de fora. Assim não dá ● **Sade lembra motel, que lembra Sade, que lembra motel... *Lovers Rock* (Sony), seu novo rebento, traz um pouco mais daquele sonzinho gostoso, que, na década de 80, chegou a ser chamado até de Sademusic. Anos se passaram e a ex-modelo nigeriana se mantém bonitona e, hmmm, cool** ● O filme mais divertido do ano tem uma trilha sonora irregular, mas eficiente. *As Panteras* (Sony), além de fotos de Cameron Diaz e Drew Barrymore no encarte, tem "Barracuda", do **Heart**, "Baby Got Back", de **Sir Mix-A-Lot**, "Turning Japanese", dos **Vapors** (que os Titãs chuparam para fazer "Televisão"), "True", do **Spandau Ballett**, "Got To Give It Up (Part I)", de **Marvin Gaye** e a volta do **Aerosmith**, "Angel's Eye" (que não é uma balada!) ● ***A Spectrum Of Infinite Scale* (Motor/Alternet) é o nome do novo disco dos piracicabanos do Man Or Astro-man?, que mantém a tradição de libretos bonitos e som "xenxém". Na verdade, eles são americanos, muito gente fina e, nas duas vezes que fizeram turnê pelo interior do Brasil, protagonizaram shows estrizantes que BIZZ conferiu de perto. Bem mais legal ao vivo do que em estúdio.**

IMPORTE-SE

Os barulhentos gringos que a alfândega esqueceu de confiscar

★★★★½

At The Drive-In
Relationship Of Command
Grand Royal/Virgin

Revitalização roqueira à base de sol na moringa

Novamente, o sol infernal do Texas faz mais uma vítima. Reverend Horton Heat, Butthole Surfers e ...And You Know Us By The Trail Of Dead nasceram ali e são reconhecidos por seus concertos psicóticos, levados ao extremo do barulho e da destruição. O At The Drive-In é a continuação dessa linhagem. Faz o rock render-se mais uma vez à intensidade e à atitude. Formado por cinco texanos que parecem ter saído do Bronx dos 70 (dois usam cabeleira black power à MC 5), o grupo lembra um Rage Against The Machine sem o cunho político. Produzido pelo papa do novo metal, Ross Robinson, o terceiro álbum do grupo, além de desferir finas porradas, traz diferentes possibilidades. "Non-Zero Possibility" tem uma delicada melodia fazendo a colcha para uma base de piano, e "Rolodex Propaganda" conta com uma participação do mestre Iggy Pop de cair o queixo. Chame de punk rock, de emocore se quiser, ou prefira dar razão a Cedric, o vocalista da banda: "Apenas um disco de rock direto". Quem sabe, um pouco do solzinho escaldante do Texas também não faça bem a outros partidários desse estilo?

Marco Bezzi

Para quem gosta de:
Rage Against The Machine, Rollins Band, Stooges

★★★★½

Johnny Cash
American III: Solitary Man
American Recordings

Depois de dois Grammys, o trovador repete a dose

Nascido há 68 anos no estado americano do Arkansas, o caipira Johnny Cash é o verdadeiro "man in black". Do alto dos 50 milhões de discos vendidos desde que foi contratado pela Sun Records, ele poderia ficar apenas regurgitando babas para senhoras em menopausa. Mas o cantor resolveu arriscar. Confiou sua carreira fonográfica ao produtor barbudo Rick Rubin (Slayer, Run DMC) e se deu bem. O terceiro volume da parceria é impecável. Rubin reúne diversos convidados sem descuidar do que realmente importa: arranjos econômicos e repertório selecionado a dedo para valorizar o timbre grave da voz de Cash. Tem "One", do U2, mas bem mais feliz e a recriação de "The Mercy Seat", de Nick Cave, a impressionante narração dos últimos momentos de um condenado à cadeira elétrica. O cantor ainda regrava, com os próprios autores, "I Won't Back Down" (Tom Petty) e "I See A Darkness" (Will Oldham, do Palace). No entanto, a profissão de fé e o ponto alto do disco vêm de uma antiga canção ("Solitary Man") do meloso Neil Diamond. "Serei para sempre o que sou/Um homem solitário", sentencia Cash, como se fosse o caubói Shane no final do faroeste *Os Brutos Também Amam*. Missão cumprida: hora de pegar o cavalo e voltar para o rancho.

Carlos Marcelo

Universo em expansão

Vários
Select Cuts From Blood And Fire
Select Cuts

Horace Andy: ponto de partida da viagem pelos confins do dub

Aos poucos, tudo vai se encaixando. Blood And Fire é um selo inglês que, desde 1993, vem relançando grandes álbuns de nomes ligados ao reggae. Aí pintou a idéia de chamar vários artistas e pôr à disposição o catálogo completo do selo para eles pirarem em cima. Os convocados, egressos da eletrônica, esbaldam-se com as possibilidades rítmicas do estilo jamaicano. São 14 faixas nas quais a velocidade pode mudar, mas a atmosfera hipnótica permanece inalterada, exalando magia por todos os poros. A primeira música, "Youth Of Today", de Horace Andy – desvirtuada pelo Kaleidoscope – ainda nem acabou e panoramas diferentes já se insinuam a cada levada, transportando o ouvinte de um lado para o outro. Algumas faixas preservam a batida original e se dedicam a forrar os espaços vazios, como "Conquering Lion" (de Yabby You), operada pelo Groove Corporation, ou "I'm Alright" (de Keith Hudson), pelo Orb. Avatars Of Dub e Subsonic Legacy não querem nem saber disso e anabolizam King Tubby ("Bag A Wire") e Tappa Zukie ("Dub MPLA") com doses de drum & bass, sem perder a ternura. A redenção sai da mesa do Sounds From The Ground, que pega "Just Another Dub", do Impact All Stars, e a enche de aromas sugestivos. O álbum prossegue revelando que os bruxos atuais mantêm a cabeça gorda, tais quais os produtores que usavam o estúdio como instrumento para criar novas versões dos sucessos da ilha. Acabaram inventando essa maravilha que é o dub, ancestral do remix. Com um pouco mais de curiosidade, descobre-se também que o vocalista Mick Hucknall é um dos fundadores da Blood And Fire. O que limpa sua barra por qualquer deslize cometido com o Simply Red.

Emerson Gasperin

★★★½☆

Morgan
Organized
Source

Família reunida para fazer uma festa de teclados

A ilustração já diz tudo. Guitarras, aviões e carrinhos de brinquedo, capas de discos, buttons e muitas fotos de infância. No centro, como que unindo tudo, um órgão Hammond, que pertencia a Pete Townshend. Quem tiver a oportunidade de ouvir *Organized*, álbum de estréia do organista britânico Morgan Nichols, vai encontrar no encarte uma colagem que pode ser uma boa explicação visual para a variedade de sons do CD. É, ao mesmo tempo, uma festa para os ouvidos e uma divertida reunião de família: pai, mãe, irmã, irmão e uma prima, estão todos lá, contribuindo com vocais. Com forte influência do pop rock inglês de Beatles e Who, o disco une o som da ensolarada ilha a vertentes variadas. O músico viaja pelo soul da lendária gravadora Stax em "Soul Searching Part 1 e 2", passando pelo ska de "Miss Parker" e flertando com o country em "Heaven Come Quickly". Como no encarte, o órgão de Morgan serve de ligação entre essas diferentes atitudes musicais. Pode-se até dizer que o instrumento faz parte da árvore genealógica dele, já que sua mãe foi colega de classe da esposa de Townshend durante a faculdade.

Flavio Simonetti

Para quem gosta de:
Small Faces, Henry Mancini, Pizzicato Five, Pato Fu

Groove com telecoteco

★★★½☆

Medeski Martin And Wood
The Dropper
Blue Note

Essa é uma nova fase para John Medeski (teclados), Billy Martin (bateria e percussão) e Chris Wood (baixo). O trio de soul jazz (definição mais apropriada) esteve no Brasil para o Free Jazz Festival de 1999 e o resultado da estada em terras tupiniquins é *The Dropper*. Festejados como os melhores músicos jazzistas dos anos 90, Medeski, Martin e Wood sempre gostaram de experimentar. De tentar instrumentos e timbres novos, mas sempre mantendo uma liga dançante, um groove altamente convidativo ao movimento de cadeiras. Dessa vez, o que eles fizeram foi perverter o samba. Adaptar o telecoteco à suingueira americana. É claro que quem mais pirou foi o baterista. Billy Martin brinca com os sons que aprendeu a tirar de cuíca, berimbau, reco-reco e agogô. E, o melhor: sem o deslumbre daqueles gringos que pintam na Sapucaí uma vez por ano. Porque o trio é a união de fantásticos instrumentistas que, acima de tudo, prezam pelo bom gosto. "Partido Alto" e "Sun Sleigh" (com marcação de surdo) são as faixas que mais representam a nova paquera. Mas os fãs dos órgãos de Medeski (a verdadeira alma do grupo) poderão se deleitar com números mais "tradicionais" como "Shacklyn Knight" e "Big Time". *The Dropper*, que é experimental até a medula – abre com distorções e uma bateria desenfreada, quase hardcore –, também há momentos que remetem ao que de melhor o grupo fez anteriormente. Ou seja, a margem de erro é pequena.

José Flávio Júnior

Para quem gosta de:
músicas instrumentais dos Beastie Boys, Meters

Tem gringo fazendo jam com cuíca e é coisa fina

★★★★☆

Ryan Adams
Heartbreaker
Bloodshot Records

Canadense emociona nas pegadas de Nick Drake

Calma! O mala Bryan Adams não teve um chilique e apelou para a numerologia. Esse rapaz de nome Ryan, um dos cânones do movimento alt-country, faz parte de um dos grupos mais legais da atual safra americana, o Whiskeytown. Depois de dois álbuns, o cantor resolveu tirar merecidas férias e relatar um período de drogas e turbulências no qual se meteu. "Me fode, roube meus discos, estrague todos meus amigos" é um exemplo de sua revolta em um trecho de *Heartbreaker*, uma espécie de confessionário. Não se assuste ao ouvi-lo pela primeira vez, achando que empurraram um CD do velho Bob Dylan no lugar. No garajão que abre o disco, "To Be Young", até o efeito na voz imita o do Dylan dos bons tempos. Em "Don't Ask For The Water", Ryan resgata o espírito de Nick Drake quando esse gravou o simples e melancólico *Pink Moon*, só com voz e violão. Wilco e Springsteen da fase *Nebraska* são também reflexos nas baladas "Come Pick Me Up" e "To Be The One". E, para manter o nível, a genial musa country Emmylou Harris faz um dueto de chorar em "Oh My Sweet Carolina". A sensação que se tem ao ouvir o CD é a de estar sozinho, sentado diante de uma fogueira sob um céu estrelado em algum canto na América, sem precisar ter estado lá. **MB**

Invada a praia alheia

Axé e pagode o cazzo! Para impressionar os outros banhistas, basta mesclar algumas bandas malditas com artistas básicos à beira-mar

Verão na área. Muito mais importante que um filtro solar com o fator de proteção adequado e a trilha sonora que vai embalar sua temporada na praia. Uma escolha errada pode botar tudo a perder e, segundo os supersticiosos, até atrair chuva. Há resignados, que não oferecem resistência ao pagode e ao axé, chegando a se embriagar para tentar gostar daquilo. Para sorte dos sóbrios, existem também os precavidos, que não deixam o menu musical das férias a cargo de terceiros. É esse pessoal que fornece outras opções auditivas, além da mediocridade sazonal e do barulho do mar.

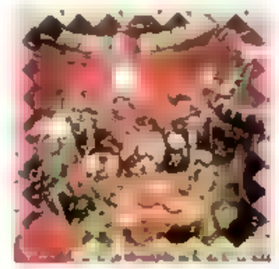
A democracia que é uma das marcas registradas da praia se repete na hora de botar uma música. A princípio, vale tudo – menos, claro, pagode, axé e quejandos. Se o cara não quiser se esforçar muito, taca uma surf music. Surfe, onda, mar, entendeu? O problema é que, desde que o ritmo perdeu o pouco sucesso que fazia na Califórnia, nos anos 60, ninguém mais escuta isso. Nem surfista, que prefere qualquer troço vindo da Austrália a Dick Dale. Pelo contrário, o estilo hoje é mais cultuado no circuito independente, por uma gente pálida que adora um inferninho. Em resumo, virou alternativo. E alternativo, você sabe, odeia praia.

A última coisa com que um cara refestelado no litoral deve se preocupar são questões cabeçudas como a moral da banda selecionada, se é bacana gostar dela ou não. O fato de estar na praia é o pretexto ideal para se descascavar aqueles grupos ou artistas fúteis cuja devoção o neguinho não confessa nem ao médium depois de morto. É a hora perfeita para que prazeres escondidos, nem por isso menos deliciosos, venham à tona.

Como essa é uma revista pudibunda, vamos ficar só na música. A relação apresentada a seguir foi elaborada de acordo com os "critérios" relacionados anteriormente, sempre tomando o cuidado de indicar discos de fácil acesso ao leitor, pois não tem cabimento você ficar se alugando atrás de um CD com um baita sol lá fora. Alguns grupos aqui selecionados em nada engrandecem a biografia do autor. Mas combinam que é uma beleza com a desencanação que só alguns dias respirando a maresia podem trazer. Como toda lista, essa também vai enfurecer, decepcionar ou chocar leitores de outras, vá lá, praias. Paciência. Que ouçam surf music, então.

Emerson Gasperin

Bob Marley & The Wailers
Kaya (1978)
Na verdade, qualquer disco de Bob Marley cai bem numa praia. *Kaya* é o escolhido por causa de sua matadora sequência de abertura: "Easy Skanking", a faixa-título, "Is This Love", "Sun Is Shining" e "Satisfy My Soul" – duas odes à erva, um momento romântico e mais dois manifestos transbordando de vibrações positivas. E ouvir para perceber que o mar nunca esteve tão azul ou o sol, tão intenso. Com o deus do reggae, não existe tempo ruim.



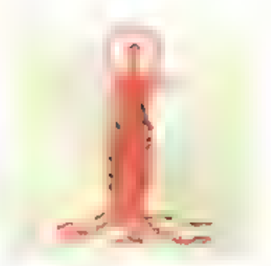
Oingo Boingo
Dead Man's Party (1985)
Não há desculpa melhor do que o descompromisso, a atitude "não estou nem aí" provocada por um verão inclemente para se ressuscitar bandas que nem as mães dos integrantes lembrum mais. É assim que o Oingo Boingo acaba se criando. Ninguém diz que gosta, mas bastam os acordes das refrescantes "Just Another Day", "Dead Man's Party" ou "Stay" invadirem a areia para que um sorrisão ilumine os rostos. Principalmente das fêmeas (menos das neuróticas).

Sublime: a praia de Brad (*primeiro da esq.*) agora é outra, sem sol e sem onda

DOS
Listen Like Thieves (1985)
Outro caso de banda que coloca o fã numa sinuca, pois confessar admiração pelos australianos não é exatamente sinônimo de ser cool. Pior para os infiéis, que, por causa dessa preocupação com a pose, insistem em ignorar o poder bronzeador de *Listen Like Thieves*. Da instantânea "What You Need" à aderente "Kiss The Dirt", passando pela leveza de "Shine Like It Does" e "This Time", a sensação de bem-estar é constante, acentuada pelos refrãos inesquecíveis.

Hoodoo Gurus
Electric Soup (1992)
Ih, lá vem o cara de novo com mais australianos. Do montureo de grupos vindos de lá que os surfistas adotaram, o Hoodoo Gurus é, sem dúvida, o que tem maior vocação para um rock pop despretensioso, sem nenhuma ambição além de fazer cantar junto. Essa coletânea de singles da banda escancara tal virtude nas doces "Bittersweet", "Come Anytime" e "Death Defying". Há o risco de continuar escutando isso pelo resto do ano, mas aí já é problema seu.

Chris Isaak
Baja Sessions (1996)
O baladeiro já entrega as intenções do álbum a partir da arte do encarte e do CD: fotos de gente – incluindo o próprio – curtindo onda com prancha (soul surf na veia). Isaak de camisa florida tocando um violão novo, a vida passando lenta em algum boteco suposto da baixa Califórnia, já no México. O cantor, da seleta confraria dos "machos sensíveis", convence com "Pretty Girls Don't Cry" e "South Of The Border". Para curtir no final da tarde, com o sol caindo.



Porno For Pyros
Good Gods Urge (1996)
No segundo disco de sua banda pós-Jane's Addiction, Perry Farrell investiu em climas mais calmos, mostrando que, desde os tempos em que promovia o festival Lollapallooza, não passava de um hippie mendigo alternativo. No meio de tanta lisergia de araque regada a saliva, sobressaem as baladas "100 Ways", "Bay Eves" e "Tahutin Moon", que, apesar da preguiça, dispensam as sandálias de couro e o artesanato de duvidoso gosto. Agora que ele ficou decadente, é charmoso escutá-lo.

Red Hot Chili Peppers
BloodSugarSexMagik (1991)
Os Chili Peppers podem gravar mais 380 discos que nenhum chegará aos pés desse. Aqui, a banda atingiu o ápice tanto em criatividade quanto em potencial pop. E os caras não regularam a mixaria: são 17 músicas, mais de uma hora de puro deleite. Funks de todos os cheiros, formatos e tamanhos revestem histórias que se alternam entre a sacanagem e o bicho-grilismo – dois itens que, ali na areia, têm plenas condições de se confundirem numa coisa só.

Beastie Boys
The In Sound From Way Out (1996)
O lado ensolarado dos Beastie Boys fica mais do que evidente nesse disco, que reúne as canções instrumentais contidas nos álbuns *Check Your Head* e *Ill Communication* e um lado B também sem vocais, "Son Of Neckbone". Diante dos balanços, a reação dos desavisados divide-se em três fases. A primeira é ficar deslumbrado com esse som relax. A seguinte é se surpreender com a resposta. Por fim, a rendição: "Esse disco é fácil de achar?". É, mané, é.

Sublime
Sublime (1996)
Depois que o álbum estourou e todo mundo sacou que o hit "Santeria" era só a pior do disco é que caiu a ficha: o Sublime não existia mais. Culpa de Brad Nowell, tão esperto para compor gemas como "What I Got" ou "Jailhouse", tão trouxa para morrer de overdose e deixar o grupo e os fãs na mão. Restaram os skas, reggaes e hardcores, misturados de forma que não se distingue quando começa um e acaba outro. E o hino "Doin' Time", imbatível. Valeu, Brad (babaca!).

Manu Chao
Clandestino (1998)
Manu Chao está prestes a virar mais um astro gringo que vem para cá pelo menos três vezes por ano. Só falta comprar casa no sul da Bahia. Ou seja, são grandes as chances de, no próximo verão, ele estar tocando ao vivo em algum boteco perto de você. Ponha *Clandestino* para tocar e diga que a) acha o Mano Negra bem melhor; b) gosta mais das músicas em francês; e c) aquele "só panta de camarão" de "Welcome To Tijuana" foi você quem ensinou a ele. Curta antes que acabe.

MINHA

Uma vasculhada no arsenal de anos de gente famosa

O ex-punk não vê utilidade para as caixinhas de CDs. Joga os plásticos fora e fica só com o recheio

¡Buenos discos!

Não são muitos, mas são preciosos. Nas pilhas de Wander Wildner, só títulos clássicos e genuínos artistas cultuados

A coleção de discos de um trovador de alma punk deve se adequar à sua filosofia de vida. "Me mudava e deixava tudo para trás, saía apenas com minha mochila. Recentemente é que tenho me apegado mais a algumas coisas, porque percebi que na vida algumas situações se repetem. Sempre vou precisar de um casaco quente no inverno, então agora guardo um. Sempre vou precisar de umas botas de chuva, então agora eu tenho." Após o fim dos Replicantes, Wander Wildner ficou cinco anos na estrada. Rio, São Paulo, hotel, casa de namorada, de amigo, do irmão. Só no ano passado o gaúcho se instalou num apartamento em Porto Alegre, que também serve de escritório, onde ele agenda seus shows, faz a contabilidade, constrói sua home page e cozinha massas para beber com vinho junto da namorada.

Em um cantinho de seu quarto, ao lado de livros (*Notes Tropicais*, *I Ching*), repousa sua humilde coleção de CDs. Antes da reportagem da BIZZ chegar, o músico a arrumou em quatro pilhas. Na maior, só discos de artistas independentes. Na seqüência e com metade do tamanho, o montinho dos nacionais. Com um pouco menos de volume, a pilha dos álbuns que vêm de graça em revistas. Os gringos ficam relegados ao último bolo.

Mas o supra-sumo vai para seu case preto. Wander tem um arsenal de clássicos dos quais não se separa nas viagens. Os títulos às vezes mudam, mas a base é sempre a mesma, punk, brega, balada e cancioneiro regional sulista. O ex-vocalista dos Replicantes até adquiriu um estranho hábito. Só guarda a bolachinha e o encarte. As caixinhas vão para o lixo. "Para que preciso delas?", resume.

Seu consumo é inconstante. Ultimamente, tem comprado CDs para dar de presente à sua companheira, Juliana, que também é quem armazena os poucos vinis e cassetes de Wander, já que ele não tem como ouvi-los em seu apartamento. "Mas houve um dia em que ganhei um cachê de três paus por um trabalho de iluminação que fiz e decidi adquirir os dez melhores discos que achasse. Fui até as Grandes Galerias (centro de São Paulo) e essa foi a vez em que mais comprei discos na minha vida."

José Flávio Júnior

Prateleira Especial

Clássicos do Case

Gibi, *Never Mind The Bollocks* dos Sex Pistols, *Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band*, dos Beatles; *Frankenchrist* dos Dead Kennedys, *Leave Home* dos Ramones, *Revolver* de Walter Franco, *Exile On Main Street* dos Rolling Stones. E mais New York Dolls, Cramps, todos os de Beck, De Falla, Graforréia Xilarmônica, Morphine, Mojo Nixon, Bia Grabois, Mark Lanegan. *O Dinheiro Não É Tudo Mas É 100%* e *A Besteira É A Base Da Sabedoria*, do Falcão, também nunca saem do case. "Sou amigo dele. Eu tocava A Terra Há De Comer Tudo Que Eu Não Como nos meus shows. Ele é maravilhoso."

Para ir à praia

Dependendo da situação, o disco muda. Quando vai à praia, a vedete é *Californication*, dos Red Hot Chili Peppers, bem tranqüilão. Tem só as mais porradas, mas não são tão porradas quanto as dos outros discos de [illegible], mas quando as músicas seguidas são mesmo clima.

Independentes

Wander adora os [illegible] da Monstro Records, principalmente o do Momento 68. Este ano, o *Baladas Sangrentas*, primeiro disco do gaudério, deve sair em vinil colorido pelo selo goiano. "2001 é o ano da consolidação do movimento independente. Vamos reunir os pólos e fazer trabalhos simultâneos. Penso até em montar um selo e começar a produzir novas bandas."

Favorito do momento

CAKE

"O Cake foi uma grande influência de modernização no meu som. Porque tem aquela coisa antiga, mariachi, balada, mas com uma batida moderna, dançante. O *Motorcade Of Generosity* foi o que descobri mais recentemente."

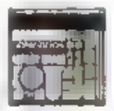
O primeiro do acervo

"É aquele do Zé Ramalho que tem 'Avohai'. Eu tinha 14 anos. Pegava o violão e ficava tentando solar as músicas de ouvido, sem saber nenhuma nota. É uma grande influência. Aquelas baladas estão dentro de mim."

O disco que marcou um romance

"De *Descamisado Do Brasil*, da Legião Urbana. Foi depois de um relacionamento que acabou e as letras falavam muito disso. Eu coloquei uma ordem pro lado A das músicas, uma linha, porque não gostava da sequência do disco. Comecei, vai com a instrumental e vai crescendo para as mais porradas."

O item mais estranho



Quando li em BIZZ a resenha desse *Ramones Songbook*, do Nutley Brass, saí correndo para comprar. Encomendei e tive de dar um cheque. Aí percebi da adulteração que estava sendo. Horrível. É muzak, maravilhoso. Botei para tocar antes de um shows e os donos ficaram olhando torto. "Tipo, o que é isso?!?!"

Muita gente vai fazer um excelente programa indo ao Rock in Rio. A Rádio Cidade, por exemplo.

A Rádio Cidade junto com você no maior show de rock da América Latina.

CIDADE A RÁDIO ROCK RIO - 102,9 FM

A rádio oficial do Rock in Rio no Rio de Janeiro

Compre, grave, roube - o importante é ter esta obra em casa

Poesia e paixão no ato de tocar guitarra

A carreira-solo do ex-líder do Television, Tom Verlaine, passou longe de ser um sucesso comercial, mas exerceu influência marcante a partir do pós-punk, como demonstra seu segundo álbum, *Dreamtime*

Ano de lançamento: 1981
Produção: Tom Verlaine e Robert Clifford
Músicas: "There's A Reason" • "Penetration" • "Always" • "The Blue Robe" • "Without A Word" • "Mr Blur" • "Fragile" • "A Future In Noise" • "Down On The Farm" • "Mary Marie"

Do vencagens modestas, o álbum alcançou apenas o 177º lugar na parada da *Billboard*. Na reedição em CD, feita em 1994 pelo selo Infinite Zero, foram incluídas versões alternativas do "Always" e "The Blue Robe", esta acrescida de versos sussurrados além do crioulo "H Fi". No texto do disco é observado que a capa não parece com a de um álbum de rock. Tanto a foto de Verlaine ("que parece ter saído de um depósito ou um arquivo") como a da contracapa (uma tomada noturna de Nova York) são descritas como "irreais", "uma artificialidade tão real quanto a realidade", "um caso de beleza divertida".

Quem diria que um dos patronos do punk rock nova-iorquino pudesse ser um cara extremamente culto, admirador de literatura e poesia, além de fã de mestres do jazz como John Coltrane e Miles Davis? E ainda por cima tocasse guitarra com habilidade e criatividade incomuns? Pois este é o cartão de apresentação de Thomas Miller, mais conhecido como Tom Verlaine. O sobrenome - emprestado do poeta simbolista francês do século XIX, chegado de Rimbaud – já denunciava suas intenções musicais: queria mexer com rock, mas elevá-lo a um status artístico diferenciado da mesmice que caracterizava grande parte da produção do gênero, a exemplo do que outro ilustre representante de Nova York (Velvet Underground) havia feito nos anos 60.

Guiado por essas premissas, ele fundou o Television em 1973, com Richard Lloyd (guitarra), Richard Hell (baixo, que logo saiu para formar os Heartbreakers e os Voidoids, sendo substituído por Fred Smith) e Billy Ficca (bateria). O quarteto, ao lado do grupo de Patti Smith, foi o responsável por transformar um boteco dedicado a blues e country chamado CBGB na plataforma de lançamento do movimento, que depois abarcou Ramones, Talking Heads, Blondie e outros.

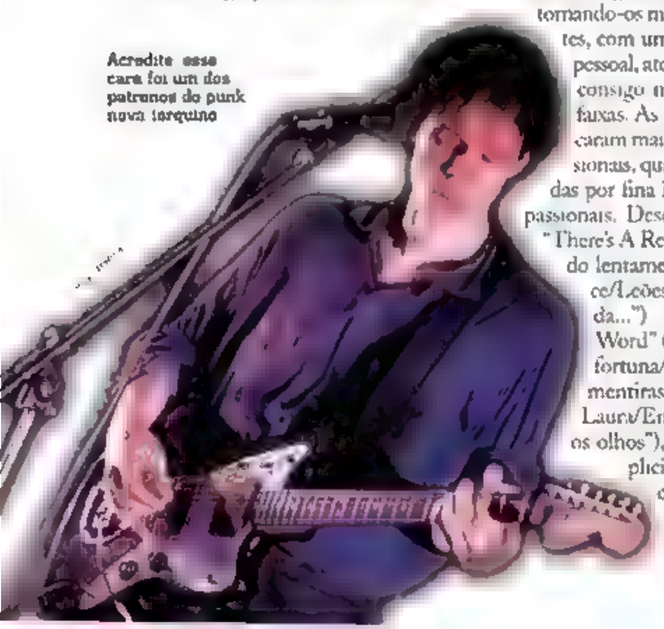
Mas, ao contrário de desenvolver carreiras perenes como a de seus contemporâneos, o Television acabou em 1978, após dois álbuns fantásticos – *Marquee Moon* (que já foi Discoteca Básica em BIZZ) e *Adventure*. Com o fim da banda, a dupla de guitarristas (e principais compositores) saiu em carreiras-solo. Lloyd não foi muito produtivo na sua, apesar da inegável qualidade dos três álbuns individuais que gravou, em parte pelo envolvimento pesado com heroína.

Com Verlaine a coisa foi diferente: começou em 1979 com um álbum homônimo, ainda na cola do antigo grupo, mas que revelava achados como "Breakin' My Heart" e "The Grip Of Love". A principal mudança se daria dois anos depois, quando ele lançou Dreamtime, um disco que iria redefinir os caminhos que sua trajetória solo iria tomar.

No álbum, o guitarrista afiava seus riffs, tornando-os mais densos, marcantes, com uma sonoridade mais pessoal, até pelo fato de duelar consigo mesmo em diversas faixas. As letras e os vocais ficaram mais intimistas, confessionais, quando não trespassadas por fina ironia e conotações passionais. Desde a abertura com "There's A Reason" ("Caminhando lentamente para o romance/Leões rugindo na entrada...") até "Without A Word" ("Tenho dado uma fortuna/Uma fortuna de mentiras/Como falava com Laura/Enquanto ele fechava os olhos"), passando pela explícita "Penetration", o clima de paixão poderia ser resumido pelo refrão de uma das melhores faixas do disco, "Always" ("Oooooo, querida/Os mistérios vêm e vão/Mas o amor permanece o segredo mais bem guardado da cidade"). Outros experimentos eram marcantes em "Down In The Farm", "A Future In Noise" (ambas com riffs poderosos de guitarra) e "The Blue Robe", na qual a textura musical delicada, sustentada por ótimos solos, comportava apenas o verso "Hi fi".

Embora nunca tenham tido um hit massivo, o Television e Tom Verlaine solo sempre foram idolatrados pela crítica e até por outros músicos, não sem razão. Basta ver que The Edge, do U2, cita bastante Verlaine como uma de suas principais influências, além do Sonic Youth (que tem uma canção chamada "Tom V", dedicada a ele). Sem contar os artistas que fizeram covers de suas canções, que vão de David Bowie ("Kingdom Come", no álbum *Scary Monsters*) a Herbert Vianna ("The Scientist Writes A Letter", em seu primeiro disco-solo).

Celso Pucci



Acredite: esse cara foi um dos patronos do punk nova-iorquino

ShowBizz Especial Rock in Rio.
Tão disputado quanto os ingressos para os shows.
Garanta o seu!

Apenas R$ 3,90

Apoio: Polaroid
Líder Mundial em Fotografia Instantânea

• Programação • Minibiografia das bandas
• Rock in Rio I e II • Mapa da cidade do rock

Nas bancas a partir de 20/12

SÍMBOLO

Por Fabiana Batistela
Discos independentes, demos e fanzines:
envie para Caixa Postal 66157, CEP 05315-970, São Paulo, SP

Eles sabem que ninguém atura show longo. Burgo

Curto e fino

Elogiado pelas performances emocionadas que costuma apresentar em seus shows, um quarteto de São José dos Campos (SP) vem ganhando cada vez mais espaço nos palcos do interior, litoral e capital e construindo positivamente uma imagem no underground paulista. É o **Blemish**, banda de postura econômica, cujos trabalhos de estúdio têm no máximo quatro músicas cada um (o primeiro, *Daybreak*, uma fitinha de 1998, início de carreira, e o segundo, um EP intitulado *Silverbox Song*, de outubro de 2000) e, ao vivo, não tocam por mais de 30 minutos. "Para uma pessoa que ainda não conhece o grupo ou as músicas, é chato assistir a uma apresentação de uma hora", alega por experiência própria o guitarrista Daniel, que juntou-se ao grupo em meados de 1999. "Quando um show é muito longo, as pessoas começam a sair no meio." E não é isso que o Blemish quer. Um trabalho elaborado como o que fazem merece atenção. Seu repertório é essencialmente composto de baladas com base no rock pop britânico da década de 90, muito bem cantadas em inglês, recheadas de guitarras e melodias à Radiohead, Travis e companhia. Não parece interessante? Então marque este nome. As músicas do EP também podem ser encontradas em um CD lançado no fim do ano passado pela London Burning Records (www.londonburning.cjb.net).
Contatos: tel. (12) 342-5547,
site: www.blemish.cjb.net

Pop a distância

Foi-se a época em que os maiores problemas de uma banda em início de carreira eram tempo e lugar para ensaiar. Em julho do ano passado, o **Ballastec**, com apenas dois meses de vida, lançou seu primeiro EP, *Tetra Pak*, de três músicas, sem ter passado um minuto sequer incomodando os vizinhos na garagem de casa ou gastado um centavo de estúdio. Isso graças aos avanços tecnológicos disponíveis hoje em dia. As músicas foram desenvolvidas no computador pelo gaúcho Rodrigo Antunes, que atualmente reside no Rio de Janeiro, e pelo americano Corey Cunningham, que mora em Palo Alto, na Califórnia. Os dois foram virtualmente apresentados por um amigo em comum através do ICQ (programa de bate-papo e troca de arquivos pela internet) e nunca se encontraram pessoalmente. Em seu quarto, Rodrigo grava as melodias de violão e batidas eletrônicas iniciais em MP3 e manda para Corey. O americano trabalha em cima da idéia original, remixando ou acrescentando algum elemento novo e a devolve para Rodrigo. "A música vai e volta até a gente achar que está boa", explica ele, afirmando que esse processo é bem rápido e fácil. O toque final é dado pela carioca Tarcila Broder, com seu vocal plácido e de tom constante como o da francesa Laetitia Sadier, do Stereolab, uma das maiores influências da banda.

Rodrigo, Tarcila e Corey (*no detalhe*) Stereolab é pouco

Assim como os ídolos, o trio busca uma sonoridade própria na mistura do rock-pop dos anos 60, com bossa nova e batidas eletrônicas. Eles ainda não fizeram nenhum show, mas Rodrigo garante que nem a distância entre os integrantes nem as técnicas usadas nas composições impedirão suas performances ao vivo. **Contatos**: tel. (21) 9733 5128, site: www.ballastec.com

MONSTRO PROMOÇÃO

A **Monstro Discos** e a **BIZZ** têm o prazer de anunciar a primeira promoção feita para você, leitor interessado no que rola nos subterrâneos do país! É só nos contar: **O que faria falta o monstro que há em você?** Os autores das dez respostas mais criativas vão receber, no conforto de seus lares, um kit com os lançamentos em fitas, CDs e compactos de vinil colorido de uma das melhores gravadoras independentes do país. Envie sua carta assustadora para: **Promoção Monstruosa**, Rua São Carlos do Pinhal, 60, 8º andar, São Paulo, SP, CEP 01333-000. Ou e-mail: showbizz@simbolo.com.br. O resultado será publicado na edição de março. Para informações mais detalhadas sobre os lançamentos "monstruosamente monstruosos" (como diria Salsicha, o parceiro do Scooby Doo) do selo, basta dar uma passadinha no site www.monstrodiscos.com.br ou escrever para Caixa Postal 10065, Goiânia, GO, CEP 74025-970.

MONSTRO · MONSTRO · MONSTRO · MONSTRO · MONSTRO · MONSTRO

Quarteto do ABC vai ganhar disco-tributo

Porrada na Europa

Para comemorar os 14 anos de vida, uma das mais tradicionais bandas da cena hardcore punk nacional, o **Ação Direta**, lançou há dois meses um álbum ao vivo. *Risoto Bombs* foi gravado em Koper, na Eslovênia, durante a segunda turnê européia do grupo, realizada em 1999. O quarteto de São Bernardo do Campo – que já tem quatro trabalhos de estúdio, sendo alguns lançados pelo selo Peculio, do baterista dos Ratos De Porão – saiu do Brasil no dia 1º de maio para fazer 22 apresentações no velho continente "com 360 dólares no bolso, duas guitarras, um baixo, um pedal de bumbo, uma caixa e alguns pratos de bateria, quatro sacos de dormir e muita disposição", segundo o vocalista Gepeto. Durante 30 dias, estiveram também na Espanha, Bélgica, Alemanha, Áustria e Croácia (em plena guerra do Kosovo), chegando até a tocar em um abrigo nuclear desativado, que havia sido transformado em espaço cultural. Está programado para este ano ainda o lançamento de um CD, *Tributo Ao Ação Direta*, com a participação de 25 bandas veteranas e novatas do cenário nacional. Nomes como Olho Seco e Jason já foram confirmados.

Como foi tocar na Europa?
Gepeto: Incrível. Mesmo não entendendo as letras em português, o europeu incentiva, compra CDs, vai aos shows. Fomos a segunda banda brasileira a tocar em países como a Eslovênia e a Croácia. Só os Ratos De Porão haviam feito isso antes. Tocávamos em troca de um cachezinho, de jantar e de um lugar para dormir, que poderia ser ali ao lado do palco mesmo.

Por que o nome Risoto Bombs?
Ganhamos vários sacos de risoto depois de um show como forma de pagamento. Foi basicamente o que comemos até o fim da turnê.

A motivação de fazer hardcore hoje ainda é a mesma?
O que segura o Ação Direta é o amor que temos pela música. Não somos mais adolescentes, já estamos na casa dos 30 anos, temos outras responsabilidades na vida e isso dificulta um pouco. Por outro lado, somos muito mais experientes e profissionais. **Contatos**: tel. (11) 4356-2081; e-mail: bombardmodistro@bol.com.br

Zines, selos, festivais e o escambau

UDI

Manhã de sexta-feira, dia 1º de novembro. Correria. Os organizadores do **Goiânia Noise Festivale** se desdobravam para acertar os últimos detalhes enquanto os primeiros integrantes das bandas convidadas começavam a chegar, exaustos após horas de viagem de ônibus independente solar. Nada impediu que o evento na sua sexta edição se consolidasse como um dos principais festivais do país. Em três noites surpreendentes, realizadas no Diretório Acadêmico de Direito da Universidade Federal de Goiás, 17 grupos e artistas de várias partes do Brasil e um público eclético de mais de mil pessoas. A primeira noite foi aberta às 23 horas pelo **Casa Bizantina** (GO), seguido do **Prot(o)** (DF). Brasília mas começou realmente a ferver com a garagem do **MQN ?** (GO), banda da cidade idealizada pelo showman Fabrício Nobre. "Isso aqui é um pedacinho do inferno", dizia ele, sob trajes e iluminação vermelhos. Depois tomou o palco o **Seis Especial** (SP). No princípio, seu rock instrumental causou um certo estranhamento. Mas, no final, metade do público ficou boquiaberta e a outra, enlouquecida. Para fechar, a grande **Bidê Ou Balde** (RS) e sua performance de arrepiar, que os obrigou a dar o primeiro e, talvez, único bis de sua história. O barulhento segundo dia começou mais cedo, às 22:15h, com o **NEM** (GO). Depois foi a vez do guitar rock dos **Pullovers** (SP) encantar, seguidos pelos **Mechanics** (GO) e seu vocalista no mínimo cool. **The Book Is On The Table** (SP) pegou o público bem aquecido e fez bonito com megafone e tudo. Para encerrar, uma dupinha ensurdecedora. **Walverdes** (RS) e seu grunge que quase derrubou a bateria e os **Catalépticos** (PR), que com seu beat hipnotizante e a assombrosa presença de palco de seus três integrantes (o baterista toca de pé e o baixista, com um instrumento em forma de caixão) hipnotizaram a platéia. A última noite, provavelmente a mais aguardada, começou meio devagar às 21:15h com as apresentações do hardcore básico dos **Resistentes** (GO) e da surf music sem sal dos **Netunos** (RJ). Mas nada que um **Hang The Superstars** (GO) não resolvesse fácil. O quinteto punk new wave detonou. Depois foi a vez do rock supersônico do **Diesel** (MG) e, em seguida, o punk a billy extraterrestre dos **Limbonautas** (PR). Finalizando com chave de ouro, o tão esperado me(ne)stre(l) **Wander Wildner**. "A Empregada", "Lugar Do Caralho" e outras foram acompanhadas em coro por todos. No final, seus conterrâneos da Bidê Ou Balde subiram ao palco para um momento de glória, apelhando-se para reverenciar o ídolo antes de acompanhá-lo numa canção de Roberto Carlos e em outra dos Beatles. Um grande fim de semana de rock no cerrado. Como diriam os gaúchos, simplesmente ali.

É preciso saber viver

Gostaria de saber a discografia completa dos Titãs e se todos os álbuns ainda estão em catálogo.

Carla Maria – Mogi das Cruzes, SP

Titãs (1984), *Televisão* (1985), *Cabeça Dinossauro* (1986), *Jesus Não Tem Dentes No País Dos Banguelas* (1987), *Go Back* (1988), *Õ Blésq Blom* (1989), *Tudo Ao Mesmo Tempo Agora* (1991), *Titanomaquia* (1993), *Titãs – 84-94* (1994), *Domingo* (1995), *Titãs – 84-94 Dois* (1996), *Acústico* (1997), *Volume Dois* (1998), *As Dez Mais* (1999). Essa é a discografia completa dos Titãs, Carla, mas nem todos os álbuns estão em catálogo. Segundo a assessoria de imprensa da Warner (gravadora da banda até o ano passado), apenas *Cabeça Dinossauro* e os títulos lançados após 1994 (exceto o álbum *Domingo*) estão disponíveis nas lojas de todo o Brasil.

Fiéis à religião

Fiquei sabendo que os caras do Bad Religion respondem pessoalmente aos e-mails de seus fãs. Como posso me comunicar com eles?

Karina J. Durante – Rio de Janeiro, RJ

Queria saber qual é a formação atual do Bad Religion.

Henrique Takao M. Hirata – Artur Nogueira, SP

É isso aí, adoradores do Bad Religion. O quinteto punk que já completou duas décadas de vida não só responde pessoalmente aos e-mails de seus fãs (ou pelo menos tenta), como também publica as respostas para as melhores perguntas no site oficial da banda (www.badreligion.com). Clique em Bad Times e confira. É uma iniciativa do vocalista e líder Greg Graffin, que adora discutir temas como o sentido da vida, as estruturas da sociedade e nunca dispensa um papo-cabeça. A formação atual do grupo (com seus respectivos endereços eletrônicos para contato) é: Greg Graffin, vocal (ggraffin@badreligion.com); Jay Bentley, baixo (jayb@badreligion.com); Greg Hetson, guitarra (gregh@badreligion.com); Bobby Schayer, bateria (bobby@badreligion.com) e Brian Baker, guitarra (brianb@badreligion.com).

Yespetaculares

Gostaria de saber toda a longa discografia do Yes.

Lilian Assis – São Paulo, SP

A discografia do Yes é extensa mesmo. Afinal, são mais de trinta anos de carreira. Anote aí, Lilian. *Yes* (1969); *Time And A Word* (1970); *The Yes Album* (1971); *Fragile* (1971); *Close To The Edge* (1972); *Yessongs* (1973); *Tales From Topographic Oceans* (1973); *Relayer* (1974); *Yesterdays* (1975); *Going For The One* (1977); *Tormato* (1978); *Drama* (1980); *Yesshows* (1980); *Classic Yes* (1981); *90125* (1983); *9012Live – The Solos* (1985); *Big Generator* (1987); *Union* (1991); *Yesyears* (1991); *Yesstory* (1992); *Highlights – The Very Best Of Yes* (1993); *Talk* (1994); *Keys To Ascension* (1996); *Keys To Ascension 2* (1997); *Open Your Eyes* (1997); *Beyond & Before – The BBC Recordings 1969-1970* (1998); *The Ladder* (1999); *House Of Yes Live From House Of Blues* (2000); *Best Of Yes* (2000). Há também duas coletâneas dos trabalhos solo dos integrantes: *Family Album* (1994) e *Friends & Relatives* (1998). E dois álbuns lançados como Anderson, Bruford, Wakeman, Howe: *Anderson, Bruford, Wakeman, Howe* (1989) e *An Evening Of Yes Music Plus* (ao vivo, 1993). Fora isso, os músicos da banda lançaram vários trabalhos paralelos.

O chefão chama

Sou leitor da BIZZ desde 1985, desde a número um, que trazia na capa "The Boss". Por isso, estou escrevendo para pedir a discografia completa de Bruce Springsteen. Também queria saber se ele está com algum trabalho novo.

Mateus – Campinas, SP

A discografia é a seguinte: *Greetings From Asbury Park, N.J.* (1973); *The Wild, The Innocent And The E Street Shuffle* (1973); *Born To Run* (1975); *Darkness On The Edge Of Town* (1978); *The River* (1980); *Nebraska* (1982); *Born In The USA* (1984); *Bruce Springsteen & the E Street Band Live 1975-1985* (1986), *Tunnel Of Love* (1987); *Bruce Springsteen – Ao Vivo* (1990); *Human Touch* (1992); *Lucky Town* (1992); *In Concert: MTV Plugged* (1993); *Greatest Hits* (1995); *The Ghost Of Tom Joad* (1995); *Tracks* (caixa com quatro CDs – 1998); *18 Tracks* (CD com o melhor do *Tracks*, 1999). Sobre trabalhos novos, Mateus, o "chefão" mostrou uma música inédita, "America Skin", no dia 4 de junho do ano passado em um show em Atlanta (uma das apresentações da *E Street Band Reunion Tour*, que começou em março). A canção já está causando uma certa polêmica nos Estados Unidos por se tratar de um protesto contra a violência e fazer menção ao assassinato do imigrante africano Amadou Diallo, ferido por 41 tiros disparados por quatro policiais nova-iorquinos em fevereiro de 1999. Além disso, acabou de ser lançado, na América do Norte, um tributo ao clássico álbum *Nebraska*, com Chrissie Hynde, Los Lobos, Ber Harper, Johnny Cash e outros interpretando as dez músicas do disco e mais três faixas-bônus.

Bruuuuuce polêmico com a música nova

A pedido do leitor Carlo Atze – São Pedro de Alcântara, RS

FICHA

Lemmy e gangue: fiéis, [illegible] e malvados

Importância

Eles juntaram a energia e velocidade do punk rock, o hard-rock e as tendências progressivas do Hawkwind (banda anterior do líder Lemmy), o fetiche das jaquetas de couro e acessórios metálicos dos amantes de motocicletas e a fascinação pela violência. Considerados um dos principais grupos do metal mundial, os ingleses do Motörhead anteciparam o speed e o thrash metal, influenciando de Guns N' Roses à Metallica. É uma das bandas mais barulhentas do mundo e seus shows, geralmente, atingem 126 decibéis.

Biografia

O primeiro álbum do Motörhead saiu em 1977, dois anos depois de sua formação, no meio da febre punk. Além do vocalista e baixista Lemmy Kilmister, o grupo contava com o guitarrista "Fast" Eddie Clarke e o baterista Lucas Fox (logo substituído por Philthy Animal, ou Philip Taylor). Só estrearam em terras americanas em 1980, com o quarto trabalho, *Ace Of Spades*, depois de já terem conseguido construir uma imagem forte em seu país de origem e firmar seu nome na cena britânica com os dois discos anteriores, *Overkill* e *Bomber*. No entanto, a consagração veio no álbum ao vivo no ano seguinte: *No Sleep Till Hammersmith* chegou ao primeiro lugar da parada no Reino Unido. Apesar do sucesso comercial, uma certa tensão havia parado sobre o trio, o que culminou, em 1982, na saída de Clarke durante a turnê de divulgação de *Iron Fist*. Brian Robertson (ex-Thin Lizzy) chega antes do lançamento de *Another Perfect Day* – que decepciona atingindo um inexpressivo 20º lugar – e sai dois meses depois, sendo substituído por dois guitarristas: Philip Campbell e Wurzel (nascido Michael Burston). Taylor também deixa a banda e quem assume as baquetas é Pete Gill. Essa formação lançou um single e logo depois deixou o selo Bronze, que conseguiu uma determinação judicial proibindo o grupo de lançar qualquer coisa por dois anos. Em 1986, o quarteto voltou com o sucesso de crítica *Orgasmatron* (a faixa-título foi regravada pelo Sepultura). A formação não parou de mudar. Em 1991, Taylor participou do álbum *1916* e cedeu a vaga na bateria para Mikkey Dee (ex-King Diamond). Lemmy cada vez mais se afirmava como o cabeça da banda e virou sinônimo de Motörhead para muitos. Em 1994, a banda montou seu próprio selo e lançou *Bastards*. Nos três anos seguintes, dedicaram-se mais à excursionar pelo mundo, só voltando a gravar em 1997. Durante a década passada, o vocalista também mostrou seu talento como ator, participando de alguns comerciais de seguradoras na Grã Bretanha e atuando em *Hellraiser 3*.

Discografia

Motörhead (1977), *Overkill* (1979) *Bomber* (1979), *Ace Of Spades* (1980), *No Sleep Till Hammersmith* (ao vivo, 1981), *Iron Fist* (1982), *Another Perfect Day* (1983); *No Remorse* (1984). *Orgasmatron* (1986); *Rock 'N' Roll* (1987) *No Sleep At All* (1988); *The Birthday Party* (1990) *1916* (1991); *March Or Die* (1993); *Bastards* (1994); *Sacrifice* (1995); *Overnight Sensation* (1996), *Stone Dead Forever* (1997); *Snake Bite Love* (1998); *Everything Louder Than Everyone Else* (ao vivo, 1999); *We Are Motörhead* (2000); *The Best Of Motörhead* (2000).

PROMOÇÃO • PROMOÇÃO • PROMOÇÃO

Hey Hey, My My

Olha que maravilha: estamos aqui com 50 disquinhos ao vivo do imaculado Neil Young para presentear os abnegados que responderem à seguinte pergunta: **O que Eddie Vedder fez para convencer Neil Young a gravar um álbum com o Pearl Jam?** As 10 melhores cartas levam *Road Rock* e as 40 seguintes ganham o single promocional com a inédita "Fool For Your Love" e a cover de "All Along The Watchtower" com a participação de Chrissie Hynde, dos Pretenders. É ou não é uma chance de ouro para escutar rock de verdade? As respostas devem ser enviadas para **Promoção Hey Hey, My My,** Rua São Carlos do Pinhal, 60, 8º andar, São Paulo, SP, CEP 01333-000. Valerão as respostas postadas até 5 de fevereiro. O resultado sai em março.

PROMOÇÃO • PROMOÇÃO • PROMOÇÃO

ISTOÉ

Dez. 1822

O REI DA CORTE.

Como as aventuras extra-conjugais de Dom Pedro I estão influenciando o dia-a-dia do Império.

Publicada desde 1976,
necessária desde 1822.

ISTOÉ
independente

Fale com a gente: Rua São Carlos do Pinhal, 60, São Paulo, SP, CEP 01333-000
Atendimento ao leitor: e-mail: showbizz@simbolo.com.br

Com entidade não se brinca

Acabei de ler a crítica sobre o CD *Entidade Urbana*, de Fernanda Abreu, e fiquei em estado de choque pelo jeito como vocês quiseram destruir o álbum. Eu comprei o disco e achei ótimo! Tudo bem que ele tem o problema de soar como uma única música dividida em 11 partes, mas fora isso o álbum é muito bom! No resto, a revista está 10!

Gerson Joaquim Couto – Belo Horizonte, MG

A eterna briga Rio/SP. Aqui no Rio, venho observando uma reação negativa do "meio" (leia-se músicos e produtores) ao "movimento" advindo dos Artistas Reunidos. Sinto uma certa dor-de-cotovelo e inveja da parte dos cariocas, por eles não terem conseguido articular e criar algo tão criativo e estimulante. É bom lembrar que o discurso arrogante dos AR incomoda um pouco, mas os cariocas estão sendo levados por puro bairrismo. A resenha feita por Emerson Gasperin para o novo disco de Fernanda Abreu me parece estar sendo levada por um sentimento parecido, espero estar enganado. Mas, quando lembro do tratamento que BIZZ tem dado a artistas tipicamente cariocas, como Paulinho Moska e Farofa Carioca, entre outros, não pude deixar de pensar nisso.

Henrique Crespo – Rio de Janeiro, RJ

Acompanho BIZZ há mais de dez anos e estou revoltado! A revista anda crítica demais, metendo o pau em tudo que é tipo de artista. Fiquei com vontade de vomitar na cara de um crítico ridículo como Emerson Gasperin. Quem ele pensa que é para criticar e ofender uma cantora como a Fernanda Abreu? Deu vontade de rir e destroncar a mandíbula dele. É engraçado ele não ter gostado de *Entidade Urbana*, já que outros veículos, como *O Globo* e *Folha de S. Paulo*, falaram tão bem do CD. OK, gosto não se discute, mas ninguém pode negar a importância de Fernanda no cenário musical dos anos 90 no Brasil. Ele disse que ela fala muito em "cidades" no álbum. Ora, meu amigo, ela faz sempre discos conceituais. Em 1992, o *Be Sample* falava de sampler. Em 1995, o *Da Lata*, de lata. Você já deveria estar acostumado. Ela é precursora de novos sons e levadas. Já inventou tanto que estava mais do que na hora de fazer um álbum juntando tudo. Vocês pegaram pesado demais!

Jefferson Pazzuti – Campo Grande, MS

Emerson Gasperin responde: vocês estão certos. Entidade Urbana *é o melhor álbum de todos os tempos (apesar de soar como uma única música dividida em 11 partes) e só um grosso insensível como eu (nem paulista nem carioca) não percebeu isso (mas gosto não se discute).*

As palavras que nos comoveram

PAPO FIRME

Achei muito interessante a crítica feita sobre o CD da banda cearense O Surto. Acho que é fato incontestável para qualquer pessoa que pensa por si própria o fato de que, hoje em dia, a linguagem que predomina no rock brasileiro é essa de tatuagens, street wear, piercings e afins. Uma linguagem outrora marginal mais uma vez é capturada pela indústria cultural e embalada com ar rebelde e vendida para a molecada incauta e acrítica. Acho que eu e tantos outros esperamos por bandas que não sejam "fake" e que falem a linguagem da gente (nem todos compartilham esses valores e referenciais cantados por grupos radicais). A cena independente nos dá isso. Talvez as bandas mais legais da atualidade devam ser buscadas na sessão Democracia, e não nas páginas dedicadas ao rock "profissional". Lamento o fato de que grupos que cantam em inglês não possam ir mais longe devido a um preconceito bobo, que acha menos brasileiro quem faz isso. Mas isso é outro papo.

Robério Augusto – Fortaleza, Ceará

O Surto: nem em casa o santo faz milagre

SIMBOLO
Diretora-Presidente
Joana Woo
Vice-Presidente: Roberto Melo
Superintendente de Planejamento: Sandra Woo
Superintendente de Finanças: Pedro Frazão
Diretora de Circulação e Marketing: Regina Bucco
Diretora de Publicidade: Dilu Penze Huth
Diretora Jurídica: Henriqueta Pezelli

Bizz

Diretora de Divisão de Segmentadas: Luis de Castro
Diretora de Arte de Dewiss: Claudia Vargas

REDAÇÃO
Editor-Chefe: Emerson Gasperin
Editor: José Flavio Júnior
Editor de Arte: Dalton Flemming
Diagramador: Roberto Morgan Lopes
Revisão: Angela Maria Cruz
Colaboradores: Texto: Abonico R. Smith, Alexandre Matias, Alvaro Avila, Bernardo Araujo, Carlos Marcelo, Celso Pucci, Clarah Averbuck, Daniel Oliveira, Fabiana Batinela, Fabiana de Carvalho, Flavio Simonetti, Guilherme A. Hungria, Hagamenon Brito, Julio Moura, Luciano Marsiglia, Luis Antônio Giron, Marcel Plasse, Marco Bezzi, Patricia Rocha, Pedro Só, Ricardo Alexandre, Sérgio Maurus Fotografia: Ado Henrichs, Eugênio Vieira, Gustavo Caldas, Iaikara Souza, Marcos Bragatto, Roberto Nemanis Ilustração: Cobiaco, Diego Medina, Frank Maia
Correspondentes: Ricardo Woo e Amy Florence Ho (Nova York)
Produção Gráfica: Andréa Levorin
Símbolo Press: Ana Carolina Oliveira

PUBLICIDADE
Gerente de Publicidade: Liliane Pereira Santos • Executivos de Negócios: Marisa de Souza e Luciana Bergamasco • Contato Publicitário: Thelma Guilherme • Gerente de Publicidade de Representantes Regionais: André Barreiros • Gerente de Publicidade (RJ): Maria Pascarel • Contato (RJ): Anaide Franco • Escritórios: Rio de Janeiro: R. Voluntários da Pátria, 45, GR 401/402, RJ, CEP 22270-000, tel. (0xx21) 579-2230, fax (0xx21) 579-2240 Representantes: • Interior de SP: FdeCampos Consultoria e Assessoria S/C Ltda., R. Cazumuta, 1.280, cj. 106, Ribeirão Preto, SP, CEP 14030-000, tel./fax (0xx16) 635-5137 • Brasília: JCZ – Comunicações Ltda., SHTVS - Qd. 701, Bl. C, s. 330, Brasília, DF, CEP 70.340-907, tel. (0xx61) 322-2034, fax: (0xx61) 114-1561 • Ceará: A G Holanda Comunicação Ltda., R. Pedro Borges, 135, 10º and., s. 1.001, Fortaleza, CE, CEP 60055-110, tel. (0xx85) 253-4141, fax (0xx85) 231-4761 Minas Gerais: Magalhães Enock Ltda., R. Nunes Vieira, 156A, Belo Horizonte, MG, CEP 30350-120, tel. (0xx31) 3291-9717, fax (0xx31) 3296-2224 • Paraná: Yahn Repres. Comerciais Ltda., R. Senador Xavier da Silva, 448, cj. 806, Curitiba, PR, CEP 80530-060, tel. (0xx41) 232-3466, fax (0xx41) 2324737 • Rio Grande do Sul: Integrada Atendimento e Mídia, Av. Getúlio Vargas, 1.594, 6º and., s. 607, Porto Alegre, RS, CEP 90150-004, tels. (0xx51) 233-1587 e 233-1513, fax (0xx51) 233-1587; Integrada Atendimento e Mídia, R. Tapiranzinho, 55, s. 4, Novo Hamburgo, RS, CEP 93310-220, tel. (0xx51) 582-4120, fax (0xx51) 594-4089 • Santa Catarina: Central de Comunicação S/C Ltda., R. Anita Garibaldi, 79, s. 701, Florianópolis, SC, CEP 88010-500, tel/fax (0xx48) 222-4355

ADMINISTRAÇÃO
Gerente de Produção Gráfica: Fernanda Levorin
Gerente Administrativo: Fátima Faria

Fotolito Eletrônico: A. R. Fernandez
Impressão: Globo Cochrane, Gráfica e Editora - Vinhedo
Papel: Inpacel

SHOWBIZZ é uma publicação mensal da Símbolo Editora e Comunicação Integrada S.A. ISSN 0104-1649. Redação, administração, publicidade e correspondência: R. São Carlos do Pinhal, 60, Bela Vista, CEP 01333-000, São Paulo, SP, tel. (0xx11) 284-2255, fax (0xx11) 287-4979. Distribuída com exclusividade no Brasil pela DINAP S/A. Edições anteriores (mediante disponibilidade de estoque): solicite através de seu jornaleiro. SHOWBIZZ não se responsabiliza por conceitos emitidos em artigos assinados.

ANER IVZ

ASSINATURAS – (0xx11) 251-1255 (Grande São Paulo), 0800-153022 (demais estados), ou pelo e-mail: assinat@simbolo.com.br
SERVIÇO DE ATENDIMENTO AO ASSINANTE – Para resolver ou tirar dúvidas sobre sua assinatura: (0xx11) 253-8134 ou pelo fax (0xx11) 251-5465

Abril
PRESIDENTE E EDITOR: Roberto Civita
GABINETE DA PRESIDÊNCIA: José Augusto Pinto Moreira, Ophir Toledo, Thomaz Souto Corrêa
PRESIDENTE EXECUTIVO: Ophir Toledo
VICE-PRESIDENTES: Geraldo Nogueira de Aguiar, Giancarlo Civita, José Wilson Arruda Pinchoul, Luiz Gabriel Rico, Peter Rosenwald

Quem compara, compra

Vocês demoram um tempão para falar do Killing Joke e, quando isso acontece, simplesmente restringem a importância do álbum *Night Time* e nem citam o hino "Love Like Blood". Tudo bem, a revista está passando por mudanças, mas repetir erros (projeções sobre o futuro dos Hansons, comparar o vocalista do Tihuana com Manu Chao, ou, pior, Engenheiros com Rush) é, no mínimo, burrice!

Victor Alves – Santa Rosa, RS

Abolirinhas musicais

Estou muito chateada. Esses dias, meu querido Billy Corgan faz o último show dos Smashing Pumpkins em Chicago e vocês não fizeram qualquer tipo de acompanhamento digno!!! Tudo bem, quando ocorreu o fato a revista já estava sendo rodada, mas publicar meia página de uma das maiores bandas do universo é desaforo! E erraram o nome do álbum que vocês disseram que irá ser lançado pela internet. Ele já foi lançado em 25 cópias de acetato e as músicas estão à disposição no Napster. Até eu já tenho o disco, que se chama *Machina 2 – The Friends & Enemies Of Modern Music*.

Flávia Martins Bispo – Santos, SP

De vez em quando ele acerta

Pois é, apesar de fã da banda, devo confessar que *Breach*, o novo trabalho dos Wallflowers, me decepcionou. Por isso, concordei plenamente com Marco Bezzi, que fez uma crítica bastante coerente por sinal. Mesmo assim, eu continuo implorando que BIZZ publique alguma matéria com o grupo – uma entrevista, a cobertura de algum show, qualquer coisa, pôôôôôô!

Yaskara I. – São Paulo, SP

Geddy Humberto Lee Gessinger

Ao ler a edição de dezembro, tive uma grata surpresa ao me deparar com a entrevista de Geddy Lee. Sem sombra de dúvida, ele é uma das figuras mais importantes para a música, fez história com sua banda, e não foi por acaso. O cara realmente tem talento de sobra. Por isso, nada mais normal que ele tenha influenciado muitos jovens e até grande parte dos músicos brasileiros. E Humberto Gessinger é um deles. Para ser sincero, eu realmente não esperava ler a citação aos Engenheiros do Hawaii na entrevista. Humberto Gessinger nunca declarou ser a banda o "Rush brasileiro". O que ele sempre disse, desde o lançamento de *Ao Vivo Imediato*, é que a banda, assim como o Rush, tem uma periodicidade para lançar um disco ao vivo (o Rush após quatro álbuns de estúdio, e os Engenheiros, três).

Renato Galluzzi Costa Frega – Muriaé, MG

Correções:

- Na reportagem A 200 Kms Por Hora (edição 185), o encerramento da temporada de Roberto Carlos no Canecão está datado como "no fim de dezembro de 1970". A data correta é 29 de novembro.
- Quem escreveu a matéria do Rush (edição 185) foi Carlos Eduardo Oliveira.
- A ilustração da capa do Discofagia de dezembro é de Cobiaco.

Promoção Rock Batendo

Eis os ganhadores dos CDs dos Raimundos, Green Day e Deftones:
André de Lira Peroba – Rio de Janeiro, RJ
Ciro Torrente Augusto Hamen – Santos, SP
Domingos Chaves Jr. – Belo Horizonte, MG
Elder Toledo da Silva – Juiz de Fora, MG
Francisco Adante da Silva – Belém, Pará
José Carlos da Silva – Três Corações, MG
Leandro Ataide D'Assis – Piraí, RJ
Marcelo Augusto Júnior – Santos, SP
Marcel Gonçalves – Nova Andradina, MS
Marcus de Medeiros – Rio de Janeiro, RJ

Para o pessoal que quer ter alguém com quem conversar

ENTRE LEITORES

CORRESPONDÊNCIA

Alanis Morissette: Raphael Fonseca – Rua dos Biólogos, 194 – Rio de Janeiro, RJ – CEP 22723-510

Bauhaus e Sisters Of Mercy: Anderson Rodrigues – Rua Padre José de Seixas, 123 – Cotia, SP – CEP 06700-000

Bon Jovi e Guns N' Roses: Júnia B. Rose – Rua Guarany, 490, ap. 12 – São Vicente, SP – CEP 11360-000

Capital Inicial: Richard Ivan D'Assumpção – Av. João Vieira, 405 – Paulínia, SP – CEP 13140-000 – E-mail: capital2000@bol.com.br

Cranberries e Jewel: Roberta Pereira – Rua A, 12, Jardim do Sol – Rio Grande, RS – CEP 96216-160

Creed: Cristiane dos Santos – Rua Miniades, 11, Pareiheiros – São Paulo, SP – CEP 04883-060

Immortal: Juniel de Souza – Av. Joaquim Nelson, Q90, casa 14 – Teresina, PI – CEP 64078-600

Iron Maiden e Metallica: Renato Cabrini – Rua da Matriz, 64 – Cariacica, ES – CEP 29146-670 – E-mail: renato.zonta@zipmail.com.br

Jimi Hendrix e Planet Hemp: Alessandra Gomes – Rua Congonhas, 526 – Blumenau, SC – CEP 89053-400

Marilyn Manson: Tatyana Arneiro – Rua João Gasperini, 46 – Itupeva, SP – CEP 13295-000

Nirvana: Tiago Santos – Rua das Capitanias, 89, São Mateus – São Paulo, SP – CEP 03952-050

Offspring: Ana Karla Pimenta – Rua Francelina Cândido de Jesus – Betim, MG – CEP 32682-386

Pet Shop Boys: Bagá – Caixa Postal 21 – Mateus Leme, MG – CEP 35670-000

Radiohead: Rodrigo Ribeiro – Rua Laury Tavares, 28, Santa Maria – Vitória, ES – CEP 29043-230

Raimundos: Relter Monteiro – Rua Retiroândia, 40, Núcleo CVRD – Teofilândia, BA – CEP 48770-000

Shalter: Camila Holland – Rua Tenente José Jerônimo de Mesquita, 57 – Rio de Janeiro, RJ – CEP 22770-250

Silverchair: Stephania Amaral – Rua Tamarindus, 102/202 – Contagem, MG – CEP 32310-550

Sonic Youth: Rodolfo Abid – Av. Brasil, 79 – Cotia, SP – CEP 06700-000

Travis: Maycon Swain – Av. Euller de Azevedo, 977 – Campo Grande, MS – CEP 79116-610

FÃS-CLUBES

Lulu Santos: Fã-Clube Minha Vida – Rua São Roque, 400 – Vila Prudente – São Paulo, SP – CEP 03269-030 – E-mail: lulusantos@ieg.com.br

Red Hot Chili Peppers: Redhotinloveapotamus – Rua Nelson Mathias, 150 – Suzano, SP – CEP 08693-470

Com o rabo preso pelo demo

Quando Jimmy Page, o guitarrista do Led Zeppelin, começou a simpatizar com o soturno mago Aleister Crowley, nem imaginava a uruca que a adoração pelo oculto lhe traria

"Faz o que quiseres, porque tudo é da lei." Esse verso da canção "Sociedade Alternativa", de Raul Seixas, na verdade era o lema de vida do mago ocultista inglês Aleister Crowley, mote com o qual resumia a mensagem – "satânica", segundo alguns – que queria transmitir a seus seguidores, entre os quais Rauzito estava incluído com fé. E não era o único: os Beatles já tinham estampado a cara do guru maldito entre as personalidades presentes na capa de *Sgt. Pepper's*, e mesmo Ozzy Osbourne chegou a fazer uma canção em homenagem a ele ("Mr. Crowley") no seu primeiro disco-solo, *Blizzard Of Ozz*. Mas qual seria o motivo da fascinação que esse bruxo conseguiu exercer sobre grandes luminares do rock, ao longo dos anos 60 e 70?

Crowley nasceu em 1875, em Leamington, e morreu em 1947, em Sussex, ambas na Inglaterra. De família rica, teve uma juventude reprimida pela mãe, uma fanática católica que o chamava de "Besta 666" por seu interesse em magia negra e satanismo. Com a herança recebida de uma tia, rodou o mundo, ingressando em diversas ordens secretas e seitas e arregimentando um exército de "convertidos". Apesar de freqüentemente perseguido e sempre andando entre a genialidade e o charlatanismo, conseguiu atrair a atenção de intelectuais como Yeats, Ezra Pound e Dylan Thomas.

Contumaz apreciador de ópio e de outras drogas, pregava a fruição da vida por meio de todos os excessos e a busca da liberdade em experiências místicas, que incluíam orgias, cultos satânicos, matança de animais e eventuais sacrifícios humanos. Tudo em nome de livre consciência, que, segundo ele, poderia derivar tanto para os santos como para os demônios.

O discípulo Jimmy Page também pensava assim: "Me interessei quando ainda estava no colégio, vi logo que ele não havia sido bem compreendido. Esse papo todo de que ele era o pior homem do século XX é tudo bobagem. Pense só em Hitler... Crowley acreditava em uma nova era, previu a igualdade de sexos, a libertação dos instintos e a tecnologia. Tudo o que quis dizer é que há um diamante no final da vida de cada um, se ela for dedicada ao estudo e ao conhecimento". Porém o ilustre guitarrista mal poderia prever a zica que lhe traria tal adoração ao soturno mentor espiritual.

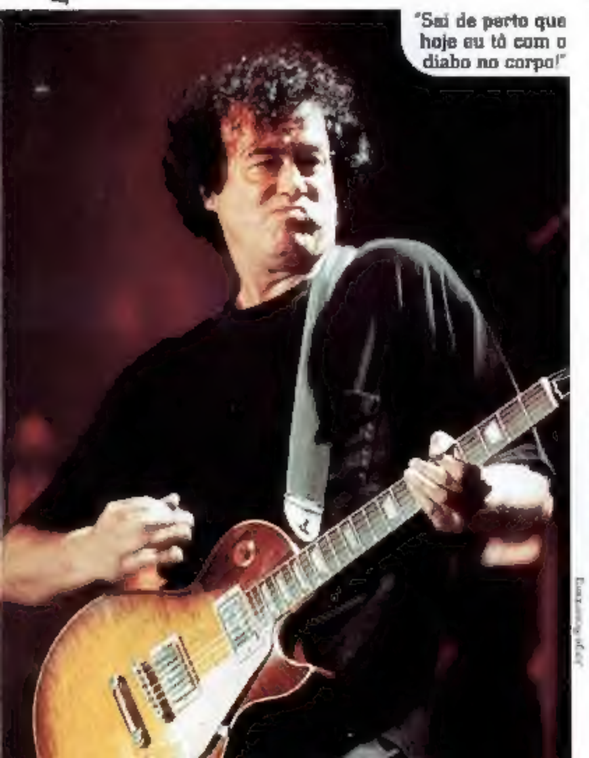
Page já colecionava livros, objetos pessoais e manuscritos de Crowley havia muito tempo. Mas, em 1970, com a ascensão do Led Zeppelin – e a conseqüente entrada de muita grana – vislumbrou uma oportunidade única: comprar a mansão Baleskine, à beira do Loch Ness (lago que, diz a lenda, é habitado por uma serpente pré-histórica), onde Crowley havia vivido por um longo período praticando seus rituais ocultistas.

Antes de se mudar para Baleskine, o guitarrista decidi[illegible] ra checar as "vibraç[illegible]. lhido foi o cineasta [illegible] neth Anger, que Page conhecera em um leilão, negociando manuscritos pornográficos de Crowley. O diretor também era adepto fervoroso do mago maldito e, desde 1967, quando vivia na São Francisco psicodélica, tinha um projeto de rodar um filme em reverência ao demônio chamado *Lucifer Rising*. Ele propôs que, em troca de sua estadia no lugar, Page compusesse a trilha sonora de seu filme. Resultado: o negócio foi fadado ao fracasso.

O cineasta não agüentou ficar muito tempo na sombria mansão e, em 1973, Page sugeriu que ele fosse para o bairro londrino de Kensington, onde o guitarrista estava abrindo uma loja de artigos de magia e ocultismo, a Equinox. Depois de redecorada com motivos satânicos, um dos zeladores do prédio suicidou-se e o outro ficou louco, enquanto Anger puxava o carro ao descobrir que "não podia entrar na cozinha para tomar uma xícara de chá sem que tocasse um alarme". Por seu lado, Page demorou três anos para compor apenas 28 minutos de música aproveitável para o filme.

A maldição de Crowley e do satanismo parece ter atrasado o lado de Page por muitos anos. Em 1980, o baterista John Bonham morreria sufocado pelo próprio vômito por causa do consumo excessivo de álcool na famigerada mansão, decretando o fim do Led Zeppelin. Quanto a trilhas sonoras, o primeiro trabalho-solo de Page foi para o horroroso *Desejo De Matar II*, tão intragável quanto a cara de Charles Bronson. Trabalhando com The Firm, Honeydrippers e David Coverdale, ele também se deu de mal a pior, recuperando-se apenas quando voltou a colaborar com Robert Plant, a partir de 1994. No fim, restou uma lição aprendida pelo velho Page: com o rabudo não se brinca.

Celso Pucci



"Sai de perto que hoje eu tô com o diabo no corpo!"

Meat Puppets

CARNE DE PRIMEIRA

Os primeiros álbuns da banda que influenciou Nirvana e o rock dos anos 90 em CDs interativos com faixas-bônus além de seu álbum ao vivo

Meat Puppets

Meat Puppets II

Up on The Sun

Out My Way

Huevos

Mirage

Monsters

Live in Montana

Nas melhores lojas

www.trama.com.br

TRAMA

pizzicato five

the fifth release from MATADOR

Konishi Yasuharu e Nomyia Maki, a dupla japonesa mais pop do mundo, com mais um álbum matador

MATADOR

TRAMA

Também disponíveis em CD

www.trama.com.br

Made in USA

Happy End of The World

The Remix Album:
Happy End of You

The Sound of Music
by Pizzicato Five

Playboy & Playgirl